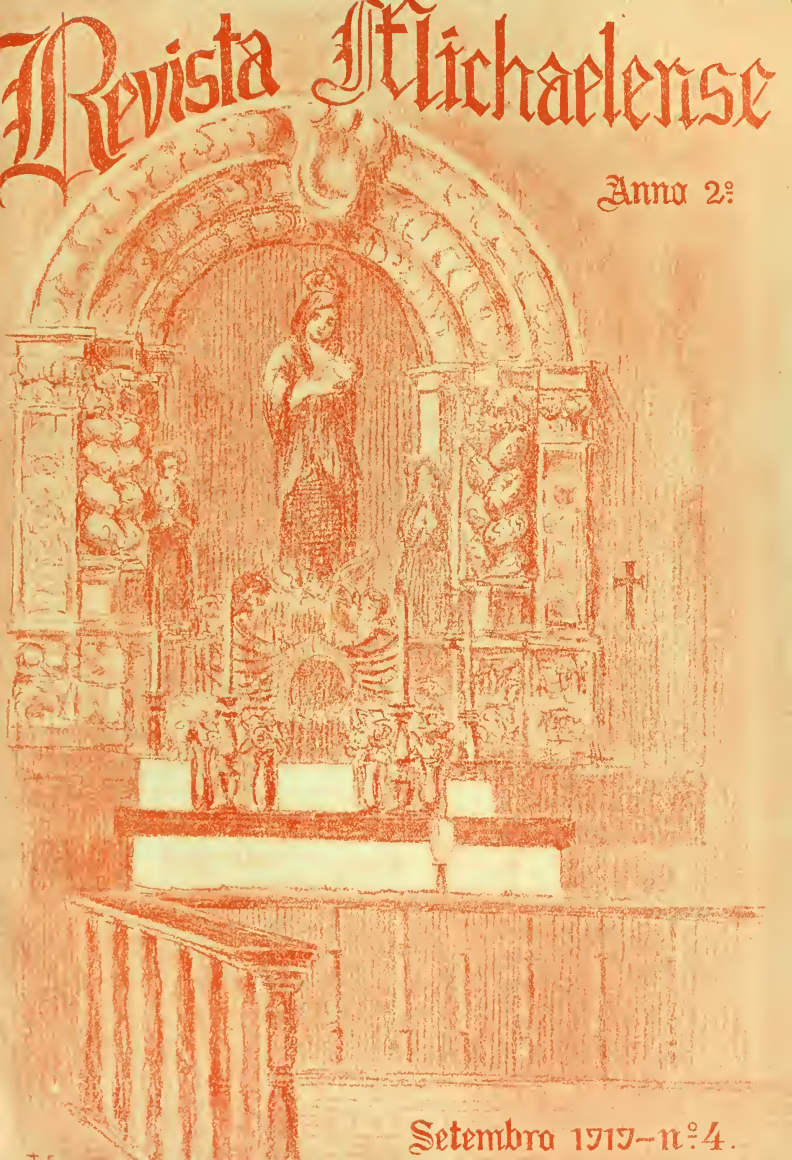
Revista Michaelense

Anno 2.º



Setembro 1917 – n.º 4.

INDICE

DO NUMERO ANTECEDENTE

PAG.

BREVE NOTICIA DA RECLUSÃO DO CONDE DO RIO GRANDE, LOPO FURTADO DE MENDONÇA, ALMIRANTE DA REAL ARMADA, NO CASTELLO DA ILHA TERCEIRA—por Bernardino José de Senna Freitas ... 211

HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DAS ILHAS DOS AÇORES E SUA DENOMINAÇÃO DE ILHAS FLAMENGAS—pelo dr. Jules Mées, traducção de Ayres Jacome Corrêa 220

PARAMENTOS RELIGIOSOS DO SECULO XIV DAS EGREJAS, MATRIZ DE PONTA DELGADA, E DO COLLEGIO DE ANGRA DO HEROISMO—por F. Afonso Chaves ... 255

A CRISE DA GUERRA NA INGLATERRA ... 264

POEIRAS DO PASSADO—O SOLAR—por Anibal Bicudo ... 278

NOTAS E ESTATISTICA DA ILHA DE SANTA MARIA, PELO ENGENHEIRO FRANCISCO BORCES DA SILVA NOS PRINCIPIOS DO SECULO XIX 283

CHRONICA ECONOMICA ... 293

APONTAMENTOS SOBRE ARCHITECTURA REGIONAL—por Luís Bernardo L. d'Athaide ... 315

LOJA NOVA

Luiz Soares de Sousa, Successores

RIBEIRA GRANDE

Com estabelecimento de atacado e retalho

Fazendas de algodão, lã e seda: Ferro, Cutelaria, Perfumaria, Guarda-soes, Chapeus, Cera, Stearina, Bijuteria, Algodões, Fitas, Utensilios para escriptorio, Assucares, Chá, Café, Arroz, Massas, Farinha, Azeite, Petroleo, Conservas, Doces, Vinhos do Porto e Madeira, Champagne, Licores, Tabacos, etc. etc,

Vendas a praso de 6 mezes para fazendas, e 3 mezes para mercearias

Das propriedades

Jacome Corrêa

Plantas d'ornamento

Sementes

Legumes

Fructas

Plantas d'abrigos e mattas

Rua do Collegio n.º 13

Carlos A. de Mendonça

Fazendas

Quinquilharias

MERCEARIAS

PREÇOS MODICOS

Povoação

Francisco de Medeiros Botelho

Commissões e Consignações

Unico depositario nesta Villa das Machinas "SINGER"

Agente das livrarias: Aillaud, Alves e C.ª, Francisco Luiz Gonçalves. Internacional

RUA RODRIGO GAMBOA

NORDESTE

S. Miguel — Açores

RAPOSO D'AMARAL, SEVERIM & C.ta

(Casa Bancaria)

Depositos á ordem e a praso

Emprestimos sobre letras, hypothecas, titulos, acções, etc.

C/CORRENTES

saques sobre o Paiz e Extrangeiro

Seguros na Companhia de Seguros «SAGRES»

ADMINISTRAÇÕES e todos os demais negocios bancarios

MARCA REGISTADA

E' o chá nacional que melhor aceitação tem nos Açores, Madeira e Portugal

Jayme Hintze

GORREANA—S. Miguel, Açores

Á venda em todos os bons estabelecimentos

Pedidos ao depositario

Henrique Pereira da Costa

PONTA DELGADA

Cortes de fato!

Em boas casimiras e lindos padrões

desde 12.500 reis

Colossal Sortimento!

Receberam

Sousa & Cardoso

LOJA DO POVO

Frente da Matriz

Revista Michaelense

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR — AYRES JACOME CORRÊA

Redacção e administração
RUA DO COLLEGIO N.º 13
PONTA DELGADA, S. MIGUEL-AÇORES

PREÇO AVULSO 1 ESC.

Composição e impressão
Oficina de Artes Graphicas
RUA JOÃO CHAGAS — P. DELGADA

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial
COPIA E TRADUCÇÃO INTERDICTAS

ANNO .º 2 | S. MIGUEL, SETEMBRO DE 1919 | N.º 4

Monographia de Santa Luzia do logar das Feteiras

por Antonio José Lopes da Luz

(IV PRIOR DAS FETEIRAS)

1908

I

LOGAR

A área do logar das Feteiras, conhecida por este nome, conforme nos diz Gaspar Fructuoso, desde o tempo em que abundavam os *fétos* nos seus extensos campos de pastos e mattos, extende-se de norte a sul por pouco mais de oito kilometros, desde um sitio montanhoso, antigo logradouro commum, conhecido ainda hoje com o nome de *Serra Devassa*, extremo limite com a freguezia de S. Antonio, até á órla maritima de uma altura espantosa, principalmente no sitio intitulado do *Monte Gordo*. Na direcção de leste a oeste, pela estrada publica de Ponta Delgada aos Mosteiros, podemos contar sete kilometros, desde a *Grota da Figueira*, que desce pelo Monte Gordo, extremo limite com o logar da Relva, até á *Grota da Baldaia*, extremo limite com o logar de Candelaria.

Collocados em qualquer sitio do Monte Gordo na estrada que o atravessa de léste a oeste, e olhando para os lados de noroeste a nordeste, não podemos deixar de admirar os formosos caprichos da natureza e os encantos que n'esses sitios nos offerecem os varios montes e valles, os picos e os outeiros, todos cobertos de uma verdura perpetua!... De uma altitude de mais de 700 metros, no cimo do Pico das Egoas, no centro da Serra Devassa, podemos ainda admirar o bello panorama que a nossa vista descobre a distancia de muitos kilometros nas parochias circumvisinhas!... No cimo do mesmo pico podemos tambem vêr e admirar duas lagôas, a primeira das quaes, no rumo de oeste para léste, é intitulada a *Lagôa do Junco*. e a segunda quasi imperceptivelmente formada de outras duas, a que se dá o nome de *Caldeirões do Pico das Egoas*. Maior ainda do que estas, e quasi atravessando a Serra-Devassa de norte a sul vê-se a *Lagôa Rasa*, e entre esta e outra de figura oval, a que dão o nome de *Lagôa do Carvão*, podemos ainda distinguir duas pe-

quenas lagôas intituladas *Caldeirões da Lagôa Rasa*, e outras duas maiores intituladas *Caldeirões das Vaccas Brancas*.

Além da Serra-Devassa, já nos limites das freguezias do norte, principia o vasto campo do *Carcereiro*, e caminhando de leste para oeste, o *Portal do Paul* com duas Lagôas no centro intituladas as *Empadas* ou *Lagôas do Paul*, depois de um sitio extenso conhecido por *Sitio dos Covões*, depois ainda o sitio do *Canario* com a sua lagôa do mesmo nome no centro, e finalmente o sitio do *Ferreiro* junto á rocha das Sete-Cidades.

No regresso da Serra-Devassa á nossa parochia das Feteiras podemos passar de leste a oeste, por qualquer dos pontos seguintes: sitio dos *Folhadinhos*, *Pico das Oveiras*, *Ponta da Lagôa Rasa*, *Pico Redondo*, *Santos*, *o Ferreiro*, *os Aguilhões*, *o Serrádo-Novo*, *a Ferraria*, sitio das *Covas*, os *Espigões*, deixando á nossa direita a *Chã da Cancella* e o *Pico da Viuva*.

Depois de termos atravessado vastissimos campos de ferteis pastagens e alguns de bôas culturas, chegamos á estrada publica do Monte Gordo, de uma altura vertiginosa, nada menos de 250 metros sobre as pedras continuamente fustigadas pelas vagas muitas vezes embravecidas do oceano. As rochas do Monte-Gordo, pouco menos do que escarpadas, são muito divididas em cerrados de pequenas glebas, cobertos de formosas parreiras onde antigamente se colhia em grande abundancia o verdelho, o sobrainho e a malvasia, e onde ainda hoje fructifica a Izabel ou uva de cheiro como na Caloura ou no Cerco de Agua de Pau. Algumas d'essas glebas são regadas pelas aguas de uma boa nascente de agua potavel.

PANORAMA DAS FETEIRAS
Vista da Estrada Nacional ao Ramal

Penosamente e com o maximo cuidado é necessario descer de umas para as outras glebas em despenhadeiros horripilantes, apoiando muitas vezes os nossos pés em escaleiras cavadas na rocha, e lá em baixo as vagas do oceano mugindo e augmentando em nós o susto e o receio com os seus mugidos ameaçadores!... Muitas das pequenas glebas são tambem cultivadas de batatas, produzindo d'este genero fructos de optima qualidade e em grande abundancia. Deixando o Monte-Gordo de uma superficie de muitos kilometros quadrados, e caminhando para oeste, cada vez nos approximamos mais do povoado das Feteiras.

Conforme os apontamentos, que obsequiosamente recebi do nosso illustradissimo bibliothecario de Ponta Delgada, Alexandre de Souza Alvim, eis como Gaspar Fructuoso descreve, com referencia a um ponto anterior, o littoral da nossa parochia das Feteiras:—d'ahi a um quarto de légua está a grota que se chama da Figueira, por haver tido em si uma; e logo junto está a ponta Aguda, assim dita por ser a rocha que faz; d'esta ponta Aguda a um quarto de légua, está a cruz do Monte Gordo que é uma terra grossa onde, de muito tempo a esta parte, está uma cruz arvorada, fazendo alli a rocha uma ponta ao mar, que se chama ponta da Cruz, defronte da qual estão no mar uns baixos; adeante está outra ponta que chamam das *Feteiras*, por haver n'ella muitos *fetos*, que tem umas ilhas ao mar muito pequenas *(provavelmente uns Cachopos, que lá existem ainda hoje)* entre os quaes e a ponta passam barcos onde estão as terras que foram de D. Fernando e

de D. Guiomar de Sá, sua mulher; d'alli a mais de um quarto de légua está um porto em que sahem bateis, por cuja razão se chama o porto dos Bateis *(hoje completamente abandonado)* no qual já se fez antigamente uma náu muito grande; e arriba, na terra, está o logar das Feteiras que cobrou este nome, por haver n'elle muitos *fetos*, em uma terra mais baixa e rasa, muito bem assombrada, que se quer parecer, n'esta parte, com a da ilha da Madeira, cuja freguezia é da invocação de St.ª Luzia. etc.

Como se vê, só a parte baixa da nossa parochia era povoada no tempo de Gaspar Fructuoso, sendo hoje muito superior á população dos sitios mais altos. Vamos agora descrever como sabemos toda a circumscripção povoada.

Uma serrania de bons terrenos e quasi todos bem cultivados, ainda que muito expostos ás ventanias do sul, n'uma inclinação mais ou menos ingreme e na altitude media de 350 metros, circumda os sitios povoados em forma de um perfeito arco de circumferencia, de leste a oeste, na distancia de trez kilometros approximadamente. Em uma só rua, muito irregular, interrompida por canadas ou becos, e em muitos sitios por campos de cultura sem habitações, muito perto das encostas da serrania, e separada do oceano por extensos campos de boas terras lavradias, existe a população actual com pouco mais de 500 fógos, nos quaes se abrigam pouco mais de 2.000 habitantes.

Comtudo, é a parochia dividida em varias secções, e muitas d'estas são conhecidas pelos moradores com o nome de ruas, distinguindo-se os becos e as canadas por nomes particularmente proprios, e dando-se o nome commum de Rua Direita a cada uma das secções da unica que merece o nome de rua, ainda que composta de linhas quebradas a certas distancias.

A primeira divisão, que em outros tempos parecia dividir os habitantes em dois povos differentes, principalmente nas occasiões dos *imperios*, é a da secção dos de *cima* e a dos de *baixo*. E' muito duvidoso o ponto d'esta divisão, a meio da rua principal, nas proximidades da Grota de Santa Luzia, por que alguns dos moradores de um dos lados da grota desejavam pertencer á sociedade dos moradores do outro lado, e muitos, em fim, mais amigos da união e da paz, levavam sempre a mal esta divisão. Sem fundamento algum na topographia do logar, principalmente depois de se ter feito por conta do municipio um largo aterro em forma de uma bonita praça sobre um arco que atravessa a grota no ponto das discordias, esta divisão fundamenta-se já hoje em tradições de antigas rivalidades ou mesquinhas dissidencias unicamente por causa dos *imperios* do Espirito Santo.

Principia a secção dos de *cima* na Ponta do Espigão, sitio afastado approximadamente um kilometro do logar onde principia a Vigia do Monte Gordo, e prolonga-se para oeste na distancia de 200 metros até á Grota do Ramalho, com meia duzia de soffriveis casas de habitação. Nas proximidades da Grota do Ramalho, antes de chegarmos ao canto de uma canada muito espaçosa em comprimento e de largura regular a que dão o nome de Rua Nova, podemos contar pouco mais de 20 habitações, menos soffriveis do que as da ponta do Espigão, dando-se a esta parte da rua principal o nome de Rua Direita do Ramalho. Descendo á nossa esquerda, no rumo do sul, pela referida Rua Nova, n'uma inclinação de 10 °/₀ contaremos 30 habitações, algumas de palha e outras de telha, mas todas ellas novas e terreas, e todas ellas indicando nas suas humildes apparencias a pobreza dos seus habitantes. Depois do canto superior da Rua Nova, continuando sempre na rua Principal, e agora com o nome de Rua Direita da Chã da Fonte, deixamos no rumo do norte uma canada muito ingreme de 10 habitações com o nome de rua da Giesta. Continuando o nosso passeio por entre 24 habitações de familias mais ou menos remediadas, algumas baixas e outras altas de soffrivel apparencia, chegamos pela rua Direita da Chã da Fonte a um sitio mais largo do que a rua, onde existe uma boa fonte de agua potavel, e sem interrupção alguma pelo pavimento bem nivelado da mesma rua, agora com o nome de Rua Direita da Chã da Cruz contamos n'este sitio 14 casas telhadas e duas de palha.

Deriva o nome d'esta rua de uma cruz de pedra lavrada a que se refere Gaspar Fructuoso, conforme vimos nos apontamentos do Snr. Alvim. Depois da Chã da Cruz atravessamos a Grota das Lagens sobre uma ponte construida no tempo do Exmo Snr. Antonio Borges da Camara e Medeiros, e que é sem duvida um dos melhoramentos referidos no *Cartista dos Açores*, n.º 148 de 23 de agosto de 1849, conforme os apontamentos do mesmo Snr. Alvim, no qual gastou S. Ex.ª mais de 240.000 reis. Além da ponte podemos descer em saltos perigosissimos para a Grota das Lagens passando por oito habitações de aspecto miseravel, ou subir á nossa direita pela Canada da Cruz com cinco casas de aspecto agradavel. A Chã da Cruz, em fim, é o cimo de um altissimo arrebentão, cuja altitude pode ser calculada em mais de 250 metros.

Descemos depois o referido arrebentão na rua principal com o nome de Calço da Cruz, contando 34 casas em ambos os lados até á interrupção da Canada do Engenho, onde podemos contar na direcção sul 18 casas de numerosas familias. Conforme a tradição, deu-se o nome de Engenho a esta canada, porque realmente houve n'ella antigamente um Engenho onde se fazia o extracto do oleo de baga de louro. Deixamos n'este sitio, quasi defronte da Canada do Engenho, mais uma fonte de boa agua potavel, e continuamos na rua principal em outra secção de Rua Direita do Engenho ao Grotilhão contando 20 casas, até que deixamos á nossa esquerda, no rumo do sul, a Canada do Grotilhão com 16 habitações de familias muito pobres. Na rua principal, sempre intitulada Rua Direita, nas suas varias secções, e sempre a descer mais ou menos, contamos ainda uma duzia de casas de soffriveis apparencias até á Grota de Santa Luzia, hoje uma bonita praça sobre o arco ou aqueducto da Grota, no centro do qual existe um chafariz de marmore branco com quatro fontes voltadas para os quatro pontos cardeaes, e que durante muitos annos havia servido na praça do municipio de Ponta Delgada. Junto á Grota de Santa Luzia, no rumo do norte, caminhamos ao principio pela intitulada rua da Fonte com 12 habitações de gente pobre, passando-se pela fonte que lhe dá o nome, e sobe-se depois como quem sobe um grande precipicio pela rua da Azenha sobre pedras que formavam antigamente uma calçada, e em toda esta rua de 250 metros podemos contar 25 casebres de pobres familias de lavadeiras.

Estrada Nacional — As primeiras casas das Feteiras

E' agora que principiamos no sitio dos de *baixo* sem interrompermos o nosso passeio pela rua principal, e continuando pela parte d'esta a que dão o nome de Rua do Canto, com nove habitações, deixamos á nossa direita, para o norte, a rua do Beco com doze casas de familias pobrissimas, e seguimos pela rua Direita da Egreja de pavimento bem nivelado contando em ambos os lados 10 casas de boas apparencias onde moram familias bem remediadas. No fim d'esta rua encontramos á nossa esquerda a egreja parochial de Santa Luzia, no mesmo sitio da antiga ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, com a sua frente para oeste, edificada em 1838 por iniciativa e valiosos auxilios do seu primeiro prior, Sebastião Gonçalves de Moraes. Em outro capitulo diremos o que se pode saber das receitas e despezas realisadas nas obras d'este edificio. A egreja é ampla e bem cons-

truida com o unico defeito de ser a sua altura desproporcionada com as outras dimensões, e talvez por isso de pessimas condições acusticas. Tem a egreja, além do altar da capella-mór, recentemente edificado e dourado, em substituição do primeiro, e a mesma capella recentemente pintada, mais quatro altares, dois dos quaes aos lados do arco cruzeiro, tambem reedificados de poucos annos, e os outros dois com os seus retabulos muito antigos e que em outros tempos tinham servido na egreja do Collegio de Ponta Delgada. E' justo consignar-se n'este logar que a nova imagem do orago foi adquirida por commutação de um voto de 100 mil reis de João Raposo Simões e uma esmola de 50.000 rs. da Ex.ma Snr.a D. Florinda Izabel, viuva de Jacintho Raposo Benevides, fallecida em 1905.

E' uma imagem encantadora de perfeição artistica.

Depois da rua Direita da Egreja, continuamos o nosso roteiro pela rua principal da freguezia, agóra intitulada Rua de Fóra, porque se esconde pelos lados do sul e oeste, em forma de um arco muito irregular, a Rua d'Além, com a sua entrada junto á porta principal da Egreja e a sahida no termo da mesma rua de Fóra. Tem a rua d'Além 17 casas, e a Rua de Fóra 13, muitas d'ellas de familias pobres e algumas remediadas. Continuando o nosso roteiro pela rua de Fóra, é necessario no fim d'ella descermos por um curto arrebentão, atravessando depois por cima de um arco ou aqueducto a Grota das Feteiras, que dá o nome a este sitio com as suas habitações. Deixamos depois á nossa esquerda, em direcção a sudoeste, a rua dos Vinte e Quatro, ou uma canada de mais de 200 metros, até quasi ao cimo da rocha maritima com 20 miseraveis albergues. Em seguida ao canto da rua dos Vinte e Quatro passamos a poucos passos pelo cemiterio publico da parochia, e entramos na rua Direita dos Grotilhões com 14 habitações, interrompida por 3 pequenos becos, dos quaes o primeiro, com 11 casas, tem o nome pouco conhecido de beco da Fé, o segundo com 4 casas tem o nome de beco da Esperança, e o terceiro com 8 casas tem o nome de beco da Caridade.

Depois da Rua Direita dos Grotilhões continuamos o nosso passeio pelo prolongamento da mesma rua com o nome de Rua das Cruzinhas com 10 habitações altas ou baixas, mas todas ellas de familias pobres. No fim d'esta rua ha uma fonte de agua potavel e ao lado da fonte, no rumo do norte, uma canada com o nome de Canada das Cruzinhas, que liga a rua principal da freguezia, ou antiga estrada publica, com a estrada nova, já hoje conhecida com o nome de Rua da Estrada Nova.

Voltando á rua principal e continuando o nosso passeio, sempre de leste para oeste, passamos 200 metros de caminho desde a fonte das Cruzinhas até deixarmos á nossa esquerda uma canada que desce para o már com o nome de Canada do Porto, e que termina no referido porto a que Gaspar Fructuoso chama Porto dos Bateis. Podemos contar n'esta Canada apenas quatro habitações, e depois de termos passado na estrada ou caminho principal por mais sete casas muito isoladas, ao fim de 150 metros da ultima, chegamos ao sitio intitulado do Biscouto. Tem este sitio, similhante a uma pequenina aldeia muito isolada, 24 albergues de familias pobrissimas.

Continuando o nosso passeio pela antiga estrada publica, passamos 200 metros de caminho sem habitações, e deixando á nossa esquerda um casal no meio das terras, chegamos á Grota de Maria Martins, que facilmente atravessamos sobre uma ponte muito alta, depois da qual caminhamos mais 200 metros até ao ponto em que encontramos o vértice de um angulo formado pelo encontro da estrada nova com o antigo caminho. Caminhando-se mais 200 metros pela unica estrada desde o ponto de convergencia das duas, chegamos á Grota da Baldaia, e atravessando esta sobre outra ponte ficamos na Lomba da Cruz. Não obstante ser a Grota da Baldaia o limite civil entre as parochias de Feteiras e Candelaria, contamos ainda no nosso roteiro parochial 14 fógos na Lomba da Cruz, havendo lá apenas um só fôgo que pertence a Candelaria no fôro ecclesiastico.

Na estrada nova, encravada na serrania pela distancia de 250 metros, desde a

Ponta do Espigão, mais ou menos parallela á rua principal das Feteiras, até seguramente 2.500 metros no ponto em que ambas se encontram, podemos ainda contar 16 habitações isoladas a grandes distancias, todas novas e muito elegantes, ainda que modestas e sem signaes alguns de riquezas e apparatos, excepto o palacio pouco afastado da mesma estrada, que é hoje propriedade do Illmo e Exmo S nr. Dr. Duarte de Andrade Albuquerque. Fóra da cidade de Ponta Delgada, não me parece que haja um edificio de tanta elegancia e com todas as commodidades bem proprias de pessoas ricas. E' este palacio rodeado de um jardim de bom gosto, e nenhuma distracção mais innocente e agradavel podemos encontrar n'esta parochia do que um passeio por aquelle jardim, com a permissão do seu proprietario, que é realmente um cavalheiro tão illustre como generoso.

Conforme o methodo seguido nas nossas *Monographias*—de Candelaria e Ginetes, vamos agora fazer a nomenclatura de todos os sitios povoados ou êrmos, montes, valles, lagôas, terras, canadas, mattos e pastos, embora repetindo alguns acima referidos.

SITIOS POVOADOS

Secções dos de *cima* e dos de *baixo*—Ponta do Espigão—Rua Direita do Ramalho—Rua Nova—Rua da Giesta—Rua Direita da Chã da Fonte—Rua Direita da Chã da Cruz—Grota das Lagens—Canada da Cruz—Calço da Cruz—Canada do Engenho—Canada do Grotilhão—Rua Direita do Engenho ao Grotilhão—Rua Direita da Grota de Santa Luzia—Rua da Fonte—Rua d'Azenha—Rua do Canto—Rua do Beco—Rua Direita da Egreja—Rua da Cerca—Rua de Fóra—Rua d'Além—Rua da Grota das Feteiras—Rua dos Vinte e Quatro—Rua dos Grotilhões—Canadas ou becos da Fé—da Esperança—da Caridade—Rua Direita das Cruzinhas—Canada das Cruzinhas—Canada do Porto—Sitio do Biscouto—Lomba da Cruz—Estrada Nova—

Vinhas e terras de cultura

Fonte Grande—Rôcho—Branco—Fajã do Már—Rabo Têso—Lápa—Fajans—Piço das Voltas—Capello—Lomba do Quarteiro—Lomba da Grota das Lagens—Cova do Engenho—Olho de Peixe—Vinte e Quatro—Posto—Biscouto—Meio Moio—Covas—Terças—Baldaia.

Terras e pastos da estrada ao matto

Grota da Figueira—Grotilhão do Engenho—Furado ou Abêrta—Grotilhão do Vinho—Pico de D. Antonia—Pico do Vigario—Parede da Taveira—Sanguinho—Grotilhão da Rocinha—Figueirinha—Vigia—Lomba da Pedra—Piquinhos—Lombinhas—Tábolas—Romangos—Travessa—Parede da Cafúa—Róça—Fóros - Cóvas—Chã do Tanque—Pico—Bardo—Courelas—Cruzinhas—Pau Branco—Biscouto—Escadinha—Aleixo—Maria Martins—Tronqueira—Sanguinhos—Mattos—Rochão—Serrado d'Areia—Lombinha—Serrado da Fonte—Lomba Larga—Cintres—Vaqueiro—Espigão da Ribeira—Pico Redondo—Santos—Terreiro—Serrado do Salto—Touril—Serrado Novo—Ferraria—Covas—Espigões—Piquetes—Ginjal—Fajãs—Lombas—Pico da Viuva.

Sitios mais afastados do povoado

Monte Gordo—Serra Devassa—Pico das Egoas—O Pombal—A Cancella—Chã do Tanque—Lagôas do Junco—dos Caldeirões—do Paúl—do Carvão—La-

gôa Rasa—Lagôa das Empadadas—Lagôa das Vaccas Brancas—Sitios do Carroceiro—do Portal do Paúl—dos Folhadinhos—do Pico das Oveiras—das Pontas da Lagôa Rasa—do Pico Redondo—Serrinha dos Santos—Pico dos Viuvos—dos Outeiros—do Outeiro da Cruz—Serrado do Curral—Valle Fundo.

XI

POPULAÇÃO

Menos populoso, ainda que mais antigo, era o logar das Feteiras do que o de Candelaria, no principio do seculo XVII, pois que, conforme o numero de nascimentos no decennio de 1621—a—1630, podemos calcular a sua população n'uma média de 85 fôgos com 382 habitantes, quasi a mesma população que vemos em Candelaria no penultimo decennio do seculo XVI, emquanto que n'este ultimo logar e no mesmo decennio de 1621—a—1630 é calculada a população n'uma média de 104 fógos com 468 habitantes. Pouco mais do que estacionaria continuou a população das Feteiras até ao decennio de 1661—a—1670, augmentando nos decennios seguintes até 1720, diminuindo sensivelmente nos decennios posteriores ao fim do século, augmentando espantosamente no seculo XIX, até que no anno de 1900 havia nas Feteiras quasi o duplo da população de Candelaria.

Tomaremos para fundamento dos nossos calculos sobre o movimento popular das Feteiras o mesmo principio que nos guiou nas *Monographias* de Candelaria e Ginetes, isto é, o producto de seis unidades pela media de nascimentos de cada decennio, alcançando d'este modo a media de fogos de cada anno do mesmo decennio, e o producto da media de fogos por quatro unidades e cinco decimas para alcançarmos a media annual do numero provavel de habitantes.

O Ramal Novo

Menos feliz no archivo parochial das Feteiras do que no de Candelaria, mas certamente mais feliz do que no de São Sebastião dos Ginetes, nas minhas pesquisas de documentos antigos, encontro a escripturação de casamentos e nascimentos sem interrupção alguma desde 1818 até hoje. Não acontece, porem, o mesmo nos assentos de obitos, pois que só encontro os dos adultos de 1630—a—1760, e de todas as edades de 1771 por diante.

No nosso novo trabalho dos *Boletins* podemos contar 2772 familias no longo decorrer de 280 annos, ou de 1621—a—1900, das quaes 1982 constituidas pelo casamento n'esta parochia, 683 cujos chefes contrahiram matrimonio em outras parochias, algumas d'estas ultimamente nos Estados Unidos d'America, e 98 de mulheres solteiras ou viuvas com filhos illegitimos, e finalmente nove uniões illegaes. Como meio de facilmente se poder apreciar o movimento demographico das Feteiras de duzentos e oitenta annos, vamos apresentar o respectivo mappa em vinte e oito decennios,

Mappa do movimento popular de 1621—a—1900

DECENNIOS	Numeros por decennios de							Familias illegitimas				
	Casamentos	Nascimentos			OBITOS			Medias de		Mulheres livres	Concubinatos	Expostos
		M.	F.	Total	< 7	>7	Total	Fogos	Almas			
1621—a—1630	22	73	69	142				85	382			
1631—a—1640	23	82	78	160	24		24	96	432	7		
1641—a—1650	31	82	84	166	32		32	99	445	3	2	
1651—a—1660	31	86	76	162	43		43	97	436	3	1	
1661—a—1670	21	84	65	149	43		43	89	400	2		
1671—a—1680	29	97	84	181	52		52	108	486	5		
1681—a—1690	41	120	93	213	110		110	127	571	3		
1691—a—1700	48	135	129	264	143		143	158	711	1	1	
1701—a—1710	68	158	127	285	55		55	171	769	1		
1711—a—1720	62	160	154	314	80		80	188	846	3		
1721—a—1730	62	158	148	306	140		140	183	823	1		
1731—a—1740	57	140	160	300	87		87	180	810	2		
1741—a—1750	66	147	126	273	107		107	163	733			
1751—a—1760	57	144	124	268	128		128	160	720	2		
1761—a—1770	55	154	155	309	103		103	185	832	3		
1771—a—1780	57	131	140	271	144	160	304	162	749	2		
1781—a—1790	62	146	95	241	114	64	178	144	648	1		
1791—a—1800	63	145	133	278	98	106	204	166	747	2		
1801—a—1810	72	168	177	345	185	110	295	207	931	10	2	
1811—a—1820	76	171	175	346	171	183	354	207	931	5		
1821—a—1830	80	245	213	458	146	180	326	274	1433	4		
1831—a—1840	100	215	223	438	171	180	351	262	1179			
1841—a—1850	95	294	265	559	121	327	448	335	1437	4		63
1851—a—1860	87	342	287	629	150	297	447	377	1696	4		75
1861—a—1870	106	320	260	580	205	249	454	348	1566	7	1	51
1871—a—1880	176	408	394	802	205	350	555	481	2164	4	1	14
1881—a—1890	163	439	402	841	236	362	598	504	2268	14	1	1
1891—a—1900	172	403	457	860	224	317	541	516	2322	5		

OBSERVAÇÕES

Vê-se no mappa precedente, que em 280 annos nasceram 10.140 individuos, dos quaes 5.427 do sexo masculino, e 4.893 do sexo feminino, havendo por tanto uma differença de 354 individuos a favor do sexo forte.

Comparando a natalidade com a mortalidade, vê-se que nos annos de 1771—a—1900 falleceram 5.055 individuos, dos quaes 2.170 maiores de sete annos, e 2.885 menores da mesma edade. No mesmo periodo de tempo nasceram 6.648 individuos de ambos os sexos, e por tanto, temos a mortalidade de pouco mais de 76 °|o sobre a natalidade, ou mais de 8 °|o do que na proxima freguezia de Candelaria.

Diz Gaspar Fructuoso, conforme os apontamentos do Snr. Alvim, referindo-se á parochia das Feteiras: *Tem 92 fógos, e almas de confissão 402, das quaes são de communhão 280.* E conforme a Revista dos Açores, vol. XI, pag. 145, devia ser a população das Feteiras em 1591 de 101 fógos, em 1592 de 105 fógos, e em 1593 de 103 fógos. Parece-nos pois, que a população das Feteiras diminuiu, ainda que

pouco, pelos fins do seculo XVI ou principios do século XVII, porque no decennio de 1621—a—1630 apparecem-nos no registo parochial só 142 nascimentos, ou a media annual de pouco mais de 14, e por tanto, conforme os nossos calculos, 5 fógos com 382 habitantes,

Outra estatistica da mesma Revista e no mesmo vol. pag. 146, diz que era a população das Feteiras no anno de 1640 de 92 fógos com 350 almas, e em 1646 de 104 fógos com 543 almas. Parece-nos pouco em 1640, e muito em 1646, porque no decennio de 1641—a—1650 temos a média de pouco mais de 16 nascimentos, que multiplicada por 6 unidades, dá-nos 99 fógos com 445 almas. São tão pequenas porem, estas differenças, que sem prejudicar a verdade da Revista dos Açores, mais servem de confirmar a grande probabilidade dos nossos calculos, unicamente fundados no numero de nascimentos do registo.

Uma referencia de Fr. Agostinho de Mont'Alverne, incluida nos mesmos apontamentos, dá-nos pelos fins do seculo XVII uma população de 349 com 598 pessôas de communhão. Parece-nos muito exaggerados estes numeros, porque no decennio de 1691—a—1700 apenas encontramos a media annual de pouco mais de 26 nascimentos, e por tanto o numero provavel de 158 fógos com 711 habitantes, ou pouco mais, mas não a grande população de 349 fógos, que só nos apparece mais de seculo e meio depois, isto é no decennio de 1861—a—1870.

Do mesmo modo exaggerado me parece o informador de Francisco Affonso Chaves e Mello na sua *Margarita Animada* (Archivo dos Açores, vol. I pag. 217) fixando a população d'esta freguezia nos principios do seculo XVIII em 462 com 660 almas de confissão, pois que a media annual de nascimentos no decennio de 1721—a—1730 não excede 30,6 de individuos, e por tanto 183 fógos com 823 habitantes, nem nos parece em verdadeira relação o numero de 462 fógos com 660 almas de confissão.

Com maior exactidão se pode ver a população das Feteiras na Encyclopedia Portugueza Illustrada (vol. IV pag. 738) abstrahindo da emigração, porque já hoje seguramente a terça parte d'ella existe nos Estados Unidos da America do Norte.

E' muito arbitrario, em fim, o modo de contar os fógos de uma população. No nosso modo de vêr devemos contar por cada fogo todos os individuos que constituem uma communidade que se abriga na mesma casa, ou vivem economicamente unidos (excepto as hospedarias, as communidades religiosas e os quarteis militares), não só o pae, a mãe e os filhos, mas ainda alguns outros individuos parentes ou relacionados com a mesma familia por qualquer circumstancia de vida, o pae viuvo ou sogro do chefe da casa, ou da sua mulher, um irmão, solteiro ou viuvo, de um ou do outro, uma irmã ou uma cunhada, solteira ou viuva creados ou creadas, e até uma ou mais pessoas, embora estranhas, mas accidentelmente hospedadas na mesma casa. Alguns dos meus antecessores porem, contavam por tantos fógos na mesma casa quantos os individuos que não fossem o pae, a mãe e os filhos, e assim tinhamos na mesma casa dois fógos quando n'ella residia um irmão, um cunhado, um tio, o sogro ou a sogra, o pae ou a mãe do chefe da familia, e d'este modo chegou o numero de fógos da nossa parochia ha muitos annos a mais de 600, sendo verdade que ainda hoje podemos contar pouco mais de 500.

FAMILIAS

Raposos—Rodrigues—Pachecos—Botelhos—Furtados—Entre os troncos mais antigos das actuaes familias que conhecemos nas Feteiras podemos aqui nomear Pedro Raposo e Maria Rodrigues, que fizeram baptizar n'esta egreja, entre outros, um filho de nome João Rodrigues, depois capitão, casado em 1652 com Marianna Pacheco, paes do alferes Antonio Pacheco Raposo, casado em 1718 com Anna de Araujo, paes de Maria Josepha da Conceição, que casou em 1747 com José Botelho, paes de Pedro Botelho, que casou em 1786 com Marianna Antonia Furtado, paes de Anna Miquelina da Gloria, que casou em 1823 com José Furtado, proximos ascendentes da numerosa familia dos Furtados

Macedos—Botelhos —Sampaios—Raposos—Benavides—Do mesmo modo muito antigas, e sem duvida as mais illustres pelos seus ascendentes entre todas as familias de origens muito remotas na nossa freguezia das Feteiras, embora cruzadas com outras de origens recentes, temos a familia Macedos, antepassados do P.e Jeronimo de Macedo, que nasceu em 1670 e fallecen em 1735.

Era elle tio paterno do P.e João Botelho de Macedo, e irmão do capitão Manuel Ignacio de Macedo, e pelo cruzamento matrimonial de um filho d'este, cujo nome ignoramos, com a familia Sampaios de Ponta Delgada, conhecemos ainda no nosso archivo parochial Estevão Botelho de Sampaio, pae do capitão Antonio Botelho de Macedo de Sampaio, pae de José Botelho de Sampaio, do qual nasceu uma filha de nome Thereza Josepha de Vasconcellos, que casou com André Raposo de Benavides, dos quaes nasceu José Rapozo Benavides proximo ascendente da actual familia Benavides das Feteiras.

Raposos—Benavides—Pela linha masculina descende esta familia do referido José Raposo Benavides (casado em 1836 com D. Florina Emilia Candida) filho de André Raposo Benavides (casado em 1790 com Thereza Josepha de Vasconcellos) filho de Miguel Raposo Benavides (casado em 1747 com Antonia do Espirito Santo) filho de Francisco Raposo Carvalho Benavides (casado em 1702 com Anna do Monte) filho de Manuel Raposo Carvalho (casado em 1669 com Anna de Souza) filho de Pedro Gonçalves de Carvalho, casado com Agueda Baptista Raposo em 1630.

Rodrigues—Sousas Raposos—Regos—Da mesma familia Sampaios descende a actual familia conhecida por estas trez especies de cognomes, por ter casado Maria Rita Joaquina, filha de José Botelho de Sampaio, com Manuel Rodrigues, intitulando-se alguns d'esta familia *Sousas Raposos* por serem descendentes pela linha feminina. de Amaro de Sousa casado em 1787 com Maria Tavares Raposo, ou tambem Regos pelo cruzamento matrimonial de um filho de Amaro de Sousa, de nome João Botelho Raposo de Scuza, irmão do P.e André Francisco do Rego, e pae de Joaquina Ermelinda Soares, que casou em 1846 com Luiz Botelho Rodrigues, proximo tronco dos actuaes Rodrigues, ou Sousas Raposos, ou Regos.

Oliveiras—Raposos—Da familia Raposos Benavides são do mesmo modo parentes consanguineos os actuaes Oliveiras Raposos, porque Pedro Gonçalves de Carvalho e Agueda Baptista, casados em 1630, eram os progenitores de Manuel Raposo Carvalho, casado em 1669 com Anna de Souza, que, por ser filha de Maria Benavides, adoptou o seu filho Francisco o nome de Francisco Raposo Benavides, que casou em 1702 com Anna do Monte, dos quaes nasceu Luiz Raposo Benavides, que casou em 1742 com Henrique da Silva, paes de André de Oliveira, casado em 1822 com Izabel de Jesus, dos quaes descendem os actuaes Oliveiras Raposos.

Pereiras—Pereiras Soares—E' tambem de origem muito antiga n'este logar e do mesmo modo relacionada com a familia Benavides a numerosa familia dos Pereiras, porque de Sebastião Martins, casado com Beatriz Gonçalves, nasceu uma filha baptisada em 1618 com o nome de Izabel Martins, que casou em 1638 com Thomé Rodrigues, dos quaes nasceu Anna Martins, casada em 1676 com Manuel da Costa Teixeira, dos quaes nasceu outra Anna Martins, que casou em 1712 com João de Sousa Cabral, dos quaes nasceu Josepha Martins, que casou em 1762 com João da Costa Benavides, que casou em 1802 com Maria Raposa, dos quaes nasceram duas filhas, Anna Francisca e Maria de Jesus, casadas, a primeira em 1834 com José Corrêa do logar da Relva, e a segunda com Manuel Pereira Soares em 1826, existindo da primeira dois filhos casados com duas irmãs da familia Benavides, e da segunda a numerosa descendencia dos Pereiras Soares. Era Manuel Pereira Soares filho de outro do mesmo, neto paterno de Antonio Pereira Soares, natural de Ponta Delgada, filho de Gonçalo de Sousa Benavides e de Ignez Pereira, casado n'esta freguezia no anno de 1745 com Maria do Rego Ascensão.

Rebellos—Soares Rebellos—Da mesma origem dos Raposos Benavides são os

actuaes Rebellos ou Soares Rebellos, pelo lado materno, porque Maria Ricarda dos Anjos, casada em 1855 com Henrique Soares Rebello, era filha de Antonio Raposo Benavides casado em 1835, neta de Francisco Rapozo, casado em 1791, bisneta de Antonio Rapozo Benevides casado em 1742, trisneta de Francisco Raposo Benavides, casado em 1702, quarta neta de Manuel Raposo Carvalho, casado em 1669, quinta neta de Pedro Gonçalves de Carvalho que casou em 1630 com Agueda Baptista, dos quaes existem já hoje descendentes na decima geração.

Correas—Filotos—A familia d'estes cognomes descende de Antonia Correa, filha de Gonsalo Correa e de Maria de Sousa, ignorando-se a naturalidade e ascendencia d'estes, mas sabendo-se que casou a filha n'esta parochia em 1727 com Ventura Barbosa, dos quaes nasceu Antonio Correa, que casou com Antonia Raposo em 1750, dos quaes nasceu João Correa, que casou em 1787 com Anna de S. André, dos quaes nasceu Antonio Correa que casou em 1812 com Anna de Jesus, dos quaes nasceram os actuaes Correas Filotos, não se sabendo já hoje em qual dos descendentes principiou a alcunha de—*Filotos—Sousas—Soeiras*—De um dos ascendentes da familia Raposos Benavides nasceu n'esta freguezia Manuel Martins, casado com Maria Soeira, paes de outra Maria Soeira, que casou n'esta freguezia em 1759 com José Vieira, dos quaes nasceu Manuel de Souza Soeira, que casou em 1823 com Maria de Jesus, dos quaes nasceu José de Souza Soeira, casado em 1855 com Florinda Emilia, proximos troncos dos actuaes habitantes conhecidos por Sousas Soeiras.

Craveiros—Manoel de Sousa Canéllas, cuja naturalidade se ignora, casado com uma mulher do freguesia da Bretanha de nome Rosa Rita de Araujo, fizeram baptisar n'esta egreja em 1747 um filho de nome Antonio, conhecido mais tarde por Antonio de Sousa Craveiro, que casou em 1791 com Victoria da Trindade, dos quaes nasceu Francisco de Sousa Craveiro, que casou em 1823 com Anna Botelha, dos quaes descendem os actuaes habitantes intitulados Craveiros.

Raposos Simões—João Raposo Simões cuja filiação e naturalidade se ignora era viuvo de Clara Fragosa da freguezia de Candelaria, e passou a segundas nupcias nas Feteiras em 1706 com Luiza Pereira de Póvoas filha de Philippe de Póvoas e de Maria Pereira, havendo d'este matrimonio um filho de nome Manuel Raposo Simões, que casou em 1738 com Maria de Sousa, dos quaes nasceu Francisco Raposo Simões, que casou em 1800 com Antonia de Jesus, dos quaes nasceu outro Francisco Raposo Simões, que casou em 1821 com Antonia Francisca, dos quaes nasceu João Raposo Simões, que casou em 1849 com Florinda Rosa, proximos troncos dos actuaes Raposos Simões de numerosas familias.

Tavares—Manuel Tavares, natural da Relva, filho de Manuel Tavares e de Victoria de Viveiros, casou nas Feteiras em 1774 com Anna Pavôa de Sá, filha de Antonio Pavão e de Caetana de Sá, havendo d'este matrimonio um filho do mesmo nome do pae, Manuel Tavares, que casou em 1818 com Anna Rosa dos quaes descende a numerosa familia dos Tavares pelos novos troncos, Antonio, João, Justiniano, José, Maria e Senhorinha. Pela linha masculina de Anna Pavôa de Sá, era seu pae Antonio Pavão, filho de Lourenço Gonçalves e de Clara Pavôa, casados em 1716, neta paterna de Manuel Rodrigues Carreiro e Maria Tavares, casado em 1687, bisneta de José Ferreira Ennes e Anna da Costa, casados em 1655, e trisneta de Francisco Ennes e Barbara Rodrigues, casados no anno de 1629.

Pedros—Terceiras—Ha tambem n'esta freguezia uma numerosa familia de *Pedros*, simplesmente por serem descendentes em linhas rectas de Pedro Martins, casado em 1814 com Maria da Silva, e ha outra familia não menos numerosa de *Terceiras*, por serem descendentes de um individuo a quem deram esta alcunha, cujo nome era Manuel Martins, natural da Varzea dos Ginetes, e que n'esta freguezia constituiu familia em 1764 pelo seu casamento com Antonia Francisca, filha de Antonio de Sousa e de Antonia Raposa.

Almeidas e Sousas—Conhecemos finalmente uma familia, já hoje muito nu-

merosa, de Sousas e Almeidas, oriundos por uma das linhas dos Sousas e Almeidas dos Ginetes, e por outra linha oriundos da Relva.

De todas as outras familias, mais ou menos numerosas, e mais ou menos obscuras, ainda que algumas queiram ostentar origens illustres, conhecemos pelos cognomes as seguintes:

Durante o seculo XVII—Avellares—Chaves—Dias—Fernandes—Ferreiras—Gallegos—Guerras—Góes—Gonçalves—Martins—Montes—Nunes—Pavões—Póvoas—Vasconcellos—Vellósos—Teves.

Durante o seculo XVIII—Aguiares—Araujos—Barbosas—Botelhos—Carvalhos—Cordeiros—Concellos—Furtados—Gomes—Medeiros—Mellos—Moreiras—Pachecos—Pires—Sás.

Durante o seculo XIX—Amaraes—Arrudas—Brilhantes—Cabraes—Camaras—Carreiros—Correas—Cunhas—Martins—Mattos—Medeiros—Machados—Pereiras—Pimenteis—Pinheiros—Pachecos—Pontes—Raposos—Regos—Reis—Rochas—Resendes—Soares—Silvas—Valentes—Vieiras—Viveiros.

Conhecemos ainda de origens muito recentes as familias seguintes: *Felicianos*, por serem descendentes de Antonio Feliciano Martins, natural dos Fenaes de Nossa Senhora da Luz, que casou n'esta freguezia em 1837. *Almeidas*, por serem descendentes de Jacintha Eufrazia Leonor da familia Almeidas dos Ginetes. *Cadimos*, por serem descendentes de um individuo de nome João Raposo, a quem deram o epitheto de Cadimo, que n'esta freguezia constituiu familia pelo seu casamento em 1815. *Sebastiões*, por serem descendentes de uma familia de Candelaria, cujo tronco mais proximo tinha o nome de Sebastião. *Germanos*, por serem descendentes de um individuo de nome Germano da mesma freguezia de Candelaria.

ALCUNHAS

Do mesmo modo que em Candelaria, Ginetes, e, sem duvida, em todos os logares, villas e cidades, tambem nas Feteiras se distinguem muitas familias pelas suas alcunhas, mais ou menos engraçadas. Temos ouvido falar muitas vezes nas seguintes:—Aréstas—Badéjas—Barrúscos—Batucos—Barreiras—Bispos ou Bispas—Buzanos—Cagarras—Calca Ruas—Cancellas—Canellas—Cata Cadéllas—Croinhas—Dourados—Escravelhas—Estaquinhos—Fevereiros—Finézas—Torquilhas—Gafanhotos—Gaidólas—Lambedores—Maganos—Malicias—Manteigas—Minhôtos—Moletas—Morganhos—Moriões—Outeiros—Paciencias—Paes do Somno—Pains—Pães—Pães Quentes—Pilrinhos—Priores—Queridos—Raivas—Rebólas—Salvões—Serôdios—Cerejas—Sete Orelhas—Trinca Richos—Varas e Meias—Zengos.

CALÇO DA CRUZ—Descançando no Maximiliano—Bom vinho

* * *

PAROCHIA

Mais inclemente e devastador do que na parochia de São Sebastião dos Ginetes, passou o vento do desmazelo pelas antigas administrações fabriqueiras de Santa Luzia das Feteiras, levando na sua voragem tudo o que pudesse haver de mais precioso em documentos antigos!...

Excepto os livros do registo parochial com os seus assentos de baptismos desde 1618, com os de casamentos desde 1622, e com os dos obitos desde 1694, nada mais encontramos de preciosidades antigas, senão algumas passagens com referencia á antiga Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe. D'este desmazelo se queixava amargamente o ultimo vigario e primeiro prior Sebastião Gonçalves de Moraes, vendo-se obrigado a formular as suas queixas no livro das contas da fabrica maior, e pedindo ás auctoridades do seu tempo que forçassem as mesas das irmandades e confrarias a depositarem no archivo parochial todas as escripturas e outros documentos que ainda restavam. Comtudo, alguma cousa do que foi esta parochia nos primeiros tempos da sua população vamos agora relatar, citando as fontes dos nossos apontamentos.

Tratando da antiguidade da parochia de Nossa Senhora das Candeias na nossa *Monographia de Candelaria*, diziamos, que fôra ella instituida n'uma época muito proxima do anno de 1535, porque approximadamente a esse anno fez construir no respectivo paçal a sua residencia o primeiro vigario Braz Pires, e, allegando a meu favor as honras da antiguidade do cargo n'aquella parochia, dizia tambem, que era elle talvez tão antigo como o do episcopado nos Açores, pois que, sendo terceiro bispo da diocese D. Jorge de S. Thiago, era já terceiro vigario de Candelaria o meu antecessor Gaspar Marreiro. Conforme os apontamentos do nosso illustradissimo bibliothecario Alexandre de Sousa Alvim, vemos agora, que mais antiga é ainda a nossa parochia de Santa Luzia das Feteiras, pois que antes de principiar o mesmo Braz Pires no exercicio de primeiro vigario de Candelaria em 1535, tinha já exercido os seus serviços parochiaes nas Feteiras, onde venceu a sua congrua de 3.500 reis pelo anno de 1526—a—1527, como se pode ver no Archivo dos Açores vol. IV pag. 109, e melhor ainda podemos conjecturar a antiguidade da nossa parochia de Santa Luzia lendo no vol. I do mesmo Archivo pag. 63—a—64 a Carta Regia de D. Manuel de 8 de Agosto de 1515, desannexando o logar das Feteiras da jurisdicção de Villa Franca e incluindo-o na de Ponta Delgada. Finalmente nas *datas* da *Persuasão* do nosso illustradissimo antiquario Francisco Maria Supico, citando os Annaes da Ilha Terceira vol. I pag. 166, vemos que o Archipelago dos Açores foi desmembrado do arcebispado da Madeira a pedido de D. Manuel pelo Santissimo Padre Clemente VII, e principiou a constituir um bispado com a sua manutenção de 500 cruzados em cada anno. Vê-se pois, que a instituição da parochia em Candelaria é evidentemente contemporanea da instituição do bispado nos Açores; e que a nossa freguezia de Santa Luzia das Feteiras deve ser certamente mais antiga. E se no anno de 1515 foi ella desannexada de jurisdição de Villa Franca e incluida na de Ponta Delgada, sem duvida alguma 15 annos antes, isto é, no anno de 1500 era já uma parochia ou pelo menos um logar povoado, e portanto incluida no pequeno numero das povoações do seculo XV.

Comtudo, não nos parece admissivel, que durante as successões de trez parochos n'este logar houvesse decorrido mais de um seculo. Ora, mais adiante nós veremos, que o ultimo dos trez, Domingos Affonso, foi contemporaneo de Gaspar Fructuoso fallecido em 1591. O mesmo Fructuoso, como já vimos, dá-nos na ultima metade do seculo XVI a população das Feteiras de 92 fogos com 402 almas, sendo a esse tempo a população de Candelaria (posteriormente constituida em parochia) de 98—a—100 fogos. Parece-nos pois, com a maxima probabilidade, que a parochia de Santa Luzia das Feteiras foi instituida pelos ultimos annos do seculo XV, sem duvida menos de meio seculo depois do inicio da colonisação na Ilha. Com respeito á egreja parochial, veja-se o capitulo da Fabrica de Guadalupe.

PAROCHOS

Como todos ou quasi todos os parochos inamoviveis d'este districto e de toda a diocese, eram collados os parochos de Santa Luzia das Feteiras, anteriormente ao anno de 1832, com o titulo de *Vigarios*, sendo este titulo substituido, conforme um decreto d'aquelle anno, pelo novo titulo de *Priores*, com maior congrua do

que a que foi novamente arbitrada aos curas-parochos, substituidores dos antigos vigarios na maior parte das parochias do districto de Ponta Delgada.

Vigarios—Conforme os apontamentos do nosso illustrado bibliothecario, diz Gaspar Fructuoso, depois da descripção dos sitios da orla maritima d'este logar:—*Cujo primeiro Vigario não sube o nome, o segundo foi Antonio Fernandes, e o terceiro Domingos Affonso que agora tem este cargo.* Não sabia Gaspar Fructuoso, como vemos, o nome do primeiro vigario, mas a pag. 109 do IV vol. do Archivo dos Açores podemos ver, nas *ordinarias* de 1526, Braz Pires com a sua congrua ou ordinaria de 3.500 reis. Dá-se-lhe n'este logar o titulo de cura, mas como por um lado não é crivel que houvesse n'aquelle tempo já um cura, além do vigario, com uma tão diminuta população, e por outro lado sabemos que eram conhecidos com o titulo de curas alguns dos parochos de outros logares, devemos crer que foi realmente Braz Pires o primeiro vigario, passando tambem a ser o primeiro vigario de Candelaria no anno de 1535. Foi seu successor Antonio Fernandes, substituido por Domingos Affonso, que, conforme o testemunho do mesmo Fructuoso, parece-nos ser o mesmo de quem se trata no cap. 38 do liv. IV com o titulo de Beneficiado de S. Jorge do Nordeste. A Domingos Affonso, contemporaneo de Gaspar Fructuoso, succedeu na nossa egreja parochial um vigario de nome Ruy Cortes, desde uma epocha anterior a 1618 até 1628, e conforme os assentos do registo parochial succedem-se todos os outros pela ordem seguinte:—João de Simas Barreto de 1628—a—1660;—Mathias Quaresma de 1661 a—1663;—Jeronymo Tavares de 1663—a—1673;—Lazaro da Costa Pavão de 1674—a—1712;—João de Souza Vasconcellos de 1714—a—1718;—Bartholomeu Jacintho de Vasconcellos de 1719—a—1733;—Manuel de Mello de 1733—a—1749;—Lourenço de Medeiros Silva de 1751—a—1750;—Ignacio de Mello de 1759—a—1775;—Antonio de Fontes de 1791—a—1805;—Sebastião Gonçalves de Moraes de 1814—a—1832.

Priores—Sebastião Gonçalves de Moraes de 1832—a—1866;—José Machado Homem de 1870—a—1895;—Manoel Ignacio Vieira de 1896—a—1903,—Antonio José Lopes da Luz de 1905 até que Deus queira.

Notas Biographicas

De João de Simas Barreto sabemos apenas, que falleceu n'esta freguezia a 2 de maio do anno de 1661.

Lazaro da Costa Pavão, substituido no serviço parochial por vice-vigarios nos annos de 1770—a—1773, falleceu n'esta freguezia a 9 de Setembro de 1775.

Antonio de Fontes, antes de occupar o seu logar de vigario, foi n'esta egreja vice-vigario no impedimento de Ignacio de Mello, de 1770—a—1773, e por morte d'elle de 1775—a—1790, falleceu n'esta freguesia a 13 de maio de 1806, e foi o seu corpo conduzido a Ponta Delgada onde foi sepultado.

Sebastião Gonçalves de Moraes, ultimo vigario e primeiro prior, natural de Bragança depois de 52 annos de serviço n'esta egreja, aqui falleceu a 4 de agosto de 1866. Foi substituido por um vice-prior, durante alguns mezes no ultimo anno da sua vida. Ha d'elle uma biographia muito bella e interessante, que já tivemos occasião de ler, pelo favor do emprestimo de um amigo, e podemos ainda fazer uma idéa do seu zelo de bom pastor n'esta parochia lendo n'este pequeno trabalho tudo o que a elle se refere nos seguintes capitulos. Os sentimentos, em fim, da sua provadissima caridade são ainda hoje proverbiaes nas boccas dos mais velhos habitantes d'este logar.

José Machado Homem era natural da Calheta de S. Jorge, nasceu a 4 de outubro de 1829, filho de outro José Machado Homem e Marianna Rosa da Silveira. Foi substituido no serviço parochial por vice-prior durante alguns mezes nos annos de 1882 e de 1895, e aposentado n'este ultimo anno, falleceu em Ponta Delgada a 5 de outubro de 1904. Era sacerdote casto e honestissimo na sua vida particular, mas faltava-lhe certamente a paciencia muito necessaria ao cargo que exercia, e principalmente a prudencia para se fazer amar dos seus parochianos. Durante mui-

tos annos conheci na sua companhia uma sua irmã de nome Rosa Amelia da Silveira, que falleceu em Ponta Delgada com 67 annos de edade a 20 de julho de 1890.

Manuel Ignacio Vieira, terceiro prior, natural de Agua de Pau, filho de Manuel Vieira e de Thomasia Maria, falleceu n'esta freguezia com edade de 57 annos a 29 de janeiro de 1903, sendo o seu corpo conduzido á errta da sua naturalidade onde foi sepultado. Estudou preparatorios no Lyceu de Ponta Delgada pelos annos de 1863—a—1868, e o curso theologico no seminario d'Angra pelos annos de 1868—a—1871. Pelos fins d'este ultimo anno e principios do seguinte recebeu a sagrada ordenação na egreja de S. Paulo de Lisbôa do bispo D. José Lino, resignatario de Angola e Congo. Regressou mezes depois a esta ilha, sendo logo nomeado cura-parocho de Candelaria, onde se demorou até 1874, transferido no mesmo anno para a egreja de Nossa Sênhora da Oliveira da Fajã de Cima, e poucos mezes depois para a de Santa Cruz da Lagôa. Finalmente collado com o titulo de vigario na egreja de Nossa Senhora dos Anjos do logar de Agua de Pau, n'esta freguezia da sua naturalidade parochiou por muitos annos, até que em abril de 1896 tomou a sua posse solemne como prior d'esta de Santa Luzia das Feteiras. Era o prior Vieira muito obsequiador e affavel, muito amigo de popularidades e ovações, e por isso mesmo muito devoto de procissões, de festas e apparatos religiosos.

O quarto prior, auctor d'este pequeno trabalho, é tambem natural de Agua de Pau, nasceu a 22 de agosto de 1844, e portanto, contemporaneo do seu antecessor ainda que poucos annos mais velho, conterraneo e até visinho d'elle nos primeiros annos da vida, seu amigo e condiscipulo desde a aula de instrucção primaria e em alguns dos preparatorios do lyceu, mas estudou theologia no seminario de Santarem. E' filho de Luciano José Lopes e de Albertina de Jesus Lopes, neto paterno de José Ignacio Lopes e Anna Joaquina do Amaral, irmã do P.e Mestre João José d'Amaral, e materno de Antonio Furtado do Porto e de Francisca Candida da Costa.

Parochos amoviveis

Nas vagas ou justos impedimentos de alguns dos vigarios ou priores, dirigiram o serviço parochial de Santa Luzia das Feteiras os seguintes:

Vice-vigarios—Matheus Fernandes de Sampaio de 1620—a—1627;—Ambrosio do Rego de 1699—a—1700;—João Tavares Martins de 1700—a—1707;—Matheus Guoduim Stone de 1711—a—1714;—Manuel Pinheiro Borges em 1750;—Manuel José da Silveira de 1757—a—1758;—Antonio de Fontes (antes de ser vigario) de 1770—a—1773, e de 1775—a—1790;—André Francisco do Rego de 1806—a—1809;—Francisco José de Macedo em 1810;—Luiz Bento de Gouveia em 1810;—Manuel José Soares de Menezes de 1811—a—1814.

Vice-priores—Manuel da Costa Diogo em 1866;—José Francisco de Medeiros em 1867;—Dr. Luiz dos Reis Fernandes Silva de 1868—a—1870;—José Ignacio Ferreira em 1882;—Manuel de Sousa Calouro em 1895;—José Lino dos Anjos de 1903—a—1905.

Curas-coadjutores

João Martins Batalha em 1618;—Manuel de Miranda de 1618—a—1623;—Francisco Gonçalvss (a) de 1623—a—1624;—Manuel Rodrigues de 1624—a—1625;—Francisco Gonçalves (a) de 1625—a—1645;—Mathias Quaresma (antes de ser vigario) de 1645—a—1661;—Domingos da Cunha de 1661—a—1662;—Antonio Ferreira da Silva de 1662—a—1678;—André de Sousa Raposo de 1678—a—1686;—João do Rego, 1686—a—1695;—Manuel Ferreira de 1695—a—1699;—Antonio Pinheiro Pereira de 1699—a—1703;—Leandro de Sousa Vasconcellos de 1703—a—1707;—José Barbosa da Silveira de 1707—a—1708;—Matheus Guoduim Stone (antes de ser vice-vigario) de 1709—a—1711;—Belchior Manuel da Costa de 1711—a—1719;—Jeronymo Macedo Botelho (b) de 1719—a—1732;—João de Mello Cabral de

1732—a—1733;—Manuel de Oliveira Cabral de 6733—a—1735;—Manuel Botelho do Couto de 1735—a—1743;—João de Sousa Raposo de 1743—a—1744;—Antonio Pereira Moniz de 1744—a—1746;—Manuel Pinheiro Borges (antes de vice-vigario) de 1746—a—1750;—Antonio de Sousa Pacheco de 1750—a—1751;—João de Sousa d'Almeida em 1751;—Manuel Perinho Borges de 1752—a—1753;—Manuel José da Silveira de 1753—a—1757;—Manuel de Oliveira Moniz de 1757—a—1759;—Gaspar da Silva de 1759—a—1765;—Lourenço Pimentel Rodovalho de 1765—a—1769; Antonio de Fontes em 1770;—Francisco Xavier Lopes de 1770—a—1773;—Antonio de Fontes, segunda vez antes de ser vigario, de 1773—a—1775;—Francisco Xavier Lopes, segunda vez, de 1775—a—1778;—André Francisco do Rego de 1778—a—1805;—José Antonio Coelho (c) de 1806—a—1808;—André Francisco Pereira Tavares de 1808—a—1809;—Manuel José Soares de Menezes (antes de ser vice-vigario) de 1809—a—1811;—Francisco José Macedo de 1811—a—1812;—João José da Cunha de 1812—a—1813;—Manuel José Rebello (d) de 1813—a—1820;—José Jacintho Pavão (e) de 1820—a—1843;—Joaquim de Oliveira Cabral de 1843—a—1845;—José Jacintho Pavão (segunda vez) de 1845—a—1860;—José Francisco de Medeiros (f) de 1860—a—1866;—Emilio Tavares de Medeiros em 1866;—Manuel da Costa Diogo (g) depois de vice-vigario em 1867;—José Francisco de Medeiros, segunda vez, de 1868—a—1878—;Lucio de Sousa Cabral de 1879—a—1880;—Manuel Antonio Botelho de 1881—a—1882;—Manuel de Sousa Calouro (antes de vice-prior) de 1883—a—1894;—José Jacintho Vieira em 1895;—Manuel de Sousa Calouro, segunda vez, de 1896—a—1899;—José Lino dos Anjos (antes de ser vice-prior) de 1900—a—1903;—José Lino dos Anjos, segunda vez, de 1905 por deante;—Antonio Tavares Furtado, poucos mezes em 1905.

Notas Biographicas

—(a)—O P.e Francisco Gonçalves, provavelmente natural d'esta freguezia, onde tinha parentes muito proximos, depois de ter aqui parochiado duas vezes, a primeira por um anno e a segunda por vinte annos, foi transferido para identico logar na egreia de Nossa Senhora das Neves do logar da Relva, d'onde regressou no fim da vida e aqui falleceu a 10 de Novembro de 1652. Fez testamento deixando a seu irmão Gaspar do Monte uma casa telhada e outra de palha, ambas com os seus quintaes, impondo a obrigação de uma missa em cada anno por sua alma, devendo dar ao celebrante a esmola de um pão de trigo e um quartilho de vinho.

—(b)—O Padre Ieronymo Macedo Botelho, pertencia á illustre familia dos *Botelhos Macedos* e *Sampaios*, nasceu n'esta freguezia a 6 de outubro de 1670, e falleceu a 14 de Dezembro de 1735.

—(c)—O Padre José Antonio Coelho era natural de Ponta Delgada, e falleceu n'esta freguezia com edade de 33 annos a 16 de Dezembro de 1808.

—(d)—O Padre Manuel José Rebello falleceu n'esta freguezia com edade de 60 annos a 18 de Janeiro de 1820.

—(e)—O Padre José Jacintho Pavão era natural de São Sebastião dos Ginetes e falleceu n'esta freguezia com edade de 86 annos a 2 de Abril de 1877.

—(f)—O Padre José Francisco de Medeiros era natural de S. Pedro de Ponta Delgada, e depois de ter parochiado na Fajã de Cima e em outros logares no resto da sua vida, regressou a esta freguezia, onde tinha duas irmãs casadas, e aqui falleceu a 23 de março de 1888.

—(g)—O Padre Manuel da Costa Diogo era natural de Agua de Pau, filho de outro Manuel da Costa Diogo, e parente do auctor d'estas notas, e depois de ter parochiado n'esta freguezia foi transferido para Santa Cruz da Lagôa e depois para Sant'Anna do valle das Furnas, onde falleceu ainda novo.

CONGRUAS

Diz o nosso muito erudito e prestimoso bibliothecario nos seus preciosos apontamentos, que no vol. IV pag. 119 do Archivo dos Acores podemos ler um re-

cibo da congrua do cura Braz Pires, que, com muita probabilidade, suppomos ter sido o primeiro parocho d'esta egreja, nos termos seguintes :—

Diguo eu Braz Pires cura que ora sou da igreja das Feteiras que he verdade que recebi de Jordam Prioste trez mil e quinhentos reis da ordinaria, da dita igreja os quaes dous quartes (quarteis) sam de San Joam da éra de mil quinhentos e vinte e seis que corre a Sam Joam de quinhentos e vinte e sete, e por que assim he verdade que recebi os ditos trez mil e quinhentos reis assinei aqui oje quatro de Março da dita éra. Braz Pires.

Dissemos em outro logar, e repetimos agora, que foi Braz Pires o primeiro parocho d'esta egreja, embora intitulado *cura*, como *curas* se intitulavam alguns dos parochos das outras freguezias, pois não é crivel que a diminuta população inicial da parochia exigisse os serviços parochiaes de dois ecclesiasticos, sabendo-se que só no fim de muitos annos, exactamente no tempo do terceiro parocho, contemporaneo de Fructuoso, ainda essa população não havia attingido o numero de 100 fógos. Havendo em Candelaria, parochia instituida muitos annos depois, maior população no anno de 1580, comtudo só na ultima metade do seculo seguinte nós vemos os dois, vigario e cura. Dissemos tambem, e mais uma vez repetimos, que a parochia das Feteiras foi provavelmente instituida pelos fins do seculo XV, pois que no anno de 1515 foi ella desannexada da jurisdicção de Villa Franca. Acabamos agora de lêr, n'uma transcripção que fez de Cordeiro o Diario dos Açores n.º 4903, os varios preços do trigo d'esses annos, e de todos elles o mais caro no anno de 1508 foi de 600 rs. o moio, de que não nos devemos admirar, porque mais de um seculo depois, no anno de 1631, conforme se pode ver no movimento da fabrica maior de Candelaria, ainda o trigo se vendia a 80 rs. o alqueire. Sendo pois como vemos no recibo de Braz Pires, de 3.500 rs., a importancia da sua congrua, e admittindo que o preço mais caro do trigo nos seus primeiros tempos seria de 600 rs., o moio, seria a sua congrua equivalente a 5 moios e 50 alqueires, e portanto equivalente a 280 mil reis na actualidade, porque não encontramos actualmente bom trigo por menos de 800 reis o alqueire.

Conforme os referidos apontamentos do Snr. Alvim, podemos ver no vol. XI pag. 184—a—192 do Archivo dos Açores a Carta Regia de D. Sebastião de 30 de julho de 1568, conforme a qual se accrescentou a congrua do clero parochial açoreano, e, sendo a do vigario das Feteiras 11.000 rs., foi elevada n'essa occasião a 20.000 reis.

Em uma nota tirada do registo d'alfandega pelo Ex.mo Snr. Dr. Ernesto do Canto, fs. 1 do livro III, podemos ver no capitulo da visita de D. Jeronymo Teixeira Cabral de 21 de agosto de 1603, que sendo a congrua do vigario das Feteiras de 25.000 reis, passou a ser de 30.000 reis a começar do primeiro de Julho do mesmo anno.

Conforme o Archivo dos Açores, vol. XII pag. 16, era ainda da importancia de 30.000 reis a congrua do vigario d'esta freguezia no anno de 1634, mas foi accrescentada de 3.000 reis pelos encargos da capella dos infantes, ou a somma de 6 moios e 39 alqueires de trigo e 11.000 reis em dinheiro. Era esta a mesma congrua que vencia no anno de 1830 Sebastião Gonçalves de Moraes, porque recebia em dinheiro o equivalente a 6 moios e 3 1|2 alqueires de trigo e mais 10.000 reis, e pelos encargos ou missas dos infantes 36,3|8 alqueires de trigo e 1.000 reis em dinheiro. Vencia o cura no mesmo anno a quantia equivalente a 3 moios e 38,1|8 alqueires de trigo e mais 6.000 reis, e vencia o thesoureiro 2 moios de trigo e 3.500 reis em dinheiro.

Finalmente em 1832, substituido o titulo de vigario pelo de prior, principiou este a vencer a congrua annual de 400.000 reis, o cura 250.000 reis, e o thesoureiro 60.000 reis.

IV
FABRICAS

Assim como nas egrejas parocniaes de Candelaria e Ginetes, e sem duvida

nas de todas as outras da diocese, tambem na de Santa Luzia das Feteiras, até proximamente depois da instituição das juntas de parochia, houve sempre duas administrações, além das confrarias ou irmandades, com as suas receitas e correspondentes despezas do culto. A' primeira d'essas administrações dava-se o titulo de fabrica grossa ou maior, cuja receita era ordinariamente constituida por subsidios do Estado, e dava-se o nome de fabrica menor ás mordomias de varias fontes de receita conforme os costumes das localidades, e particularmente nas Feteiras ás mordomias de Santa Luzia, de Nossa Senhora de Guadalupe, de Nossa Senhora da Victoria, da intitulada mordomia dos Santos.

Fabrica maior

Não sabemos, por descaminho dos mais antigos livros da fabrica maior, quando esta principiou a funccionar na nossa egreja parochial das Feteiras, e apenas podemos conhecer o seu movimento a principiar no anno de 1778. Antes de tudo porem, devido aos preciosos apontamentos do nosso illustradissimo bibliothecario, vamos dizer o que nos consta principalmente das despezas realisadas n'esta egreja á custa da fazenda real, a principiar pelos subsidios ordinarios de cada anno.

Conforme o capitulo da visita de D. Jeronymo Teixeira Cabral de 21 d'agosto de 1603 e o *alvará de accrescentamento* conhecido n'esse capitulo, recebia esta egreja de subsidio annual da fazenda real (ignora-se desde quando) a quantia de 3.000 reis, sendo esse subsidio elevado a 4.000 reis desde o primeiro de julho do mesmo anno, com um *valha apesar do tempo ser passado* de 6 de novembro de 1610. Registado em Ponta Delgada a 28 de Julho de 1611. Esta nota, diz o Snr. Alvim, é do Dr. Ernesto do Canto, que a tirou de fs. 1 do registo d'alfandega relativo ao periodo de 1603—a—1638. O mesmo subsidio de 4.000 reis continuou, como veremos até 1832.

Chafariz e Praça de St.ª Luzia

Passando agora aos subsidios extraordinarios, ou despezas da fazenda real na egreja das Feteiras, podemos ver na Revista dos Açores, vol. XII, pag. 41 as seguintes:—no anno de 1712, com a ferragem do sino, 7.200 rs., e com ornamentos na antiga egreja parochial 92.000 rs.;—no anno de 1729, com ornamentos na egreja parochial 144.000 rs.;—no anno de 1730, com um sino 113.280 rs., com a ferragem do mesmo sino 16.200 rs., e com obras de carpinteiro, 188.000 rs.;—no anno de 1731, em obras de entalhador 342.000 rs.;—no anno de 1732 em obras de pedreiro na capélla-mór e sacristia 372.000 rs.;—no anno de 1734, com o sino, á conta 113.000 rs., ferragens do mesmo sino 16.000 rs., com o retabulo, ultimo pagamento, 83.000 rs., com obras de entalhador 47.000 rs., e com a torre dos sinos, ultimo pagamento, 9.700 rs.;—em 1737, com ornamentos 74.000 rs.;—em 1738, com o arco da capélla-mór, 23.000 rs.;—em 1740, com ornamentos 49.500 rs.;—em 1748 com a douradura do retabulo 326.000 rs.;—em 1750, com a douradura do mesmo retabulo 326.000 rs. Conforme o livro d'alfandega, gastou-se mais em 1720, com pedreiros na capélla-mór, sacristia e campanario 144.000 rs.;—em 1731, com obras de entalhador 83.000 rs.;—e finalmente em 1737 com obras de alfaiate e ornamentos, meio preço, 37.000 reis.

Sommam pois, durante a primeira metade do seculo XVIII, as despezas extraordinarias da fazenda real com a antiga egreja, que os mais antigos dos actuaes habitantes não chegaram a conhecer, a quantia de 2.605.880 rs. Ignoramos as despezas realisadas nos seculos anteriores, e veremos agora no mais antigo livro que conhecemos da fabrica maior, de 1788 por diante, o seu movimento ordinario com o antigo subsidio annual de 4.000 reis. Do referido subsidio da fazenda real ficavam no *priostado geral* 200 rs. de descontos ou emolumentos, e recebia-se por tanto, 3.800 rs. Eram limitadas as despezas d'esta administração ao asseio e reparos da capélla-mór e objectos mais necessarios da sacristia.

Considerava-se mordomo d'esta fabrica e d'ella fazia as vezes de thesoureiro o proprio parocho. Foram approvadas as contas de 1788—a—1798 pelo visitador Damaso de Carvalho, e por sua ordem escreveu-se, em seguida á sentença de contas, a copia de uma Provisão de Sua Magestade na qual se manda, que tomem conta da fabrica maior ou dos subsidios da fazenda real, não thesoureiros ou mordomos seculares como acontecia em algumas parochias, mas sim o proprio parocho. Não transcrevemos aqui esse documento, porque se acha transcripto na nossa *Monographia dos Ginetes*. Nas despezas maiores com reparos e retelhos da capélla-mór e sacristia, bem como em acquisições de paramentos, era esta fabrica auxiliada por subsidios extraordinarios das intituladas *mordomias*.

No anno de 1810, achando-se vago o cargo de vice-vigario por impossibilidade physica do P.e André Francisco do Rego, recebeu o seu successor Manuel José Soares de Menezes, em beneficio da fabrica maior, a importancia de 2.000 rs., da respectiva congrua durante o tempo da vacatura, e no anno de 1814 vemos a favor da mesma fabrica 4.000 rs., pelos paramentos muito usados com que foi amortalhado o cadaver do mesmo P.e André Francisco do Rego. Vemos mais nas contas d'este anno, que os descontos ou emolumentos do *priostado geral* deveriam importar em 100 rs., e não em 200 rs., como erradamente exigiam, principiando-se a receber desde então 3.900 rs. Dispendia-se, em fim, com a sentença de contas 975 reis.

Não obstante a exiguidade da receita, cresciam os saldos de uns para os outros annos, de maneira que em 1819 sommava a receita, incluindo os saldos, a quantia de 20.930 rs., mas devido a despezas extraordinarias n'esse anno com paramentos ficou o saldo reduzido a 6.785 rs. Sendo no mesmo anno arguido o vigario Sebastião Gonçalves de Moraes de não apresentar os recibos justificativos das respectivas contas, desculpou-se no mesmo livro depois da sentença dizendo: —*Que sendo necessario sellos e reconhecimentos em quasi todos os recibos, e pagando se além d'isso 975 reis nas sentenças de contas, pouco ou quasi nada ficaria do subsidio da fazenda real.* Assim continuaram as contas da fabrica maior, sem alteração alguma na receita, e variando apenas nas despezas até ao anno de 1832.

Conforme um alvará da *prefeitura* de 7 de novembro de 1833, em harmonia com o decreto da reforma ecclesiastica n.º 25 de 17 de maio de 1832, passou o livro da fabrica maior a intitular-se livro da fabrica do *priorado das Feteiras*, no qual se fazia a escripturação dos subsidios do Estado, desde então mais avultados e accumulados no novo priorado, distribuidos depois pelas quatro parochias visinhas, e que se julgava dependentes ou *suffraganeas*, Relva, Feteiras, Candelaria, Ginetes e Mosteiros. Era n'esse tempo geralmente considerado o novo prior das Feteiras, conforme a interpretação que se dava ao referido decreto, um legitimo superior dos seus collegas das outras parochias, e tinha o cura da sua egreja o titulo de *fabriqueiro geral*, porque era elle o encarregado da escripturação da fabrica geral das cinco egrejas. Concedia o Estado a esta especie de *microscopica diocese* o subsidio annual de 250.000 rs., que o novo prior mandava distribuir pelas parochias visinhas, reservando a parte que tocava á sua egreja, ordinariamente aos trimestres. Existindo no cofre do priorado em principios do anno de 1837 a quantia de 255.400 rs., com destino aos subsidios das outras parochias, recebeu-se um officio da administração do concelho no qual se mandou, que o prior fizesse a

distribuição definitiva d'este dinheiro pelas outras egrejas, e assim se entregou ao cura parocho de São Sebastião dos Ginetes a quantia de 67.560 rs., e a cada um dos das outras egrejas 46.960 rs. Durou por tanto, esta centralisação de subsidios cinco annos.

Antes da extincção do cofre do priorado existia um outro livro com as contas particulares da fabrica maior das Feteiras, e n'esse livro deveriamos encontrar as primeiras contas da junta de parochia, pois que em 1832 principiou a funccionar esta nova instituição, mas diz o fabriqueiro geral, desculpando-se, que esse livro se desencaminhou na camara municipal de Ponta Delgada.

Fabrica menor

Debaixo d'esta epigraphe devemos entender as administrações de todas as capellas ou mordomias seguintes:

Santa Luzia

Não encontramos escripturação alguma da fabrica ou supposta confraria do orago d'esta egreja anteriormente ao anno de 1727. Realisou se n'este anno uma eleição de mesarios, ficando eleitos para provedor João Borges da Camara, para escrivão Domingos de Póvoas, para thesoureiro João Raposo, e mais seis devotos para servirem de mordomos, entre elles o alferes Manuel de Medeiros, e o alferes Estevão de Sampaio, todos elles pessoas das mais graduadas familias d'aquelle tempo, principalmente o ultimo, que é ascendente em linhas rectas das actuaes familias Raposos Benavides, Rodrigues e Oliveiras Raposos.

A primeira conta que encontramos refere-se ao anno de 1726 e resume-se no seguinte:—saldo dos annos anteriores 16.165 rs., cinco verbas de fóros a dinheiro na importancia de 2.450 rs. Não podemos ler n'estas contas as despezas correspondentes, e como additamento á receita vemos ainda dez verbas de juros de capitaes mutuados na importancia total de 2.505 reis.

A Fonte da Chã

Nova eleição de mesarios se realisou no anno seguinte, e depois da eleição vemos as contas relativas a 1727. Saldo do anno antecedente, 16.940 rs.; — 15 verbas de juros na importancia total de 9.910 rs.;—mais duas verbas de juros na importancia de 1.200 rs.;—uma verba de *acompanhamentos* na importancia de 1.200 reis.;—aluguel de cêra, 750 rs.,—uma esmola de 240 rs;—Somma a receita 29.600 rs. Apenas se gastou d'esta receita o necessario com a festa do orágo.

Com pouca differença, a mais ou a menos, vemos as contas dos annos de 1727—a—1730, e não vemos nas contas dos annos seguintes individualisação alguma de verbas, mas simplesmente os nomes das pessoas de que eram cobradas, até que pelos annos de 1755—a—1760 são formuladas as contas pela maneira seguinte:—Juros e fóros de seis annos 50.742 rs., importando as despezas com a festa do orágo nos mesmos seis em 52.300 rs., ficando por tanto um déficit de 1.558 reis.

Nas contas prestadas pelos annos de 1770—a—1775 desappareceu o provedor,

o escrivão, o thesoureiro e os mordomos, e apparece-nos simplesmente um *depositario* de nome Francisco Gomes, prestando as suas contas de seis annos, e ainda d'esta vez não podemos distinguir os fóros dos juros, porque apenas se escrevia o nome do devedor e a importancia da verba, sendo ainda a mesma despeza com a festa do orágo.

Pelo mesmo teôr continuam todas as contas dos annos seguintes, até que em 1797 encontramos um novo rendimento de *renda de uma ladeira de terras* de 120 rs., e dez addições de juros de capitaes mutuados, entre ellas algumas de 130 rs., e uma de 100 rs., paga por um capitão! Uma pequena alteração no teôr das contas passadas encontramos nós nas de 1807, onde se pode vêr, que, além da renda de terra de uma ladeira de 120 rs., havia mais dois fóros de 200 rs., um de 225 rs., um de 500 rs., e duas verbas de juros de 485 reis e de 130 reis.

No anno de 1809 dá-se o nome de fóros aos antigos juros de 130 rs., do capitão Manuel Ignacio e de 485 rs., de Antonio Raposo Jacome, continúa a antiga renda de 120 rs., e os fóros conhecidos pelas contas de 1807, apparecendo uma nova verba de rendimentos da caixa das esmolas na importancia de 900 rs. Em quasi todas as contas passadas e ainda nas seguintes notamos entre as varias despezas com a festa do orágo a esmola de 200 rs., ao vigario por cantar a missa. Nas contas de 1825 dá-se o nome de juros a todas as verbas dos antigos fóros e encontramos um novo fôro de 850 rs., da terra anteriormente arrendada por 120 rs.

Na ultima conta do mesmo livro prestada em 1828 apparece-nos a declaração de um capitão, Joaquim José Arnaud, dizendo, que, como procurador de uma filha de Antonio de Macedo não pagaria mais o antigo fôro de 130 rs., que pagavam os seus antepassados, emquanto não lhe mostrassem o titulo d'aquella pensão annual, e apparece-nos outra declaração de José Soares, morador na Calheta de Ponta Delgada, dizendo, que não pagaria mais o fôro de 850 rs., de uma quarta de terra que tinha arrematado, por faltarem algumas váras á medida da mesma terra, e com estas declarações termina o livro mais antigo que conhecemos.

No anno de 1830 principia o mordomo no novo livro dizendo, que não se receberia mais um juro que costumava pagar José Soares na importancia de 200 rs., e que constava de um titulo de 1758, servindo de hypotheca a casa de sua residencia, porque o mesmo José Soares distractára o capital entregando 4.000 rs. Outra declaração encontramos do mesmo mordomo, dizendo, que, a quantia de 260 rs., paga por José da Silva, era fôro e não juro, como se podia ver em um titulo de arrematação de uma casa onerada com aquella pensão. Por estas declarações e por vermos muitas vezes empregados em sentido indifferente *juros* ou *fóros*, devemos concluir, que alguns dos fóros das antigas mordomias ou confrarias tiveram a sua origem em juros de capitaes mutuados, ficando depois as propriedades hypothecadas com o fôro correspondente aos antigos juros. Continúa finalmente o capitão Joaquim José Arnaud recusando-se a pagar o antigo fôro ou juro de 130 rs., e do mesmo modo o José Soares a pagar o fôro de 850 rs., e sem duvida, por taes motivos, encontramos depois das contas de 1830 as seguintes declarações do ultimo vigario :—Como todos os que pagam juros ou fóros a esta egreja em geral não ha titulo algum por onde possam ser obrigados, e por outro lado vim a saber, que n'outro tempo e não mui remoto, mas antes de eu ser parocho n'esta egreja, havia um maço de papeis que acompanhava o livro das contas, os quaes por omissão ou por malicia dos mordomos fallecidos se desencaminharam, proponho a esse juizo, que ordene a todos os mordomos d'esta egreja, que me entreguem todos os titulos que tiverem em seu poder para serem guardados no archivo parochial. Nas mesmas contas de 1830, em fim, só encontramos dois fóros, o de 850 rs.. e o de 200 rs. Todas as outras verbas, intituladas fóros algumas vezes, passam a ser classificadas de juros nas contas do anno seguinte.

Nas contas de 1834, approvadas em 1835, são rendimentos da mordomia de Santa Luzia os seguintes ;—1.° de José Soares, juros de que não ha titulo, 500 rs.; —2.° João Carreiro, juros de que não ha titulo, 335 rs.,—3.° de Maria Branca, ju-

ros de que não ha titulo, 225 rs.,—4.º de Antonia Raposa, juros de que não ha titulo, 200 rs.,—5.º fôro de uma casa 150 rs.,—6.º fôro de uma quarta de terra 850 rs.,—7.º esmolas da caixa 450 rs., e assim continuam as contas dos annos seguintes, variando só as esmolas da caixa em quantias sempre inferiores a 1.000 rs.

No anno de 1842 manda o administrador do concelho, que passem os rendimentos da mordomia de Santa Luzia para a administração da junta de parochia. Comtudo, limita-se a Junta a rever e approvar as contas da mordomia sem ainda se apoderar dos seus rendimentos. No anno de 1849 finalmente, são incorporados os rendimentos de Santa Luzia na administração da junta de parochia, e eram elles os seguintes:—1.º um fôro de 1 quarta de terra 850 rs.,—2.º um fôro, antigamente juros, de José de Póvoas 225 rs.,—3.º um fôro, antigamente juros, dos herdeiros de Luiz Botelho da Silva, 200 rs.—4.º um fôro dos herdeiros de Anna Branca 200 reis.

Nossa Senhora de Guadalupe

Com boas razões podemos affirmar, que houve antigamente n'este logar, além da egreja parochial, uma outra casa de oração particularmente dedicada ao culto da Santistissima Virgem com o titulo de Nossa Senhora de Guadalupe.

Occupava essa egreja ou ermida o mesmo logar que é hoje occupado pela capella-mór da actual egreja parochial, e por debaixo da guarnição da parede do lado norte, conforme dizem, pode-se ver ainda hoje os signaes evidentes de uma porta, que deveria ser n'esse tempo a porta de communicação da antiga ermida com a sua sacristia. A egreja parochial de Santa Luzia era então um templo muito mais antigo e arruinado, nas mesmas ou pouco maiores dimensões da ermida, situado ao lado sul do templo actual, além da Grota de Santa Luzia, no paçal do parocho, onde podemos ver ainda hoje alguns vestigios de pedras lavradas, nas quaes se acham gravadas algumas lettras ou algarismos e pequenos fragmentos de materiaes de cal muito antigos e misturados com a terra. A escripturação da fabrica ou mordomia de Guadalupe não nos deixa duvidas a tal respeito, e a tradição dos mais antigos moradores d'este logar assim o affirma de perfeitissimo accordo com os assentos de baptismos e casamentos desde os fins do seculo XVII até meado do seculo XVIII, nos quaes lemos muitas vezes estas palavras:—n'esta egreja de Nossa Senhora de Guadalupe servindo de parochial.

A antiga imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, finalmente, collocada ainda hoje n'um dos altares lateraes do actual templo parochial, é tambem uma imagem de muita devoção d'este povo. Eis o que encontramos a tal respeito nos apontamentos do snr. Alvim, tirados de Gaspar Fructuoso:

Mora ali (nas Feteiras) alguma gente nobre, principalmente o generoso fidalgo Jorge Camello da Costa Cogumbreiro, casado com D. Margarida, filha de Pedro Pacheco, e ainda que não tem filhos com que gastar o seu, é tão grandioso e liberal que 70 moios de trigo que terá de renda cada anno, assim alli como no logar dos Mosteiros, fóra os muitos que recolhe de suas seáras de que alguns annos paga o dizimo de 12 a 14 moios, quasi todos gasta em sustentar parentes e parentas honradas e com muitos hospedes que nunca lhe faltam e com esmolas que elle e sua mulher fazem a pobres; fez no mesmo logar uma egreja da adoração de Nossa Senhora de Guadalupe, tam alta, com uma capella d'abóbada tam bem lavrada e ornada, que bem se parece a obra d'ella com quem a mandou fazer, em que gastou mais de trez mil cruzados, com que está honrado e amparado e dando lustre áquelle logar, enriquecendo-o com as suas obras pias, supprindo todas as faltas, ennobrecendo-o com a sua presença e ajudando-o com o seu favor, sendo pae de todos sem ter filhos, e, finalmente não poupando nada do seu para valer e enriquecer a todos, pelo que é sua casa um rico hospital de pobres e um farto agasalho de ricos, um refugio de caminhantes e uma pousada geral para hospedes.

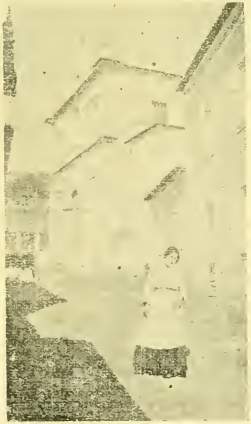
Diz o Dr. Ernesto do Canto no *Preto no Branco, n.º 117*, que Jorge Camello

Pereira, o mesmo a quem Fructuoso chama Jorge Camello da Costa Cogumbreiro, ou Jorge Camello da Costa, conhecido tambem por Jorge Camello Columbreiro, fez seu testamento em 1597 depois de ter feito edificar a egreja de Nossa Senhora de Guadalupe, e que a sua mulher D. Margarida Pacheco deixou á confraria de Guadalupe em seu testamento de 1 de dezembro de 1599 um fôro de 6.540 rs., e mais adiante nós veremos no livro das contas da mordomia, que, além d'aquelle fôro em dinheiro, deixou ella mais outro fôro de 75 alqueires de trigo, com a condição de se dotar uma noiva todas as vezes que as sóbras da mordomia de Guadalupe chegassem a 15.000 reis.

Em termos identicos e do mesmo modo elogiosos escreve Fr. Agostinho de Santa Maria no titulo XXIX, dizendo, além do que já sabemos de Fructuoso, que o Cavalleiro Jorge Camello da Costa Cogumbreiro (descendente de Diogo Affonso Columbreiro que edificou a Casa e Santuario de Nossa Senhora Mãe de Deus) era casado com D. Margarida, filha de Pedro Pacheco, e que elle e sua mulher edificaram uma casa, á mesma Mãe de Deus, e a dedicaram á Senhora debaixo do titulo de Guadalupe n'este logar das Feteiras.

Nas saudades da Terra, livro IV Cap. 4.º, diz ainda Gaspar Fructuoso, conforme os mesmos apontamentos do Snr. Alvim, que Jorge Camello da Costa era filho de Pedro Affonso da Costa Columbreiro e de D. Leonor Camello, e depois dos elogios que já conhecemos, diz ainda, que elle fizera no logar onde mora (Feteiras) e nas *casas que foram de seu pay* a sumptuosa egreja em que gastou trez mil cruzados.

Finalmente em uma resposta episcopal de 1768 a uma consulta do vigario Ignacio de Mello, veremos mais adiante, que no tempo em que foi edificada a ermida de Guadalupe, já se falava na transferencia dos serviços parochiaes para ella, ou na possibilidade de ser a nova ermida elevada a egreja parochial.



Egreja Parochial

De todos estes documentos devemos nós tirar desde já as conclusões seguintes:

—1.ª—A primitiva egreja parochial de Santa Luzia, edificada no terreno do paçal pelos fins do seculo XV, achava-se já arruinada ou incapaz dos serviços do culto no ultimo quartel do seculo XVI.

—2.ª—A nova egreja de Guadalupe foi edificada na ultima metade do seculo XVI, certamente antes de 1597, á custa, e no mesmo logar da casa paterna, de Jorge Camello da Costa Cogumbreiro, filho de Pedro Affonso da Costa Cogumbreiro (descendente de Diogo Affonso, instituidor da ermida de Nossa Senhora Mãe de Deus) e de D. Leonor Camello, casado com D. Margarida Pacheco, filha de Pedro Pacheco, pessoas muito nobres, ricas e piedosas, gastando-se n'essa obra mais de trez mil cruzados.

—3.ª—A ermida de Guadalupe principiou a servir de egreja parochial, sendo a antiga de Santa Luzia abandonada, logo nos principios do seculo XVII, e já incapaz de servir na primeira metade do seculo seguinte, n'ella gastou a fazenda real mais de 2.600.000 rs., como já vimos no movimento da fabrica maior pelos annos de 1729—a—1750.

—4.ª—Conforme veremos no movimento economico da junta de parochia, foi a mesma egreja de Guadalupe muito ampliada e transformada em egreja parochial

de Santa Luzia, por iniciativa e valiosos auxilios do primeiro prior Sebastião Gonçalves de Moraes no anno de 1833.

Dos beneficios ou rendimentos com que fôra dotada em antigos tempos a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, encontramos ainda no nosso archivo alguns documentos, que vamos aqui transcrever. Não sabemos, é verdade, desde quando foram doados ou deixados em testamento esses legados, mas podemos certamente conjecturar que alguns d'elles datam de uma epocha anterior ao segundo quartel do seculo XVII.

Primeiramente sabemos, que um capitão de nome João Rodrigues e seus descendentes eram obrigados á sustentação de uma lampada perpetuamente accesa diante da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, como encargo das seguintes propriedades deixadas em testamento :—1.º—10 ou 12 alqueires de terra, livre de outros encargos, sita no logar de Candelaria, cujo rendimento era de 64 alqueires de trigo ;—2.º—um fôro de 20 alqueires de trigo de outra propriedade no mesmo sitio de Candelaria;—3.º—outro fôro de 20 alqueires de trigo de uma propriedade sita na Lomba da Cruz. Além do fôro de 6.540 rs., que já vimos no *Prêto no Branco, n.º 117*, deixou mais D. Margarida Pacheco um fôro de 75 alqueires de trigo, com a condição de se dotar uma orphã com os sobejos das despezas no culto da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, e finalmente um fôro de 13 canadas de azeite de um individuo da Bretanha de nome Antonio Marques Vamos transcrever os documentos.

Em uma folha solta, envolvida no meio de outras de um livro antigo da confraria do Santissimo Sacramento, lê-se o seguinte :—Teôr de trez verbas que pertencem ás confrarias, assim de Nossa Senhora de Guadalupe, feitas a folhas 26 do livro da mesma confraria, como tambem a esta do Salvador.—1.ª—Disseram elles testadores, que tinham no logar de Candelaria dez ou doze alqueires de terra lavradia dizima a Deus, a qual terra traz Simão Rodrigues, de que paga em cada anno moio e quatro alqueires de trigo, a qual terra por morte de elles testadores irá a seu irmão João Rodrignes com a obrigação de alumiar todos os dias a lampada de Nossa Senhora de Guadalupe emquanto o mundo durar, e a dita terra nunca será vendida, nem alheada, nem empenhada, e por morte de seu irmão João Rodrigues irá correndo linha direita, e poderá dispor no filho ou filha que lhe parecer com o mais que nomearem para este fim. Referem-se as outras duas verbas, em termos similhantes, aos dois fóros de 20 alqueires de trigo cada um, deixados a João Rodrigues e com as mesmas condições. E' datado este documento e assignado pelo vigario Lazaro da Costa Pavão em 1683.

Não se diz no documento supra quem foram os testadores, mas podemos averiguar pelo nosso trabalho dos *boletins de familias*, que o capitão João Rodrigues nasceu em 1628, falleceu em 1684, tendo casado com Marianna Pacheca em 1652, deixando numerosa descendencia.

Quanto ao fôro de 75 alqueires de trigo, deixado por D. Margarida Pacheco, viuva de Jorge Camello, encontramos um assento de obito nos termos seguintes :—Aos vinte e dois de janeiro de seis centos e oitenta e outo foi dado á sepultura o corpo de Martinho de Souza Pereira, que foi muitos annos thesoureiro em a egreja da Senhora de Guadalupe, havia recebido todos os sacramentos, não fez testamento, por que não tinha mais que a terra da Rocha, d'onde se pagam cinco quarteiros de trigo á confraria da Senhora de Guadalupe, o qual legado deixou Dona Margarida Pacheco, mulher de Jorge Camello, e deu de fôro a mesma terra a Antonio Pereira (pae d'este defuncto) para seus filhos com certa forma, e porque não apparecia descendente fez certo partido com Gaspar de Viveiros e seus filhos, que lhe mandaram um habito : de alguns moveis que se lhe arremataram se lhe fizeram um officio e algumas missas e pagaram as dividas. Vigario Lazaro da Costa Pavão.

Não podemos saber em que anno foi dado de aforamento o predio da Rocha a Antonio Pereira, mas sabemos que falleceu a mulher d'este, já viuva, em 1658 e podemos portanto, conjecturar, que o aforamento data de um tempo mais ou me-

nos proximo do anno de 1599, em que Margarida Pacheco fez o seu testamento, e já n'esse tempo se falava, como vamos ver, na proxima mudança dos serviços parochiaes para a ermida de Guadalupe, ou de ser esta ermida elevada a egreja parochial. Na resposta episcopal, a que já nos referimos, a uma *advertencia*, que já não se pode lêr, e que nos parece ser uma consulta formulada pelo vigario Ignacio de Mello, querendo justificar o motivo porque se deveria gastar n'aquelle anno os sobejos do fôro com um novo altar de Nossa Senhora de Guadalupe, deixando de se dotar uma orphã, podemos lêr o seguinte:—E' certo, como bem adverte o ministro supra, que a primeira intenção dos voventes é o augmento do divino culto, e como todo o empenho da doadora D. Margarida Pacheco foi a conservação do culto da sagrada imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, orágo que era d'esta egreja, emquanto ermida, dando-lhe para esse fim cinco quarteiros de trigo, d'este rendimento se deve continuar a satisfazer o mesmo culto á dita sagrada imagem, sem embargo da substituição que deu de dote para uma môça da obrigação de sua casa, se aquella ermida viesse a ser egreja parochial, por já n'esse tempo falar em a mudarem para a dita ermida, por quanto com a referida mudança e creação da ermida em parochial, não só conseguiu a mesma sagrada imagem de Nossa Senhora de Guadalupe novo culto, que o que presentemente a mesma doadora conjecturava, e ficasse patrona da mesma egreja, antes sim menos apreço, pondo-a duas vezes no canto do altár-mór quando os mordomos e devotos lhe faziam a sua festa, e de ordinario pelos da sacristia, o que moveu os mesmos mordomos a supplicarem ao Provedor dos Residuos lhe mandassem fazer altar e paramental-o d'este rendimento, suspenso o legado do dote no entretanto.

A Rua Nova

Ponta Delgada em visita de outubro 26 de 1768. Bispo d'Angra.

Desappareceram os antigos livros das contas da mordomia de Guadalupe, e apenas encontramos o ultimo, a principiar na receita e despeza do anno economico de 1747—a—1748. Além do legado de 75 alqueires de trigo deixado por D. Margarida Pacheco, como fôro do antigo predio de Martinho de Souza Pereira, não vemos mais receita alguma, senão esmolas de milho, liquidado n'esse anno a 160 rs., o alqueire. Do encargo que pesava sobre os bens herdados pelo capitão João Rodrigues, bem como do fôro de 6.540 rs., de D. Margarida Pacheco, nada vemos n'estas contas, nem nas dos annos futuros.

No anno de 1752 vemos, que o fôro de 75 alqueires de trigo de D. Margarida Pacheco, imposto no predio da Rocha, primeiramente de Antonio Pereira, passando a seu filho Martinho de Souza Pereira, e depois a Gaspar de Viveiros e seus filhos, tinha já passado ao tenente João Borges de Medeiros, ascendente da illustre familia Borges de Medeiros de Ponta Delgada, e portanto ao illustre titular d'esta nobre familia, que, recusando-se a pagar, desde muitos annos, este legado, parece ignorar a origem d'elle, sem duvida alguma um fôro imposto desde principios do seculo XVII ou fins do seculo XVI por D. Margarida Pacheco no seu predio da Rocha d'esta freguesia. Vê-se finalmente, nas mesmas contas de 1752, que era esse fôsse onerado com uma capella de missas.

Nas contas de 1749 apparece-nos um rendimento de 9.440 rs., sem se decla-

rar a provenienciа d'elle, mas nas de 1755—a—1756 vê-se que era o producto liquido do antigo fôro de 13 canadas de azeite a que era obrigado um individuo da Bretanha, e juntando a importancia d'este fôro á importancia do fôro de 75 alqueires de trigo e ás esmolas do milho, somma a receita d'este anno 35.400 rs., importando a despeza em 32.100 rs. Eram muito restrictas as despezas da mordomia de Guadalupe, pois que constavam sómente do asseio e reparos do respectivo altar, do cumprimento do legado de uma capella de missas, e do pequeno dote a uma orphã, e por isso mesmo crescem os saldos de uns para os outros annos, de maneira que no anno de 1760 somma a receita 70.035 rs., incluindo o saldo do anno anterior na importancia de 52.435 rs. Em 1767 subia o saldo incluso na receita 108.655 rs., liquidando-se o fôro do trigo por 18.000 e o de azeite por 2.600 reis. No anno de 1773 era emphyteuta dos 75 alqueires de trigo o morgado Gaspar de Medeiros, liquidando-se o trigo n'esse anno a 240 rs., e não havendo mais verba alguma de receita além das duas conhecidas, o trigo e o azeite, sommando a receita n'esse anno 40.870 rs., e a despeza 23.550 reis.

Em 1780 são approvadas todas as contas de 1771—a—1779, advertindo a respectiva auctoridade, que não se devia dar pelas esmolas das missas mais do que a taxa do costume, que era de 100 rs., e não 120 rs., como dava o mordomo. Ficou para o anno seguinte um saldo de 89.760 reis.

No anno de 1800 importava a receita em 60.379 rs., incluindo do anno anterior o saldo de 30.379 rs., e sommando a despeza apenas 9.400 reis.

No anno de 1811 requereu o vice-vigario Manuel José Soares de Menezes ao provedor do concelho e ao bispo da diocese a necessaria auctorização para serem applicadas as sobras do rendimento do trigo, em logar de dotes a orphãs, aos reparos de que muito carecia a egreja de Nossa Senhora de Guadalupe, para continuar a servir de egreja parochial, visto achar-se já desde muitos annos abandonada a de Santa Luzia.

A Fonte da Egreja do Pilar

Depois das contas de 1823, sentenciadas em 1824, com um saldo de 50.797 rs., vemos a copia de um requerimento do vigario Sebastião Gonçalves de Moraes, pedindo á respectiva auctoridade, que as despezas com dotes a orphãs se fossem accumulando em saldos a favor da projectada egreja parochial e sendo favoravelmente despachada essa petição, vemos que sommavam esses saldos no anno de 1825 a quantia de 129.446 rs., em 1827 a quantia de 204.078 rs., em 1830 a quantia de 309.495 rs., em 1834 a quantia de 360.704 rs., havendo n'esse anno a receita de 308.264 rs., e gastando-se d'esta somma com a nova egreja de Santa Luzia 324.515 rs., ficando ainda um novo saldo de 73.749 reis.

No anno de 1842 manda o administrador do Concelho, que sejam os rendimentos da mordomia de Guadalupe incorporados na administração da junta de parochia, mas as administrações continuam separadas por mais dois annos, até que no anno economico de 1844—a—1845 acabou a mordomia.

Nossa Senhora da Victoria

Não encontramos escripturação alguma d'esta mordomia anteriormente ao an-

no de 1736, e pelas contas dos annos economicos de 1736—a—1740 só podemos ver o rendimento de um quarteiro de trigo, não se podendo ler bem as despezas correspondentes. Apparece-nos logo depoi d'estas contas uma sentença de D. Fr. Valerio do sacramento, em visita n'esta egreja no mez de outubro de 1742, approvando o movimento economico da mordomia nos ultimos quatro annos decorridos com a receita de 93.400 reis e a despeza de 64.000 reis.

No anno de 1745 são sentenciadas e approvadas as contas pelo visitador Pedro Ferreira de Medeiros, vigario de São José de Ponta Delgada, havendo uma só e a mesma verba de receita do fôro de 15 alqueires de trigo, liquidado n'esse anno a 160 rs., e gastando-se no asseio do altar a quantia de 4.740 reis.

Pelas contas de 1745—a—1740 ficamos sabendo, que os 15 alqueires de trigo de rendimento da mordomia era um fôro do P.e Antonio Sampaio, liquidado n'esse anno a 200 rs., havendo encargo annexo ao mesmo fôro de uma missa em cada anno. Assim continuam as contas nos annos seguintes, apenas augmentadas as receitas com alguns juros de capitaes mutuados e nada mais de despezas senão o asseio do altar e o azeite da lampada.

No anno de 1760 são approvadas todas as contas dos annos anteriores por D. Antonio Caetano da Rocha e em logar do antigo emphyteuta P.e Antonio de Sampaio vemos o seu successor Duarte Borges da Camara. Por essas contas podemos vêr, que o fôro do trigo e o respectivo encargo da missa era uma disposição testamentaria de Antonio Marques, passando em 1788 de Duarte Borges da Camara a sua viuva D. Anna Josepha, em 1797 ao morgado Antonio Pedro Borges de Medeiros, liquidando-se o trigo n'este anno a 240 rs.

Altar que pertenceu á velha egreja do Collegio de Ponta Delgada da Ordem dos Jesuitas

Por anno de 1810 por diante deixa o mordomo de mandar celebrar a missa, passando a ter conta os legados não cumpridos, e havendo no anno seguinte um saldo de 31.195 rs., pede o seu vigario Manuel José Soares de Menezes para gastar d'esta quantia 20.000 rs. em concertos e reparos da ermida de Guadalupe, transformada, como já vimos, em egreja parochial. No anno de 1829 havia um saldo dos annos anteriores na importancia de 53.825 rs., vendendo-se o trigo a 400 rs., e declarando-se, que nada havia de esmolas a esta capella.

No anno de 1834, havendo uma receita de 149.718 rs., incluindo o saldo dos annos anteriores na importancia de 133.215 rs., deu a mordomia para as obras da nova egreja parochial 49.150 rs., e volta o mordomo ao antigo costume de mandar celebrar a missa do legado pio. Desde muitos annos havia já passado o fôro de 15 alqueires de trigo para o morgado Duarte Borges da Camara Medeiros. Deu mais esta mordomia para o complemento das obras da nova egreja parochial em 1836 a quantia de 90.160 rs., e em 1839 a quantia de 30.000 rs., passando o rendimento do antigo fôro de 15 alqueires de trigo no anno de 1843 para a administração da junta de parochia, e acabando por este facto a mordomia de Nossa Senhora da Victoria.

Fabriça dos Santos

Assim como nas egrejas parochiaes de São Sebastião dos Ginetes e de Nossa

Senhora das Candeias do logar de Candelaria, tambem na nossa de S. Luzia das Feteiras havia antigamente uma fabrica ou mordomia intitulada *dos Santos*.

Era esta mordomia administradora dos rendimentos das imagens, ainda hoje nos seus respectivos altares, de S. Pedro, de S. Antão e de S. Sebastião.

O antigo e unico livro da sua administração, que nos foi possivel encontrar no nosso archivo parochial, principia pela seguinte declaração:—*A fabrica do altar de S. Pedro, e de S. Antão, são 5 tostões dos quaes paga hoje Manuel Gonçalves um cruzado do assento em que mora, para cujo pagamento hade cobrar 150 rs., do vigario Lazaro da Costa das casas que foram do P.e Miguel Gonçalves Raposo, e um tostão do assento de Manuel do Monte, e a tudo está encabeçado o dito por tradição dos possuidores do dito assento, e paga mais um tostão Manuel de Teve do assento onde mora, e hade cobrade seus cunhados e herdeiros de Manuel de Oliveira o que lhe toca a cada um, por ser encabeçado. 2 de Junho de 679.*

Devemos pois, concluir, que eram rendimentos d'esta fabrica no anno de 1679 dois fóros ou encargos de qualquer natureza, um de 400 rs., e outro de 100 rs., impostos em *assentos* ou casas de habitação. Em seguida a esta declaração podemos ainda lêr o seguinte:—Tem mais esta confraria os bens moveis seguintes:—*Manuel da Costa Raposo deve dois mil reis por escripto, Manuel de Póvoas deve cinco mil e quinhentos reis, Anna Jorge, viuva de Pedro Fernandes, por escripto de seu marido e sedula em que morreu, sete mil e quinhentos reis, e tem mais quatro cabeças de Cabras na mão do capitão João Rodrigues.* Termina, em fim, a primeira pagina da primeira folha por estas palavras:—*Estes são os bens que tem esta confraria, a que se obrigam os mordomos que hoje são juiz Francisco Raposo, escrivão Antonio de Vasconcellos, mordomos Francisco Martins e Manuel de Póvoas e procurador depositario Matheus da Costa Teixeira, a cobrar e a administrar com toda a devoção e cuidado, e declaram que as pessoas que pagam a fabrica não devem nada e com isto se assinam commigo hoje 29 de junho de 1679. Pavão.*

Altar e velha reliquia que pertenceu á egreja extincta de S. José aonde depois foi edificado o Theatro (1)

Na primeira folha do mesmo livro diz ainda o vigario Lazaro da Costa Pavão, que uma senhora da Relva de nome Agueda da Motta, viuva de Pedro Rebello, deixou a Nossa Senhora do Bom Successo da mesma parochia e a S. Sebastião d'esta freguezia um fôro de 10 alqueires de trigo de uma propriedade que herdara de Simão de Teves, e que este fôro tinha sido substituido por outro a dinheiro na importancia de 8.300 rs., que pagava n'aquella epocha o capitão João Rodrigues Pavão. Havia no mesmo fôro, conforme diz o vigario Lazaro, o encargo de uma missa em cada anno, dividindo-se depois este fôro em duas partes, a primeira de 5.000 rs., para o culto de Nossa Senhora do Bom Successo no logar da Relva, e a segunda de 3.300 rs., livres de qualquer encargo para o culto de São Sebastião no logar das Feteiras. Não vemos porem, este rendimento em receita alguma do livro de que nos vamos occupar.

Importa a receita no anno de 1681 em 3.540 rs., incluindo 1.250 rs., de trez cabras que se venderam, gastando-se d'esta somma 3.605 rs., incluindo a despeza

(1) Tambem este altar esteve no Collegio como diz o auctor da monographia.

de 500 rs, da *comedia*, ou pastos dos animaes, e 100 rs., da esmola de uma missa a S. Antão.

Nas contas de 1696—a—1699 vê-se, que a confraria mutuava os seus saldos a 5 °/o, ou, como ordemnava o visitador Simão da Costa, a 50 por milhar. E' sem duvida por essa razão que vemos nas contas d'esses quatro annos os rendimentos seguintes:—1.° uma pensão de 1.500 rs., pelo juro de 30.000 rs:—2.°—duas pensões de 600 rs., pelo juro de 24.000 rs:—3.°—uma pensão de 300 rs., pelo juro de 6.011 rs.—4.°—uma pensão de 700 rs., pelo juro de 14.000 rs. Tinha por tanto, a mordomia em capitaes mutuados a somma de 74.000 rs., com o juro de 3.700 rs. Apparece-nos mais n'estas contas o aluguel de uma casa doada pelo capitão Agostinho Raposo na importancia de 600 rs., um fôro de 400 rs., dois fóros de 100 rs., metade do custo de uma bezerra por 550 rs., e o custo de duas cabras vendidas por 900 rs. Incluindo o saldo de 1800 rs., do anno de 1695, importava a receita em 21.400 rs. São as despezas dos mesmos annos de 1696—a—1699 formuladas do modo seguinte:—trez sermões com a esmola de dois cruzados cada um, 2.400 rs. —concertos de uma lampada e castiçaes, 820 rs. —quatro missas a S. Pedro com a esmola de 100 rs., cada uma—benesses ao thesoureiro, 210 rs.—concertos nos altares, 460 rs.—gastos de cera, 3.800 rs.—*comedia* ou pastos dos animaes, 260 rs. Era mordomo e prestou estas contas Mathias Barbosa, casado n'esta freguezia com Luiza Carreira, fallecido com idade de 60 annos em 1721, deixando numerosa descendencia, e havendo já hoje d'elle quintos netos nas familias *Tavares*.

Do mesmo modo continuam as receitas dos annos seguintes, juros, fóros e a renda ou aluguel de uma casa. No anno de 1705 sommam os capitaes mutuados apenas 24.000 rs., com o juro correspondente de 1.200 rs., continuando o aluguel da casa, e os fóros de 400 rs., e de 200 reis. No anno de 1715 subiram os capitaes mutuados a 32.100 rs., distribuidos por nove individuos, recebeu-se a esmola de um boi liquidado por 8.200 rs., e a esmola de uma cabra por 640 reis. Infelizmente descaminhou-se a escripturação dos annos seguintes, e nada mais podemos saber da antiga administração d'esta fabrica ou mordomia.

Continúa

Notas e Estatistica da Ilha de S. Miguel — Pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos principios do seculo XIX

VILLA DO NORDESTE

O XI LOGAR DA ILHA

Situado no interior 3 leguas a N, NE, do Fayal.—Este logar que no seu principio era jurisdicção de Villa Franca foi erecto em Villa em 18 de julho de 1514, por El-Rei D. Manoel; é pequeno bem situado, e muito sadio; os seus campos são ferteis em trigo, nos bons annos, nas melhores terras produz 12 por 1; e milho 60 por 1; favas, maçãs, pêras, figos, vinho e tem bastante gado, e gallinhas a 200 reis.

Nos bons annos dá 120 pipas de vinho, 350 moios de trigo, 800 de milho, isto é todo o districto.

O mar abunda em grandes congros, chernes, garoupas, tartarugas etc.

O seu districto é desde a metade d'Agua Retorta até á Algarvia; comprehende os logarejos da Lomba da Cruz; da Fazenda d'Assumada; da Lazareira, o logar do Nordeste; o logarejo do Espigão; de Santo Antonio; do Calvo; o logar da Algarvia, correndo a costa para o norte; e para o Sul, o logarejo da Nazareth, da Grota do Barro, e da Pedreira.

Ha Vigario na Egreja de São Jorge, com Cura e collegiada, e um Convento de Franciscanos.

População

Em 1580—584 almas de confissão em 128 fogos.

Em 1690—892 almas de confissão em 225 fogos.

Em 1800—1765 almas, e mais 47 nascimentos, do que mortes.

Em 1813—1892 almas, em 459 fogos.

S. M: S. F: $1\frac{1}{78}$: 1; V: V:: 1: 1 $\frac{1}{2}$; N: P:: 1: 52 $\frac{1}{2}$;

M: P:: 1: $62\frac{1}{4}$; N: M:: N: F:: 1: 1 $\frac{1}{36}$: augmento effectivo de população em 13 annos 427 almas, ou 35 por anno; mas o termo medio de augmento era 44 almas, que em 13 annos faziam 572, tem só 425, logo emigraram 145 almas.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	10	13
Corpo Civil		10
Lavradores	47	96
Artistas	19	38
Trabalhadores	164	218
Homens do mar	14	14

Em 1813 tinha todo o districto da Villa 2794 almas em 709 fogos.

Em 1813 tinha, Frades 5, Clerigos 8, Officiaes de Justiça 10, Cirurgiões 2, Carpinteiros 11, Serradores 7, Pedreiros 3, Cabouqueiros 1, Ferreiros 2, Cesteiros 17, Sapateiros 21, Praticos da costa 13, 1 Sargento Mór de Ordenanças e 4 companhias com 513 praças.

Producções de todo o districto da villa

Em 1800		*Em 1813*	*Exportação*
Trigo	290 moios	330 moios	30
Milho	350 moios	710 moios	50

Em 1800		*Em 1813*
Linho	60 quintaes....	.. ....
Fava	18 moios.....	4 moios.....
Feijão	40 alqueires ...	1 » .....
Legumes..	13 moios 20 alqueires	
Vinho	10 pipas	31 pipas .....
Cevada		1 moio .....

Ha 3 caminhos d'esta villa para a costa do sul: o 1.º pelo Pico da Trunqueira, e Agua Retorta á Povoação; 3 horas a pé, e 5 a cavallo; é muito máu.

O 2.º pela Pedreira, logarejo a uma legua do Nordeste, de 360 almas e pela serra do Lombo Gordo, até á Povoação: 3 horas a pé e 4 a cavallo; o 3.º indo pelo Nordestinho, ou pela Algarvia ao Pico da Vara, e de lá pelos Graminhaes para as Furnas, e d'ahi á Povoação.

Caminho da Villa do Nordeste para o logar do Nordestinho.

A 1|3 de legua da Villa do Nordeste, está a Ribeira dos Moinhos que nunca secca.

A 1|3 de legua o logarejo da Lomba da Cruz, e o caminho do mesmo nome, que do Nordeste vae á Povoação pelo Pico da Trunqueira.

A 1 legua de Nordeste a Ermida da Conceição do logarejo da Fazenda; a 94 braças a Grota da Arrubeira do Arraial, que secca no verão.

A 141 braças a Grota da Figueira.

A 376 braças o resto do logarejo da Fazenda cujos campos são ferteis.

E a 235 braças a Grota sem nome, secca, a 1|3 de legua o logarejo da Assumada.

A 1|3 de legua a Ribeira de João de Aroses, não secca; e logarejo da Lazeira; segue-se a Ribeira d'Agua, que secca no verão, e a 2 leguas da Villa do Nordeste, o principio do logar do Nordestinho, e o caminho para o Pico da Vara, pela canada do Feno.

A 1|3 de legua do principio do logar, está a Ribeira do Espigão Morto, que secca e é o fim do logar e ao pé o logarejo do Espigão Morto.

A 315 braças a ribeira e logarejo de Santo Antonio.

A 1|3 de legua a Grota e logarejo do Calvo.

A 180 braças começa a descida da Ribeira Despe-te que suas; e a 2|3 de legua está o fim da subida d'esta mesma ribeira, e um caminho ao sul para o Pico da Vara, passando pelo logarejo da Algarvia.

A 1 legua e 2|3 do Nordestinho, está o logarejo da Algarvia. Curato suffraganeo do Nordestinho na Egreja da Senhora do Amparo, situado entre a Ribeira—Despe-te que suas—e a da Mulher, de descida e accesso tão difficultoso como a primeira, e é o limite do Districto do Nordestinho, e da Villa do Nordeste, a costa do Topo ou Ponta do Nordeste corre a N, N. O. forma o pontal dos Frades, a Ponta da Ribeira dos Moinhos, e corre para O. até ao Pico da Algarvia, que se vê de grande distancia: como a costa é muito alcantilada, e cortada por muitas grotas e ribeiras, que todas tem as suas vertentes no cordão das alturas dos Graminhaes, o caminho que atravessa todas estas ribeiras, é assaz incommodo mesmo com bom tempo pelas descidas e subidas.

Logar do Nordestinho, o 23.º da ilha

Situado 2 leguas a N. NO. da Villa do Nordeste.

E' pequeno, tem Vigario e Cura na Egreja de S. Pedro.

População

Em 1580 tinha 181 almas de confissão em 41 fogos.

Em 1690—(comprehendendo a Algarvia na freguezia de S. Pedro) 748 pessôas em 189 fogos.

Em 1800 985 almas, e mais 2 mortes do que nascimentos.

Em 1813 875 almas em 175 fogos.

S. M: S. F:: 1: 1 1|4; V: V:: 1: 4 1|2; N: P:: 1: 19 1|46; C: N:: 1: 2 7|8; C: P:: 1: 54 11|16; M: P:: 1: 58 1|3; N: M:: 3: 1 1|15; mais 21 nascimentos do que mortos; diminuição de população em 13 annos, 110 almas; o termo medio do augmento era 10 almas, que em 13 annos produziam 130, logo emigraram 150 almas.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico.....	2.....	3
Corpo Civil..... ..	1.....	10
Lavradores	68.....	76
Artistas	15.....	24
Trabalhadores	297.....	220
Mendigos		3

Producções

De 1800 e 1813 incluidas nas da Villá do Nordeste.

Do logar da Algarvia o caminho para o Pico da Vara é muito bem até ao sitio a que vão cortar lenhas no matto; d'ahi para cima só se pode subir a pé: a 1 5|6 de legua está o Pico Redondo, atravessam-se as alturas dos Graminhaes e as vertentes de muitas ribeiras, e grotas que desagúam na costa do norte e sul da ilha. —Subindo mais 3|4 de legua ou a 2 leguas e 2|3 da Algarvia está o cimo do Pico da Vara, a montanha mais alta da Ilha d'onde se descobre grande parte da costa do norte e do sul; está quasi sempre coberto de nevoa, nas faldas observam-se as vertentes de muitas grotas, e uns grandes precipicios chamados os caldeirões; no apice do Pico da Vara achamos residuos vulcanicos; atravessando os Graminhaes para Oeste correndo ao norte pelas alturas, que formam os dois valles da Ribeira dos Moinhos e da Achada, a 2 1|6 de legua do Pico da Vara, está o logar da Achada Grande; o caminho é muito agradavel; e o viajante descendo do cimo da montanha d'onde muitas vezes se vê o ceo claro, emquanto os valles que a rodeiam estão cobertos de nevoa, vae gradualmente vendo grandes ribeiras, campos mui bem cultivados, e muitos logares da costa do norte da ilha.—Sahindo da Algarvia pelo caminho ao longo da costa atravessa a Ribeira da Mulher; encontra-se o logarejo da Feteira; a Ribeira do Folhado; a Ribeira das Pombas, o logarejo da Feteirinha; a Ribeira da Achada e o logar da

Achada Grande o 24.° da ilha

Situado uma legua a Oeste do logarejo da Algarvia, e 4 2|3 de legua da Villa do Nordeste: o plano de base do logar é muito superior ao nivel do mar que junto ao dos seus campos muito bem cultivados dão ao espectador, collocado nas faldas dos Graminhaes uma scena assaz agradavel; produzem bom trigo que dá de 7 a 10 por 1; milho 40 a 60 por 1; tem muito gado, gallinhas etc, não tem porto; tem Vigario e Cura na Egreja da Senhora da Graça.

População

Em 1580.....	132 almas de confissão em 32 fogos.
Em 1690.....	290 almas de confissão em 80 fogos.
Em 1800.....	922 e mais 10 nascimentos do que mortes.
Em 1813.....	792 almas em 204 fogos.

S. M: F:: 1: 1 1|8; V: V:: 1: 1 1|5; N: P:: 1: 21; C: P:: 1: 66; M: P:: 1: 49 1|2; N: M:: 2 3|8: 1, mais 22 nascimentos do que mortes: N: M: N: F:: 1: 1 1|9.

Diminuição de população em 13 annos 130 almas, termo medio de augmento rde população 16 almas, ou 208 em 13 annos; mas diminuiram 130, logo emigraram 338 almas.

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	2	2
Corpo Civil	6	6
Lavradores	59	60
Artifices	15	14
Vivendo de rendas	1	1
Trabalhadores	185	180
Mendigos	3	3

Producções

Do logar da Achada Grande		Do logar da Achada Grande em 1813. e Achadinha em 1800.
Milho	254 moios e 10 alqueires	98 moios e 16 alqueires
Fava	7 moios e 16 »	1 moio e 10 alqueires
Legumes	67 moios e 20 »	
Feijão		44 alqueires
Cevada		3 moios e 47 alqueires
Linho	30 quintaes	

Em 1813 tinha o logar da Achada Grande gado vaccum 168 cabeças, miudo 303, bestas cavallares 3, muares 1; jumentos 32; carros 5.

Sabindo da Achada Grande, encontra-se a 1|3 de legua a Ribeira da Palainha, ou dos Moinhos, de muita agua; e a 1|3 de legua o logar da

Achadinha, o 27.º da ilha

Situado 2|3 de legua a Oeste da Achada Grande, e 5 1|3 a Oeste da Villa do Nordeste; os seus campos produzem bom milho, que dá 60 por 1.

Tem vigario na Egreja de São Pedro.

População

Em 1580 tinha 123 almas de confissão em 61 fogos.
Em 1690 tinha 425 almas de confissão em 130 fogos.
Em 1800 677, e mais 10 nascimentos do que mortes.
Em 1813 735 almas, em 250 fogos.
S. M: S. F:: 1: 1 1|7 V: V:: 1: 1 3|10; N: P:: 1: 26;
C: P:: 1: 4.3 2|3; M: P:: 1: 87 5|8; N: M:: 3 1|4: 1; mais nascimentos que mortes 18 N. M: N. F:: 1: 1; augmento effectivo de população em 13 annos 58 almas; termo medio de augmento 44 almas, ou 182 nos 13 annos; augmentaram só 58, logo emigraram 124.

Occupações dos habitantes

1800		*1813*
Corpo Ecclesiastico	3	4
Corpo Civil	5	2
Lavradores	51	33
Artistas	160	119
Mendigos	3	3

Producções

1813	
Fava	2 moios e 33 alqueires
Feijão	53 alqueires
Milho	149 moios e 21 alqueires
Cevada	33 alqueires
Centeio	24 alqueires

Tinha mais, bestas cavallares 40; muares 3, jumentos 116, gado miudo 186 cabeças.

Sahindo da Achadinha, encontra-se a 1|4 de legua a Ribeira do Cachaço, que não secca; e a lomba da Calumbreira; a 470 braças a Ribeira da Aventura que não secca; a 470 braças a Grota do Pompé que secca no verão; os lavradores observam, que quando esta Grota secca em Março, e não torna a correr até Outubro, indica que o anno é secco, e consequentemente boas as colheitas de vinhos; trigos etc; e o contrario se corre durante esse tempo: a 336 braças está o logarejo de São José da Salga, curato suffraganeo da Achadinha.

População em 1813. 58 casaes.—Producções.

Milho 39 moios 3 alqueires
Trigo 9 moios 1 alqueire

Tinha mais, bestas cavallares 4; muares 1; jumentos 22; carros 13; e 1 companhia de Ordenanças.

A 1|4 de legua está a Ribeira da Salga, que não secca.

A 470 braças o logarejo da Lomba de São Pedro.

A 141 e 366 braças duas Grotas de São Pedro da Lomba no principio e fim do logarejo.

A 470 braças a Ribeira Secca, que nunca secca.

A 470 braças o

Logar dos Fenaes d'Ajuda, ou Vera Cruz 19.º da ilha

Situado a 1 1|3 de legua a Oeste da Achadinha, e 6 2|3 a Oeste da Villa do Nordeste.

Tem Vigario na Egreja dos Reis Magos.

A 400 braças ao norte do logar, sobre a costa que forma um saliente chamado a Ponta d'Ajuda está o Convento de Franciscanos com 5 Religiosos, muito arruinado; é bom ponto de vista descobrindo a Ponta e logar de Santo Antonio, a Villa da Ribeira Grande, o Pico da Algarvia, os Graminhaes etc.

O terreno produz milho, que dá 60 por 1; trigo 7 a 10 por 1, e feijão 5 por 1, tem muito gado, perdizes, e pombas.

População

Em 1580 tinha 275 almas de confissão em 72 fogos.

Em 1690 tinha 753 almas de confissão em 204 fogos.

Em 1800... 1357 e mais 28 nascimentos do que mortes.

Em 1813... 1227, em 350 fogos.

S. M: S. F:: 1: 1 1|6; V: V:: 1 7|8; N: P:: 1: 20 1|9;
C: P:: 1: 61 1|3; M: P:: 1: 39 1|2; C: N: 1: 3 1|20;
N: M:: 1 30|31: 1; mais 30 nascimentos do que mortes; N. M: N. T:: 1 1|30: 1.

Diminuição da população em 13 annos 130 almas; o termo medio do augmento de população era 29 almas, ou 397 de augmento nos 13 annos· mas diminuiu de 130, logo emigraram 527.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*1813*	
Corpo Ecclesiastico	8	7	*Tem duas companhias de ordenanças*
Corpo Civil	5	6	
Lavradores	96	49	
Vivendo de rendas	4	7	
Artistas	49	31	
Trabalhadores	174	172	
Homens do mar	6	3	
Mendigos	4	4	

Producções

1800		*1813*
Milho	260 moios	340 moios
Linho	20 quintaes	
Fava	10 moios	11 moios
Feijão	3 moios e 20 alqueires	10 moios
Legumes	51 moios e 40 alqueires	
Trigo		160 moios
Cevada	1 moio e 20 alqueires	

Tem mais gado vaccum 407 cabeças, e miudo 523; bestas cavallares 9, muares 8, jumentos 159; carros 32.

Sahindo do logar encontra-se a ribeira das Lages que não secca; o logarejo da creação, e o Pico do Barbosa ou da creação, bastantemente alto; o regato da creação, que não secca; a Ribeira do Vaqueiro que não secca; o logarejo da Grota funda; e a Ermida da Senhora da Afflicção.

Producções do logarejo da Grota Funda

1813		
Milho	135 moios e 30 alqueires	Tinha mais 167 cabeças de gado vaccum; 382 de miudo; 5 bestas cavallares 3 muares; 49 jumentos; 14 carros, e 1 companhia de Ordenanças.
Trigo	40 moios e 49 »	
Cevada	52 »	
Feijão	47 »	
Fava	1 moio e 30 »	

Segue-se a Grota da Ribeira funda; a ribeira funda que não secca; o principio da Lomba da Maia; a ribeira do Preto, que não secca, a ribeira do Salto, que não secca; A Ribeira do Barbosa secca; a grota e logarejo da Lombinha.

A costa forma até aqui differentes saliencias. Segue-se o

Logar da Maia o 7.º da ilha

Situado 2 leguas e meia a Oeste dos Fenaes d'Ajuda, e 9 1|10 a Oeste da Villa do Nordeste é logar pequeno e vigararia na Egreja do Espirito Santo; o terreno produz bom trigo, milho, vinho, e fructas: tem dentro do logar 2 ribeiras, a da Falevia, e da Laginha.

Producções

As de 1800 incluidas nas do Porto Formoso.

Em 1813, milho 231 moios e 20 alqueires; trigo 82 moios e 6 alqueires; cevada 1 moio e 56 alqueires; feijão 4 moios e 4 alqueires; fava 25 moios e 37 alqueires; tinha mais de gado vaccum 282 cabeças; miudo 496; bestas cavallares 110 muares 5; jumentos 94; carros 11; barcos 2; fornos de cal 1; de telha 1.

População

Em 1580, tinha 220 almas de confissão, em 78 fogos.

Em 1690, tinha 900 almas de confissão, e 253 fogos.

Em 1800, 2661 almas e mais 45 nascimentos do que mortes.

Em 1813, 2372 almas; em 644 fógos (nesta populacão estão incluidos os logarejos de São Braz e do Valle das Furnas) S. M: S. F: 1: 1 1|5: V: V:: 1: 4 2|3; N: P:: 1: 19 6|7: C: P:: 1: 59 3|10; M: P.: 1: 38; C: N:: 1: 3: N: M:: 18 7|9: 1; mais 57 nascidos do que mortos; N; M:: N. F:: 1 2|5: 1; diminuição da população em 13 annos 289; termo medio de augmento 51 almas, ou nos 13 annos 663 almas; diminuiu 289, logo emigraram 952.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	7	5
Lavradores	185	61
Negociantes e Morgados	1	
Artistas	75	42
Homens do mar	15	15
Trabalhadores	439	346
Vadios e Mendigos	7	6

Tem mais duascompanhias de Milicias.

Sahindo do logr para oeste; encontra-se a 1[3 de legua, a ribeira da Cruz, que secca no verão

A 315 braças, a ribeira e logarejo da Gorreana, de 30 casas; o caminho é máu; a 470 braças Grota da Maceda, que secca no verão e o caminho para a Ermida de São Braz o logarejo do mesmo nome, curato suffraganeo da Maia.

A 282 braças ar, deira da Lage, que secca.

A 393 braças, ouibo caminho ao Sul, para a Ermida de São Braz: a 282 braças a ribeira do Coicinho, que secca.

A 141 braças a r beira dos Monizes que secca, e a ribeira do logar de

Porto Formoso o 22.º da ilha

Situado 1 legua e 235 braças a oeste da Maia e 10 1[4 da Villa do Nordeste.

E' vigararia na Egreja da Senhora da Graça, o seu terreno é fertilissimo em trigo, do qual produz 10 por 1, o milho 80 por 1, nas melhores terras, e bons annos: no meio do logar tem uma grande enseada, chamada a Bahia do Porto Formoso, abrigada dos ventos dos quadrantes do sul; porem duas extensas restingas de pedra que tem no fundo, o vento norte, que não deixa sahir os navios; embravece muito o mar; a ancoragem perigosa; é defendida por uma bateria collocada no pontal de leste; na costa ha boas bicudas, tainhas e cracas.

As doenças que mais reinam, são dysenterias no verão: a costa desde os Fenaes d'Ajuda, forma a ponta da Maia, e as 2 do Porto Formoso, entre as quaes fica a bahia.

População

Em 1580 tinha 46 fogos, e 175 almas de confissão.

Em 1690 tinha 120 fogos, e 408 almas de confissão.

Em 1800 935 almas e mais 9 nascidos do que mortes.

Em 1813 946 almas em 251 fogos.

S. M: S. F:: I: 1 1[2; V: V:: 1 3 1[6; N: M:: I: 31 2[3; C: P:: I: 157 2[3; M: P:: I: 157 2[3; C: N:: I: 5 1[6; N: M:: I: 1; N. M:: N. F:: I: 1 4[5:

Augmento de população, em 13 annos, 11 almas; termo medio de augmento 4, ou em 13 annos 52 almas; augmentou 11; logo emigraram 41 almas.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	3	3
Corpo Civil	3	1
Lavradores	10	19
Artistas	56	34
Homens do mar	6	7
Trabalhadores	182	205
Vadios e mendigos	1	

Producções do Porto Formoso, e Maia

	Em 1800	*Em 1813*
Milho.....	530 moios.....	83 moios e 11 alqueires
Linho.....	30 quintaes...	
Fava	63 moios e 20 alqueires.....	2 moios e 34 »
Feijão	3 »	42 »
Legumes.....	122 » 10 alqueires	
Vinho	30 pipas	
Peixe.....	160 barris	
Trigo		9 moios e 22 alqueires

Tinha mais em 1813 gado vaccum 56 cabeças, miudo 140; bestas cavallares 3; muares 3; jumentos 76; porcos 211.

O caminho mais trilhado, da Villa do Nordeste para a Cidade, é por Porto Formoso, e Ribeira Grande.

Ha um caminho de communicação da costa do sul com a do Norte pelo Valle das Furnas, que é do logar da Povoação caminhando-se para o norte; sobem-se os Graminhaes, desce-se a Serra do Trigo; chega-se ao Valle das Furnas; sobe-se uma ladeira ingreme, rematada por uns rochedos chamados as Pedras do Gallego, meia legua distante do centro do Valle; desde este logar, o caminho é mui plano, bordado de tamujos, urzes, fetos, silvas etc.; no verão é mui agradavel, no inverno forma muitos lamaçaes; a meia legoa das Pedras do Gallego divide-se em dois, um corre ao norte, e depois a N. O; ao N. da Lagôa do Congro, e depois devide-se em dois, dos quaes, um conduz ao logarejo da Lombinha, a 2 1|2 leguas do Valle, e depois ao logar da Maia, a 2 5|6 de leguas do Valle: e o outro conduz a Porto Formoso; o outro corre ao Sul da Lagôa do Congro; atravessando toda a achada das Furnas, na direcção de S. O; conduz a Villa Franca e é chamado o caminho de São João.

Sahindo do Porto Formoso para Oeste encontra-se a 1|3 de legua, a ribeira secca, que nunca secca.

A 540 braças a enseada, areal, ribeira, e logarejo dos Moinhos do Porto; a ribeira nunca secca.

A 168 braças a Grota da Ladeira, limite do logar do Porto Formoso, e principio da ladeira da Velha, que sobe 1|3 de legua, e 84 braças; bastantemente incommoda de inverno; no fim tem uma albergaria muito arruinada; a 1|2 legua está a ribeira do Salto, que nunca secca, desagúa em um areal chamado a Prainha.

A 404 braças, está o Pico do Lameiro, e o da Fajã da Burra.

A 1|4 de legua, e 84 braças está o logarejo da Ribeirinha, e caminho ao norte com descida bastantemente ingreme, para o portinho de Santa Iria.

A 126 braças está a ribeira da Ribeirinha.

A 378 braças um caminho ao sul para as caldeiras da Villa da Ribeira Grande, e logarejo das Gramas: 1|2 legua ao sul da Villa 3 1|2 distante da cidade; tem 110 almas em 35 fogos.

A 462 braças a Villa da Ribeira Grande.

Os campos da Ribeirinha, formam uma extensa planicie, muito fertil, e muito bem cultivada. A costa desde o Porto Formoso forma a enseada dos moinhos do Porto, e do Calháu do Ferreiro ao norte do qual está o Calhau da Ladeira, e uns Ilhéus; d'ahi corre a N. NO, formando o portinho de Santa Iria, que é muito abrigado e um grande pontal chamado o morro da Ribeira Grande.

O Logarejo da Longaia 1|3 de legua da Villa da Ribeira Grande, tem 36 almas em 9 fogos.

(Continua)

Gonsalo Xavier d'Alcaçova Carneiro

E cartas da sua correspondencia particular com Antonio Nunes Ribeiro Sanches

Os homens do tempo do Marquez de Pombal—Antecedentes litterarios do seculo XVII—as Academias—A Academia Real d'Historia—Os Litteratos do seculo XVIII—A sciencia da litteratura—As bibliothecas—A vida de Gonsalo Xavier d'Alcaçova Carneiro atravez as suas cartas—reproducção da correspondencia com o Doutor Ribeiro Sanches.

Os homens do seculo XVIII de que Pombal resalta como um modelo, já pelos cargos que assumiu, já pela alta intellectualidade que era, como pelas qualidades moraes que formavam o seu caracter e pelo papel que desempenhou na politica portugueza do fim do seu seculo, eram homens bem diversos d'aquelles que no seculo seguinte iam proclamar theorias sociaes á Nação, nas Côrtes, no moderno regimen parlamentar. Emquanto aquelles eram ponderados, austeros, robustos de corpo, pugnando pelo trabalho, sacrificando capital, actividade, attenção, para o seu desenvolvimento, e tendo por moral politica o socialismo d'Estado, estes eram homens seccos, nervosos, excitados, verbosos, imbuidos de principios juridicos combattendo as perseguições politicas com doutrinas sociaes de caracter internacionalista e insulando forças nacionaes nos desalentos d'uma população que soffrera repetidas revezes da sorte com as invasões francezas com a permanencia da Côrte no Brazil com a Regencia extrangeira, com as perseguições politicas que deram causa á tragica execução dos conspiradores em 1817.

Os primeiros representando um regimen e tradições mantiveram os patrimonios nacionaes e defenderam-nos em prol da Civilisação patria, ao mesmo tempo que se preoccuparam com o industrialismo, com o commercio, com a agricultura, com os ensinos profissionaes e technicos e com a sciencia, engrandecendo e fomentando o emporio Colonial; os constitucionaes de 1820 encontrando-se n'um mundo dissolvido reuniram-se em volta das ideias novas da internacionalisação politica adaptadas á constituição portugueza e fizeram d'ellas o symbolo da resurreição da Patria.

Os homens dos reinados de D. João V e D. José educados nas bibliothecas e nas reuniões litterarias conduziram a sociedade do seu tempo aos fins que lhes ditavam as suas superiores intelligencias emquanto que os do reinado de D. João VI foram uns intranquillizados, uns therapeutas da politica que soffreram a missão, de restaurar um paiz revoltado ao seu estado normal, restituindo todas as garantias de trabalho e de segurança á sua população.

Pombal apesar dos cargos que exerceu no extrangeiro como diplomata não era um espirito differente do da epocha entre os homens cultos de Portugal e do seu meio. Pombal não era um d'estes productos originaes que revoluciona uma epocha trazendo de civilisações exoticas varias collecções d'organisações sociaes e applicando-as na sua patria com mais ou menos successo. Filho d'uma geração que empregára os pingues rendimentos das minas do Brazil e mais explorações coloniaes em vastos monumentos d'utilidade publica e collecções d'objectos d'Arte, assistindo a dois males economicos que d'essa orientação emanavam como eram os da atrophia do industrialismo e do operariado, ambos limitados pelo exaggero da actividade constructora e ornamentadora, o Marquez de Pombal assumindo a responsabilidade de reedificar Lisbôa arrasada em 1755 pelo terramoto e inundações das marés, tratou de dar expansão e de facilitar as producções agricolas e industriaes ao mesmo tempo que velava por uma administração escrupulosa de poupamento de despezas publicas e desenvolvimento de receitas, afim de restabelecer as actividades productoras da nação.

Os homens que elle associou na sua obra eram homens da mesma cultura social unidos pela mesma vontade de reformas economicas e espiritos illustrados por toda uma eschola sahida dos encyclopedicos do Oratorio, e dos diplomatas da Restauração.

O Oratorio, que fôra a creação escholar que trouxera a instrucção jesuitica para o dominio religioso apenas, imprimindo aos variados ensinos o sentimento e o espirito pratico e nacional, tinha o seu complemento, quanto a sciencia social e historica, n'uma Instituição cuja alma fôra D. Manuel Caetano de Souza, aberta por decreto de 8 de dezembro de 1720, n'uma das salas do palacio de Bragança —A Academia Real d'Historia.

Depois dos Estudos Universitários de Coimbra, os escriptores tinham a Academia de Lisbôa que lhes publicava as obras de merito sobre a vida social, militar ou ecclesiastica do paiz sem outra censura alem daquela que exerciam 4 nos 50 academicos existentes que formavam uma Commissão para esse fim designada.

A censura litteraria entregue á Inquisição começára alli a levar o golpe que em 74 terminava com a creação da Real Mesa Censória—um conselho superior d'Instrucção publica que superintendia nas escholas secundarias e primarias e que revia as obras e permittia a publicação d'ellas.

Entre outros homens notaveis do cenaculo litterario da Academia contavam-se os Marquezes de Abrantes, Alegrete, Fronteira e Valença, o Conde da Ericeira, D. Antonio Caetano de Sousa, Manuel Telles da Silva, Diogo Barbosa Machado, Alexandre Ferreira, Francisco Leitão Ferreira, Jeronymo Contador Argote, Raphael Bluteau, Padre Antonio dos Reis; e o secretario d'essa Academia seria mais tarde Gonsalo Xavier d'Alcaçova, um d'esses individuos como Seabra da Silva, como José Corrêa da Serra, como Avelar Brotero, o Padre Theodoro d'Almeida e tantos outros homens que cultivavam estudos diverso se que os expandiam nas mais claras e elevadas doutrinas do tempo. Gonsalo Xavier não era verdadeiramente nem um publicista, nem um encyclopedico, nem um homem de sciencia vulgarizador do ensino pelo livro; Gonsalo Xavier era um dilettante litterario fóra das suas attribuições academicas, e lá, por occasião dos anniversarios de familia Real, lia os seus elogios expressamente escriptos á Academia, de que existem hoje alguns impressos proferidos na Academia Real das Sciencias; as publicações mais notaveis que se faziam em França, na Inglaterra, na Allemanha, e na Hollanda elle tomava conhecimento d'ellas com a posse que tinha das linguas e expunha o resultado das suas investigações aos seus collegas nas sessões ordinarias no decorrer do anno, e lia os seus trabalhos de philosophia historica.

Pintura italiana alegorica a dedicação dispensada por D. João V ás Academias [illegible] pelas [illegible] para [illegible] monarchia em Roma.

Verdadeiramente era n'essa troca d'impressões litterarias que estava o principal fim da Instituição ligada com a publicação das obras escriptas pelos ac

demicos, ou velhos manuscriptos, ou trabalhos achados uteis de se darem á luz da publicidade; e as necessidades do convivio litterario eram por tal forma julgadas imperiosas que a sociedade portugueza dos principios do seculo XVIII tinha já feito d'elle uma moda, inspirada nos costumes dos escriptores e litteratos da Restauração reunidos em Academias particulares em casa do Bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda o auctor da Catastrophe de Portugal a "Instantanea"; na dos "generosos" instituida em 1647 por D. Antonio Alvares da Cunha trinchante de D. Pedro II e guarda mór da Torre do Tombo; a dos "Singulares" reunida em casa de D. Francisco Manuel de Mello aos domingos, a das "Conferencias Eruditas" que entre 1696 e 1699 se juntava nas salas do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes; e tantas outras como a dos "Anonymos" a dos "Eruditos", a dos "Applicados".

O IV Conde da Ericeira foi o verdadeiro organisador do movimento litterario das academias no fim do seculo XVII, neto, sobrinho e filho de litteratos elle compõe 37 volumes d'obras (Poema Henriqueida edição de 14 de setembro de 1738) tendo feito o seu debute academico nos Instantaneos com oito annos d'edade indo pouco mais velho continuar a frequentar os Generosos cujo destino elle vae depois tambem conduzir reunindo na sua bibliotheca do Palacio da Annunciada as suas Conferencias eruditas que são a sequencia dos generosos continuados por D. Luiz da Cunha em 1693 á morte de seu pae Antonio Alvares e de que fôra primeiro presidente o Conde com vinte annos d'edade.

E emquanto esses academicos de Lisbôa soffrem intermitencias na sua vida associativa passando da Academia dos Generosos para o Palacio do Cunhal das Boas reunindo-se os membros das Conferencias discretas entre 1696-1703 secretariados pelo Conde da Ericeira, pela provincia criam-se outros centros litterarios com estes moldes, em Bellas, Setubal, Santarem, Coimbra, Aveiro, Braga e Guimarães.

O Conde da Ericeira passando a reunir na sua bibliotheca aos domingos os membros das Conferencias discretas com o titulo de Academia dos Anonymos, tornando-lhe a dar o nome de Generosos nos primeiros annos do seculo XVIII e em 1717 o da Academia Portugueza elle conserva por assim dizer a divisa do "non extinguetur" com o emblema symbolico d'uma vela accesa mantidos pela Academia dos Generosos.

E de facto a obra do Conde da Ericeira não se extinguia passando da Academia Portugueza para a Academia d'Historia constituida com os seus elementos e com os da Academia dos Anonymos e dos Illustrados. Em 1719 no dia de S. João Evangelista, anniversario do Rei, o Conde da Ericeira solicitou a graça que lhe foi concedida de reunir a academia no Paço, o que lisongeou muito o soberano e a tomou sob a sua guarda e de facto por carta regia de 11 de Janeiro de 1721 é ordenada a entrega a todos os Cartorios das Comarcas do Reino das noticias necessarias para os estudos dos academicos; por decreto de 20 d'outubro são nomeados 8 officiaes para durante um anno tirarem copias de documentos da Torre do Tombo; por decreto de 29 d'Abril de 1722 são ishentes de Censura e de Licença do Desembargo do Paço as obras dos Academicos; e por decreto de 6 de Janeiro de 1721 foi-lhe concedida um subsidio annual de um conto de reis.

Foram membros Constituintes da Academia:

Padre André de Barros, da Companhia de Jesus.

Padre D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo regular, Qualificador do Santo Officio.

Padre Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio.

Antonio Rodrigues da Costa, conselheiro ultramarino.

—Por falecimento entrou no seu logar—Alexandre de Gusmão, eleito em 28 de fevereiro de 1732.

Padre Antonio Simões, da Companhia de Jesus, lente de Moral no Collegio de Santo Antão.—Por fallecimento, entrou no seu logar Luiz Francisco Pimentel, eleito em 23 de Dezembro de 1723.

Padre Fr. Bernardo de Castello Branco, da ordem de Cister, Chronista mór do Reino, e Qualificador do Santo Officio.—Por fallecimento entrou no seu logar D. Francisco de Sousa, eleito em 3 de Janeiro de 1726—Succedeu-lhe Gonsalo Manoel Galvão de Lacerda, eleito em 17 de Novembro de 1729.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Doutor em Canones.—Por ausencia, entrou no seu logar Nuno da Silva Telles, eleito em 4 de Janeiro de 1725.

Padre Bartholomeu de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, lente de theologia no Seminario de S. Patricio.

Caetano José da Silva Sotto-mayor, Bacharel formado em Canones.

Diogo Barbosa Machado.

Diogo Corrêa de Sá, visconde da Asseca.

Diogo de Mendonça Corte Real, Secretario de Estado. —Por falecimento em 9 de Maio de 1735, foi eleito o Dr. Francisco Leitão Ferreira, em 17 de Maio de 1737.

Padre Fr. Fernando de Abreu da ordem dos Prégadores.—Por fallecimento eleito para o seu logar D. Diogo Fernandas de Almeida em 13 de Março de 1727.

D. Fernando de Mascarenhas, Marquez da Fronteira, védor da Fazenda.—Por fallecimento, eleito Diogo de Mendonça Corte Real em 9 de Março de 1729.

D. Fernando de Noronha, Conde de Monsanto; succedeu-lhe D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, eleito em 23 de Dezembro de 1722.

Fernão Telles da Silva, Marquez de Alegrete; por fallecimento em 7 de Julho de 1734, foi eleito João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, em 22 de Julho do mesmo anno.

Francisco Dionysio de Almeida da Silva e Oliveira.—Entrou no seu logar Manuel Dias de Lima, eleito em 10 de Janeiro de 1722.

Benef. Francisco Leitão Ferreira, parocho do Loreto; falleceu em Março de 1735, eleito para o seu logar em 17 de Março o P.e D. Caetano de Gouveia.

D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, da Junta dos 3 Estados.

P.e Jeronymo de Castilho, da Companhia de Jesus; para o seu logar eleito o Dr. Agostinho Gomes Guimarães em 25 de Maio de 1730.

O P.e D. Jeronymo Contador de Argote, clerigo regular.

Jeronymo Godinho de Nisa, Official maior da Secretaria das Mercês.

Ignacio de Carvalho de Sousa.

Dr. João Alvares da Costa, Desembargador da Supplicação.

João Couceiro de Abreu e Castro, guarda-mór da Torre do Tombo.

P.e João Colt, da Congregação do Oratorio.

P.e D. José Barbosa, clerigo regular, Chronista da Casa de Bragança.

José Coutinho de Argote—Succedeu-lhe o P.e Julio Francisco.

José do Couto Pestana.—Succedeu-lhe o P. Francisco Xavier de St.a Thereza em 18 de Agosto de 1735.

José da Cunha Brochado, Chanceller das Ordens militares; falleceu em 27 de Setembro de 1733; succedeu-lhe Sebastião José de Carvalho e Athayde, eleito em 8 de Outubro de 1733.

P.e Fr. José da Purificação, dominicano, lente do Collegio de N. S. da Escada. Substituiu-o Dr. Alexandre Ferreira, eleito em 12 de Abril de 1731.

José Soares da Silva.

Julio de Mello de Castro; succedeu-lhe D. João de Almeida e Portugal, conde de Assumar, em 4 de Março de 1721; e a este o Dr. Joaquim Pereira da Silva Leal em 21 de Janeiro de 1734.

Lourenço Botelho de Soutomayor.

P.e Fr. Lucas de Santa Catharina, Chronista da Ordem dos Prégadores.

P.e D. Luiz de Lima.

Manoel de Azevedo Fortes, Engenheiro-mór.

Dr. Manoel de Azevedo Soares; succedeu-lhe o Conde de Vimioso, em 19 de Janeiro de 1731.

P.e D. Manoel Caetano de Sousa; falleceu em 18 de Novembro de 1734; entrou em seu logar o Dr. Ignacio Barbosa Machado, em 2 de Dezembro.

P.e Manuel de Campos, da Companhia de Jesus, lente de Mathematica no Collegio de Santo Antão.

Dr. Manoel Pereira da Silva Leal.—Succedeu-lhe o Dr. Manoel M. de Sousa.

Dr. Manoel da Rocha, cisterciense.

Manoel Telles da Silva, conde de Villar maior. Entrou em seu logar o Padre Luiz Cardoso, eleito em 1736.

P.e D. Manoel do Tojal da Silva, theatino.

Martinho de Mendonça de Pina Proença.

Fr. Miguel de St.a Maria;—succedeu-lhe D. Francisco de Almeida.

P.e Pedro de Almeida; da Companhia de Jesus; excusando-se do logar, succedeu-lhe o Philippe Maciel.

P.e Pedro Monteiro succedeu lhe o Dr. Nicoláo Francisco Xavier da Silva, em 1735.

Raphael Bluteau, falleceu em 13 de fevereiro de 1734, succedeu lhe o Desembargador Antonio Andrade Rego.

D. Rodrigo Annes de Sá e Almeida, Marquez de Abrantes; succedeu-lhe o Conde de Assumar em 7 de Maio de 1733.

A casa aonde o Conde da Ericeira consolidára as reuniões litterarias das ephemeras Academias do seculo anterior, aonde elle brilhava com os seus talentos litterarios, dotes adquiridos no convivio e nas tradições de familia, situada no largo da Annunciada, no sitio aonde depois foi construido o theatro da Rua dos Condes era uma morada onde as obras d'arte dos mestres da pintura como Ticiano, Corregio, Rubens, Guido Reni e muitas outras celebridades enriqueciam uma habitação em que gerações tinham accumulado um archivo de collecções de documentos superior a um milhar e uma livraria de 18 mil volumes de enumeras variedades em que se encontravam uma "Vida de Carlos V» autographa do monarcha, um livro de plantas illuminado que pertenceu ao rei da Hungria, cartas de marear dos nossos primeiros navegadores, "de Regimine Principum» de Frei Gil de Roma, entre uma infinidade de obras escolhidas de Medicina, Historia Natural, Historia social, Grammatica, Diccionarios, Oratorios, Poetica, Manuscriptos portuguezes e extrangeiros e obras ineditas de membros da Casa da Ericeira etc.

E eram numerosas as obras d'esses Ericeiras escriptores em que figúram o 1.º Conde D. Diogo de Menezes auctor de A Vida de D. Henrique de Menezes, governador da India (impressa em Madrid em 1628);

O 2.º Conde D. Fernando, auctor de muitos manuscriptos (ainda existentes) e da Historia de Tanger 1732 A Historia da Restauração de Portugal (1656—1736) escripta em dois volumes em latim. A Historia d'El-Rei D. João I. (1668);

O 3.º Conde (seu irmão e genro) D. Luiz, auctor da Historia de Portugal Restaurado, da Vida de Jorge Castrioto e do Compendio da Vida do Marquez de Tavora e de grande copia de manuscriptos militares, politicos e poeticos; a 3.a condessa D. Joanna filha e mãe do 2. e 4.º Conde, auctora de enumeras obras ineditas entre as quaes figuram poesias hespanholas, francezas e italianas, comedias, autos sacramentaes, cartas familiares, um poema em cinco cantos—Perseo, o Despertador del Alma al sueño de la Vida (de 300 oitavas) que corre impresso sob o anonymato de Apollenario de Almada, e Reflexões sobre a Misericordia divina (1694).

E quasi todos estes litteratos tinham nas suas casas bibliothecas da familia de grande numero d'exemplares ou de manuscriptos infolios illuminados, exemplares raros d'impressões portuguezas e extrangeiras dos seculos XVI e XVII na reunião dos quaes constituiam os seus estudos—os santuarios de trabalho d'onde sahiram esclarecidos vice-reis da India, Governadores, generaes e homens d'Estado celebres pelos seus feitos illustres.

As grandes bibliothecas do seculo XVII eram entre outras a de Gaspar Severim de Faria, Chantre da Sé d'Evora, que continha tambem um medalheiro e museu d'antiguidades e productos naturaes; a dos Condes de Villar Mayor e de Tarouca; a do Cardeal Arcebispo de Lisbôa D. Luiz de Sousa (de 30 mil volumes) que por sua morte passou á casa de Lafões, a dos Condes de Vimieiro e da Ericeira, a do Duque de Cadaval, a do Marquez d'Abrantes.

O typo do homem de tradições de nobreza que archivava as demonstrações raras e uteis d'archeologia para o estudo, reunindo-se para trocar impressões e fazer a critica ás obras de sciencia e de litteratura nas Academias, esse typo de collecionador e estudioso, ás vezes escriptor, ás vezes homem de cargos publicos incarnava-o o proprio Rei que creou a bibliotheca de Mafra e das Necessidades engrandecendo a do Forte do Palacio da Ribeira na qual se fizeram no Torreão grandes adaptações e se viram sumptuosas estantes em madeiras do Brazil esculpidas e entalhadas por esses maravilhosos artistas que nos deixaram as galeotas e os coches d'essa epocha e para essas bibliothecas trabalharam os livreiros francezes que se achavam em Lisbôa em negocio, Gendron e Reycend, os quaes mandaram tambem vir grande numero d'obras manuscriptas e ineditas do Extrangeiro.

Só no anno de 1731 foram comprados em França, nos Paizes Baixos, em Leipzig e outros mercados de livros da Allemanha, vinte mil volumes; e para copiar manuscriptos importantes sobretudo que diziam respeito a Portugal foram expedidos para as Cidades sédes de grandes Bibliothecas da Europa amanuenses e paleographos para lá trabalharem.

D. João V tambem teve uma grande vaidade em formar a Academia do Reino a fim de congrassar todos os elementos uteis no trabalho commum para a vulgarisação da litteratura e das sciencias.

D. Manuel Caetano de Souza estava muito interessado na publicação d'uma historia portugueza da egreja nos moldes da Italia Sacra de Fernando Ughelli e entrevistava-se com el-Rei e submetteu o plano da Academia em projecto, n'uma d'essas entrevistas o qual recebeu approvação a 4 de novembro de 1720. A iniciativa foi traduzida n'um extenso relatorio elaborado pelo padre Theatino que a expoz á Commissão Organisadora e 15 dias depois, á Commissão composta pelo auctor do Relatorio, pelo Conde da Ericeira, pelo Marquez d'Alegrete, por Martinho de Mello e Castro e pelo Conde de Villar Mayor que reunidos varias vezes para a discussão do Regulamento e Estatuto approvado por decreto de 4 de janeiro de 1721 deram a forma definitiva á Academia que, como já vimos, a 8 de Dezembro do anno anterior, tinha a primeira sessão na Casa de Bragança com assistencia de [illegible] academicos.

Palacio e Convento de Mafra

Xavier Alcaçova era erudito. A sua bibliotheca levava-o ao conhecimento de tudo quanto se escrevia de celebre; e o conhecimento das livrarias, dos impressos, dos editores, dos escriptores, advinha-lhe do contacto directo por occasião de varias visitas feitas ás capitaes da Europa e pelo conhecimento e cultura das linguas.

Em 1751 encontrava-se elle com Ribeiro Sanches em Madrid e uma amisade duradoira, iria, mais de vinte annos, consolidar-se annualmente por troca de correspondencia assidua em que os mais estreitos serviços eram prestados de parte a parte, com livros que se remettiam, pequenos objectos d'utilidade domestica, productos coloniaes, informações que se davam, noticias que se participavam.

Antonio Ribeiro Sanches era uma celebridade em Paris e como tal não só estava tambem em contacto com os intellectuaes do seu tempo como era ouvido nas especialidades medicas a que se dedicava, como doenças venereas e hygiene. Perseguido por christão novo com a familia, depois d'um curso medico com frequencia nas Universidades de Salamanca e Coimbra, elle vae, na Hollanda, em Leyde, doutorar-se outra vez nos mesmos estudos, com as celebridades que formavam então o Corpo do Professorado d'aquella Universidade e que o apresentam ao mundo scientifico do Norte da Europa e da Europa Central; e na Russia primeiro e na Austria depois elle desempenha funcções de confiança nos exercitos, fazendo mesmo a guerra russo-turca; e d'essa aventura do oriente elle traz para Paris uma innovação therapeutica – os banhos de vapor que elle applica com grandes resultados.

É em Paris que o Governo do Marquez de Pombal entra em relações com elle; e de lá elle dirige as bellas Cartas para a Mocidade esquissando o regimen escholar ás creanças e que elabora a reforma da Universidade de Coimbra as quaes com muitas outras obras de hygiene o tornaram celebre em Portugal.

Xavier Alcaçova corresponde-se com o ex-medico dos exercitos russos vae estreitar ainda mais as relações do foragido de Portugal com o seu paiz, que elle apesar de tudo, sempre ama, com carinho de filho.

A França litteraria não estava em harmonia com a França politica e social: a primeira florescia, a segunda decahia.

A França debatia-se então n'uma complicada teia de gravames que originavam um protesto vehemente e systematico das populações em massa. Os impostos pesados arrecadados por agentes formados em companhia que exerciam tambem os mais vis vexames que as leis toleravam sobre os contribuintes, não só inflingiam a desolução na sociedade como davam lugar a agiotagem por parte dos capitalistas e aos desbanjamentos nas administracções publicas.

A constituição da companhia arrecadadora dos impostos em 1697 vinha salvar então com o seu contracto da arrematação dos principaes impostos, taes como a gabella (impostos sobre o sal) os impostos das alfandegas, sobre os generos e tabaco, as fintas e derramas e contribuições prediaes, medida creada pelos contraladores geraes Chamillard e Desmarets, a crise financeira que accusava uma divida publica consolidada do capital de 1500 milhões e d'uma divida fluctuante exigivel de 250 milhões. A crise era a resultante de successivas guerras e delapidações repetidas dos dinheiros publicos, e apesar da guerra que de novo despontava no horizonte politico por causa da successão de Hespanha, os 37 milhões do contracto da arrematação dos impostos foram empregados na construcção dos tanques do parque de Versalhes. Este Critério economico do Governo de Luiz XIV ia-se manter durante o seculo seguinte aggravado com os empregos dos dinheiros capitalisados e dos vexames exercidos pela gente do fisco.

O economista Law creára o organismo do banco nacional e formaram-se ideias de credito em volta da instituição que reuniu tambem a Companhia do Mississipi, a propriedade do Senegal, o commercio exclusivo da China, a antiga Companhia das Indias, a fabrica da moeda e a arrecadação dos impostos; mas esse credito que devia dar expansão ao commercio á agricultura, á industria e a todos os ramos d'actividade degeneraram n'uma febre de especulação de todos os generos que á mistura com as libertenagens da sociedada burgueza e aristocratica foram arruinar o paiz.

As arrecadações em 1763 eram de 90 milhões de francos e as imposições attingiram o auge da crueldade e do despotismo. O sal cujo consumo era obrigatorio a todo o individuo maior de 7 annos vendia-se doze vezes o seu valor, e falsificadores e contrabandistas tinham a punição de 9 annos de galera e 500 libras de multa. Os regimens diversos em que viviam as differentes terras de França denominadas terras d'eleição, provincias antigas e terras redimidas davam lugar a que a venda do sal fosse feita pelo preço de 4 libras o quintal n'uma, 8 n'outra, 24

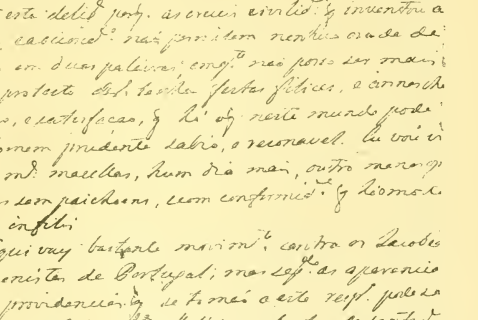
n'outra, chegando a attingir em Amiens 62 (1) libras, sendo as reincidencias punidas com forca. N'essas barreiras entre as provincias estavam milhares de guardas de alfandega que absorviam uma grande parte dos rendimentos publicos d'impostos e os arrecadadores d'elles pagando egualmente um numeroso pessoal de fiscalisação e cobrança faziam lucro de 12 por cento. E as libertenagens das cidades não eram de molde a infundir a satisfacção nas populações laboriosas.

Os agentes que tomavam os impostos d'esse rendimento chamados fermiers generaux e que eram banqueiros ou burguezes ricos desempenhavam no mundanismo do tempo lugares de destaque, citando-se Saint-James para exemplo que fizera construir em Bagatelle um palacio sumptuoso para offuscar o do Conde d'Artois; e viviam faustosamente recebendo nas suas casas a melhor gente do tempo.

Alexandre Jean Joseph le Riche la Pouplimiére era um d'esses fermiers que cultivava as lettras e protegia os artistas recebendo a célebre Md.ᵉ de Genlis os primeiros auxilios d'elle, e ficando conhecida tambem na historia litteraria por um

Carta autographa

Uma noticia de Xavier Alcaçova para Ribeiro Sanches



romance—Daïs—e por outro livro—Tableau des Moeurs du Temps—ornado de gravuras licenciosas descrevendo a vida corrupta da epocha de que foi tirado apenas um exemplar e que mais tarde (1763) quando foi vendida a bibliotheca do auctor já fallecido, foi aprehendido por determinação regia. A sua propria mulher era litterata e historiadora sendo auctora entre outras obras de uma Historia da Successão de Hespanha e do Extrait du systéme de Rameau; e por isso

(1)—A *libra* n'esta epocha valia o franco.

as sallas de sua casa eram frequentadas não só por gente da nobreza, da finança e do commercio mas sobretudo, por gente de lettras entre as quaes Dalemberg e Buffon e Xavier Alcaçova n'essa casa relacionou-se com muita gente do mundo das lettras.

O Paris galante d'essa epocha não é estranho á vida do estudioso viajante portuguez e uma d'essas fadas do theatro que brilhava na exhibição das scenas eroticas dos bailados da Opera nas representações nocturnas, vae desprender o seu amor real nos braços do aventureiro. Chamava-se essa actriz de St. Germain e dos amores com Xavier de Alcaçova nasceu um filho que teve por nome Armand Xavier que viveu no decurso da vida do pae inspirando-lhe mesmo de vez em quando grandes curiosidades e receios, sentimentos que eram satisfeitos com as informações de Ribeiro Sanches. Desvarios da mocidade!?

Não foram comtudo esses amores, resultantes d'uma tendencia sentimental ou d'educação aliás justificaveis n'um homem novo na força da vida.

Xavier Alcaçova casado com D. Anna Thereza de Saldanha e Albuquerque da casa dos Condes da Ega dama da rainha D. Marianna Victoria e viuva de D. João Manuel da Costa, da Casa de Soure, foi um homem pautado tanto na sua vida particular como na sua vida publica, vivendo no campo com as suas horas divididas entre os passeios hygienicos a cavallo e as suas leituras, vindo ao desempenho das suas funcções academicas, entregue completamente a duas preoccupações que o absorviam—as lettras e uma doença gotosa que uma debilidade nervosa por vezes deixava trespassar intensas dores que o retinham no leito.

D. Francisco de Saldanha 3.º Patriarcha de Lisbôa amigo pessoal de Xavier Alcaçova já por remotas ligações de familia com sua Esposa, uma Saldanha e Albuquerque já por afinidades de sentimento e de caracter, levava-o frequentes vezes ao Tojal.

O Tojal era a residencia de Campo dos Patriarchas. Quando foi, a solicitação de D. João V, creado o Patriarchado de Lisbôa em 1716 (bùla de 7 de novembro) a quem fez graça das honras e prerogativas eguaes as concedidas aos cardeaes da Santa Egreja Romana (decreto de 12 de fevereiro de 1717) doando-lhe e aos seus successores (decreto de 1 d'Abril de 1719) a pensão annual de 220 marcos d'oiro pagos pelos rendimentos dos quintos do oiro de Minas Geraes, D. Thomaz d'Almeida primeiro patriarcha tomou o velho palacio da Quinta de Pero Viegas do Tojal edificado no seculo XVI por D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, Arcebispo de Lisbôa, destinado a servir de residencia de prazer aos Prelados, e procedeu a grandes melhoramentos quando reconstruiu a Egreja Parochial, ampliando os jardins e decorando sumptuosamente as sallas do Palacio de Marvilla que desde então se tornou a estancia predilecta dos Patriarchas.

E as suas deslocações eram frequentes indo para Torres Novas, para Bellas, vêr propriedades ou passar uma temporada, mas voltava á sua vida habitual de bibliotheca, comprando com todos os rendimentos superfluos de que dispunha livros para ella e vendendo fructa para augmentar os seus rendimentos.

Esses rendimentos que eram pouco avultados contentavam comtudo o fidalgo orgulhoso do seu meio e das tradicções da sua casa, e no dia que elle solicita alguma recompensa de serviços de D. José é em 1777 a mercê da Alcaidaria Mór de Campo Mayor, as saboarias d'Olivença e levantar uma villa cujos rendimentos como elle diz, não augmentariam o seu bien-être mas eram uma justa restituição de bens (agóra da Corôa) dos avós entre os quaes figurava D. Pedro Alcaçova, Conde de Idanha o celebre Regente do Reino, durante a expedição de D. Sebastião a Africa, de que elle era representante por linha feminina (morrendo em Alkacer-Kibir os dois filhos varões de D. Pedro Alcaçova): e esse deferimento do Monarcha ao seu requerimento e para elle de grande valor moral como elle diz:

«A circumstancia de ter vida n'estes bens me deixão acção e direito a muitos annos decahidos, os quaes todos segurão se me não podem negar. Sendo isto assim em huma edade já crescida livre dos faustos e de illusões populares, satisfei-

tos todos os meus encargos, consigo aquella independencia com a qual todos são ricos; e entre a minha familia, alguns amigos e os meus livros, não havendo molestias dolorosas, com que são pesadas todas as fortunas, inteiramente ficam satisfeitas as minhas ambiçoens; e perdôo a estes bons principes quaesquer outros bens que podem fazer-me; mas para que isso assim seja hé preciso que tenha o seu prompto e devido effeito este despacho.

Esses livros a que elle dedica a sua attenção e o melhor do seu trabalho são as Memórias da Academia de Sciencias, 156 volumes, que elle comprou por 200 libras e a Pratica do Theatro por Dolignéé, a Encyclopedia d'Hyneidon, Francisco I por Gaillard, o Atlas Historico de Marnór, o Traité des Elements de Chimie de Albelacassagne, e o Diccionario cirurgico de V. N. e de la M. que se vendia chez La Combe, é o Bregé de la Harmonie por Vial: são as obras de de Real e de Sebalthier, de Palemberg e de Voltoire; é o Diccionario dos Homens Illustres de La Combe e Sansoniste, é o jornal Encyclopedique dos Interets des Nations de l'Europe et les principes du Gouyernement; é l'Art du Pouvoir du Magistrat pour un avocat ou Parlement: é l'Histoire des Progrés de L'espirit humain dans les sciences exactes de Severin; é o Diccionaire du Droti Economique e Raizoné, é Une Machine propre á blanchir le linge inventée en Anglaterre et perfectionée en Allemagne traduit de Alleman e que se vendia chez Durand neveu rue St. Jacques, é a Encyclopedia que se vendia em Lisbôa a 8 mil reis o volume e que despertava um grande interesse nos bibliophilos e em todos os paizes nos meios escholares.

E as informações que elle presta á Academia sobre as sciencias expandidas n'estes livros valem os seus escriptos pessoaes em que elle trabalha e que se compunham d'um plano d'administracção politica para o Reino e para as Ilhas, um Diccionario portuguez. Os Progressos do Espirito humano desde a decadencia do Império d'Occidente até aos nossos dias (lido na sessão de 18 d'outubro de 1780) a Decadencia do Imperio Romano que foi apresentada n'uma conferencia de 1781 da Academia Real das Sciencias, um livro d'historia uma traducção d'uma Historia da America, e alguma outra obra desconhecida no Mundo litterario, aonde estes tambem certamente se não conhecem porque creio que não foram editados, sendo possivel que hoje existam n'alguma livraria em manuscriptos ou na bibliotheca da Academia das Siencias.

No tempo de Xavier Alcaçova apesar das grandes bibliothecas terem sido aniquiladas pelo terremoto de 1755 outras se tinham formado e engrandecido as desbaratadas pela pilhagem que se succedeu aos tremores de terra.

As livrarias conventuaes e episcopaes attingiram o seu auge até então visto, como a de Evora, augmentada pelo Arcebispo D. Manuel do Cenaculo de Villas Bôas e enriquecida com um museu d'antiguidades a qual foi uma das primeiras franqueadas ao publico: a livraria do Arcebispado de Braga que datava a sua fundação do seculo XV pela iniciativa de D. João d'Azevedo, a livraria do Convento de Jesus de 80 mil volumes, aonde hoje se acha a Academia de Sciencias a de S. Vicente de 20 mil, ambas em Lisbôa, a de Alcobaça de 25 mil volulumes, a de St.ª Cruz de Coimbra de 30 mil volumes, e a do Mosteiro dos Benedictinos de Tibães a uma legua distante de Braga com trinta mil volumes. Quanto a bibliothecas particulares, havia a do Conde de S. Lourenço, a da Casa de Lofões engrandecida pelo D. João de Bragança que viajára pela Asia Menor pelo norte de Africa e pela Europa, e a do Visconde de Balsemão, no Porto, de 12 mil volumes.

D. João Carlos de Bragança de Paula Tavares Mascarenhas da Silva e Ligne com tradicções de familia semelhantes á do Conde da Ericeira era como elle um cultor das lettras.

Doutorado em Coimbra em 1742, teve que sahir do Reino em 1757 por motivos que não foram conhecidos mas que se desconfia terem origem em amores palacianos que desagradavam ao Soberano e depois de percorrer varias terras do Oriente fixou-se em Vienna, fazendo como voluntario a guerra dos sete annos e

nas outras capitaes como Londres, Paris e Roma era conhecido sob o titulo de Duque de Bragança falando d'elle o Conde de Beckford nas suas cartas e o musicographo inglez Burney egualmente descrevendo a sua casa como um centro d'artistas e poetas como Metastasio, o comediographo; Gluck o creador do drama musical, o abbade Costa, o Jahn, o principe Poniatosky, a Condessa de Thun, Hasse, Faustina Bordoni, o principe Kaunits, Mozart (que ahi tocou com 12 annos d'edade).

O Duque quando 22 annos depois de se ausentar de Portugal volta á Côrte aonde D. Marianna Victoria, a rainha viuva de D. João V formára a melhor orchestra talvez que existisse então nas côrtes faustosas, com os maestros Egizielli, Caferelli, Rof, Batistini, Leonardi, tocando ella propria em cravo e cantando as celebres Tocatas de Scarlati, mestre de musica da Rainha Maria Barbara d'Hespanha quando este homem que, deixáva Lisbôa um centro d'arte e de cultura, voltou ao Reino, encontrou-o bem decahido pelas perseguições exercidas contra os Jacobinos, pela intellectualidade da côrte preocupada com a doença nervosa da Rainha, pela questão religiosa outra vez levantada depois do afastamento de Pombal dos negocios publicos, questões que se afundavam em esteris debates e animadversões.

Reconhecendo os enumeros serviços prestados pelo Conde da Ericeira com as suas preoccupações das Academias ás sciencias das lettras quasi entregues aos padres congregassionistas que exploravam a historia no serviço das ordens, tornando-a essencialmente monastica; o duque de Lafões entregando-se ás correntes scientificas que corriam pela Europa com os trabalhos zoologicos de Buffon, com as experiencias chimicas de Lavoisier elle preoccupou-se em orientar n'esse sentido a Academia que pretendia formar e vae buscar os homens da Academia Real d'Historia entre os quaes se acha o ultimo dos socios Gonsalo Xavier d'Alcaçova perfeitamente orientado n'esse sentido em contacto com esses grandes escriptores de França que expandiam os seus trabalhos por toda a Europa, lendo-os á maneira que elles iam apparecendo e commentando-os na Academia; e de todas as outras Academias se juntam membros illustres como Portugal e Castro e o Conde de S. Lourenço da Academia dos Occultos; o Padre Foyos, Cruz e Silva, José da Fonseca e Ignacio Alvarenga da Arcadia Lusitana.

Os socios eram nas differentes classes que occupavam pela constituiçao da Academia:

Presidente—Duque de Lafões
Secretario—Visconde de Barbacena
Vice-Secretario—Corrêa da Serra
Orador—Padre Theodoro de Almeida

Classe de sciencias naturaes

Domingos Vandelli, Director da Classe
José Corrêa da Serra
João Faustino
Bartholomeu da Costa
Fr. Vicente Ferrer
Visconde de Barbacena
Dr. Antonio José Pereira
Dr. Antonio Soares Barbosa

Classe de Mathematica

O Marquez de Alorna, Director
Padre Theodoro de Almeida
Conde d'Azambuja
José Joaquim de Barros
Dr. José Monteiro da Rocha
Dr. Miguel Franzini
Dr. João Antonio Dalla-Bella

Classe de Litteratura

D. Miguel de Portugal, Director
Padre Joaquim de Foyos
Coade du Tarouca
Pedro José da Fonseca
Principal Mascarenhas
Gonsalo Xavier de Alcaçova
Padre Antonio Pereira de Figueiredo

Socios Honorarios

Ayres de Sá e Mello
Arcebispo de Thessalonica
Cardeal da Cunha
Cardeal Patriarcha (não acceitou)
Conde de S. Lourenço
Conde da Ponte
Marquez de Angeja
Marquez de Marialva
Marquez de Penalva
Martinho de Mello e Castro
Principal Almeida
Visconde de Villa Nova da Cerveira

Socios supra-numerarios

Ant.º Ferreira de Andrade Encerrabodes
Conde da Ega, D. Diogo de Noronha
D. Fernando José de Portugal
Fr. José Maine
José Maria de Mendonça
José de Vasconcellos
D. Thomaz Caetano do Bem
Antonio Caetano do Amaral
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos
Custodio José de Oliveira
D. Fernando de Lima
Francisco da Cunha
José Antonio Raposo
Dr. José Corrêa Picanço
José Henriques de Paiva
Luiz José da Costa
Nicoláo Tolentino de Almeida
Paschoal José de Mello
Ricardo Luiz Ante (Antonio?)
Antonio Henriques da Silveira
Conde de Vimioso

Socios correspondentes:

Citaremos os nomes mais celebres:

Antonio Ribeiro Sanches
Antonio Diniz da Cruz e Silva
Joaquim Corrêa da Serra
Dr. Fr. Joaquim de Santa Clara
Luiz Antonio Verney
Luiz Pinto de Sousa Balsemão
Manuel Ignacio Alvarenga
D. José Maria de Sousa
Agostinho José da Costa Macedo
Bento José de Sousa Farinha
Frei Joaquim Forjaz
Dr. José Pedro Hasse de Belem

Como vimos, fallando da Academia Real d'Historia e das Academias que reuniam particularmente em casa d'um dos membros do cenaculo, as preoccupações litterarias extendiam-se á Provincía: em 30 de julho de 1721 em Setubal Gregorio de Freitas, que se dava a estudos d'Historia, auctor da Historia da Villa e dos homens que sobre ella tinham escripto, formou a Academia Problematica; e da mesma forma se crearam as Academias dos Laureados de Santarem de que falla Fr. Claudio da Conceição no seu gabinete Historico (1); em Guimarães é a Academia Vimaranense formada em 1722 com os elementos da Academia particular que se reunia em casa do donatario dos Coutos de Negrellos e Abbadim, Thadeu Luiz Antonio Lopes da Fonseca Carvalho e Camões, academico da Academia d'Historia dos Infecundos e um anno depois forma-se em Aveiro a Academia dos Aquilinos e em Braga a Tyrões Bracharenses (2); ha ainda em Torre de Moncorvo a Academia dos Unidos.

Nestas Academias os certamens tinham por fim festejar uma data, commemorar um facto, discutir certos themas que em geral procuravam a argucia litteraria rhetorica ou casuistica, elogiando sempre: na Academia de Lisbôa dos Applicados que era uma d'essas como a dos Escolhidos, dos Anonymos e dos Occultos, patrocinada pelo Rei, houve uma reunião no anno de 1724 em que foi celebrada a Eucharestia na casa nova do Claustro do Convento da Graça dos Eremitas de St.º Agostinho, e outra em 1734 para se fazer o panegyrico de Raphael Bluteau por occasião da sua morte, a que se juntava a Academia dos Unidos da Torre de Moncorvo; são dois modelos e exemplos do que eram essas reuniões celebres mas

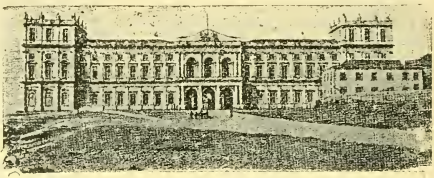
(1)—Tomo VII pagina 407.
(2)—Ver Theophilo d'Braga a Arcadia Lusitana pagina 53.

os academicos reuniam-se em geral para tratar de pontos de moral e de historia que nem sempre respondiam a uma utilidade litteraria. Assim na Academia dos Phleugmaticos, da Rua do Correão, do extracto d'uma das sessões se faz menção d'um assumpto heroico para ser discutido, o que tratou da apreciação da "acção do Principe Don Duardo se fingir hortelão para ver e falar á princeza Florida como consta do auto do mesmo Don Duardos», e depois de terminada a sonata, o Secretario distribuiu o segundo assumpto que visava a glosa d'esta trova do "Auto da Menina Fermosa»:

Isabel e mais Francisca
Ambas vão lavar ao mar,
Se bem lavam melhor torcem
Namorou-me o seu lavar.

A' morte do Padre Manuel Caetano de Sousa, presidente da Academia d'Historia, na Academia Latina e Portugueza, n'um funebre obsequio de 30 de janeiro de 1735 reunido em sua memoria, depois de elogiado o morto pelo Academico Philippe José da Gama (Lisbôa 1736) foi o seguinte problema posto á discussão:

De quem foi a maior perda na morte d'este eruditissimo varão, se da Patria se das Sciencias?



O Palacio d'Ajuda

A primeira parte foi defendida por José Collasso de Miranda e a segunda por Antonio Felix Mendes, lendo-se em seguida muitas poesias latinas e portuguezas sobre o assumpto no meio d'um auditorio selecto de religiosos, fidalgos e sabios da Côrte. (1)

Nas Academias da Provincia, diz o Snr. Dr. Theophilo Braga que havia a preoccupação de entregar aos jesuitus a consagração das cerimonias e cita a visita do Arcebispo Primaz D. Joseph que em 1744, vizita a Academia dos Engenhosos Bracharenses por occasião do seu anniversario, cuja cerimonia foi presidida pelo mestre de Rhetorica o P.e Francisco Pacheco do Collegio de Braga; e n'outra visita do mesmo prelado 3 annos mais tarde á Academia Vimaranense tambem a um outro padre do mesmo Collegio é dada a presidencia da reunião.

E' n'esta decadencia espiritual que alguns poetas de genio e escriptores de raça Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel de Figueiredo, Domingos dos Reis Quita e Antonio Corrêa Garção formam em 1756 a Arcadia Lusitana, Associação democratica com aspirações a reviver a poesia quinhentista á semelhança da Instituição de Roma tambem formáda para acabar com o mau gosto observado n'outras academias para a qual o Rei portuguez dáva um palacio no Monte Janiculo chamado pelos Arcades Bosque Parrhasio, e foi membro com o titulo de pastor Albano; a Arcadia que teve por emblema um meio braço e mão pegando n'um podão com a epigraphe Inutilia truncat reuniu-se n'um local que tinha por nome o monte já symbolico de Ménalo do bucolismo arcadiano, pela primeira vez, em 11 de Março de 1755, sendo os seus Estatutos lidos em 23 de Setembro de 1756 e inaugurada em 19 de julho de 1757.

A Arcadia d'onde sahiram grandes composições litterarias de variados generos não teve o patrocinio regio, tentou reformar-se em 1764 e teve a Academia Real d'Historia que protegida melhor pelos Monarchas, subsidiada por elles, vi-

(1)—Descriptos nas Memorias historicas e chronologicas dos clerigos regulares em Portugal, tomo 1 pag. 464 por D. Thomaz Caetano do Bem.

vendo na orientação historica de publicar obras e manuscriptos ineditos de esclarecer assumptos importantes, de tornar conhecidas novas theorias, novos principios, novas doutrinas, quer scientificas, quer litterarias, quer artisticas, quer juridicas, quer sociaes, quer economicas, manteve a preocupação litteraria de Portugal durante 60 annos.

D'esta sahiram:

A Bibliotheca Lusitana de Barbosa Machado, a Historia Genealogica da Casa de Bragança por D. Antonio Caetano de Sousa, o Vocabulario portuguez de Raphael Bluteau, as Memorias para a Historia d'el Rei D. João I por José Soares da Silva, o Catalogo das Rainhas de Portugal por D. José Barbosa, Memorias e noticias das Ordens dos Templarios pelo Dr. Alexandre Ferreira, o principio do Diccionario geographico do P.e Luiz Cardozo e o Corpus Poetarum Lusitanorum do P.e Antonio dos Reis.

Da Arcadia viveu com Manuel Figueiredo; o Theatro.

A Academia Real das Sciencias que substituiu a Academia Real d'Historia creada pelo Alvará de 24 de Dezembro de 1779 e na qual desempenhou as mesmas funcções de Secretario Gonsalo Xavier Alcaçova reuniu tambem uma enorme bibliotheca comprada em grande parte com o dote que lhe foi instituido proveniente do terço do producto da loteria creada n'esse mesmo anno por decreto de 18 de novembro e depois de suspensa a loteria com o subsidio regular de 4.800.000 reis; e em 29 de fevereiro de 1796, já fallecido Gonsalo Xavier Alcaçova que não presenciava o auto mais popular sem duvida do reinado de D. Maria I, o Ministro da Fazenda marquez de Ponte de Lima e o desembargador José Seabra da Silva ministro do Reino levaram á assignatura regia o alvará creando a Bibliotheca Publica de Lisbôa para a qual entrou para Bibliothecario o Snr. Antonio Ribeiro dos Santos, desembargador da Casa da Supplicação e lente de direito da Universidade de Coimbra e grande conhecedor de bibliographia; e a Instituição que se formava com os livros da Mesa Censoria e livrarias dos extinctos conventos dos jesuitas e parte dos livros que se salvaram do incendio em 1755 do paço dos duques de Bragança, era aquella que ia extender-se a quem quer que fosse com direitos eguaes, o privilegio e o apanagio, guardados entre as classes ricas durante seculos.

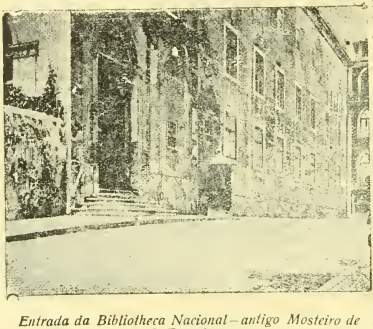
Alem dos livros recolhidos das bibliothecas das Ordens extinctas pelas leis de D. Pedro IV de 1832 que foram enriquecer a Bibliotheca Nacional, ha a citar a compra que o Estado fez por dez contos de reis da Collecção de livros que contava enumeras edições rarissimas e que pertenciam a D. Francisco de Mello Manoel da Camara.

E essa citação vem a proposito porque é o neto d'este colleccionador, o Senhor Doutor Francisco de Mello Manuel Leite Arruda, quem hoje proporciona aos leitores d'esta Revista as bellas cartas de Gonçalo Xavier Alcaçova ineditas que pertencem ao Archivo Mello Manuel que lhe foi dado pelo Snr. Conde da Silvã, seu Tio.

Não existindo nenhuma obra impressa, de Gonsálo Xavier Alcaçova creio, alem dos elogios aos principes por occasião dos seus anniversarios pronunciados na Academia de Sciencias, estas cartas são tanto mais valiosas que se avaliam por ellas a intellectualidade do auctor por uma forma expontanea intima, sem a preocupação de brilho na procura da ideia ou pelo rodeio de phrase. E' lamentavel que d'essas obras citadas escriptas por Xavier Alcaçova não existam publicações, porque ahi a personalidade do auctor resultaria bem definida apreciando-se as concepções, as ideias, e os poderes argumentativos e de investigação, e os criterios historicos e sociaes que o ditariam; na sua falta as cartas do Secretario das Academias para o Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches supprem a qualquer critico biographico os elementos moraes para a reconstituição da individualidade do auctor e nós fazemos com ellas um trabalho que enquadra bem a sua vida e a sua obra n'um esboço a traços largos.

Como ella é interessante essa individualidade vista intimamente perto das necessidades e dos elementos necessarios á sua vida quotidiana quer de labor quer de commodidade, procurando um bem estar que lhe permita o trabalho regular e a saude alterada frequentemente no decurso do anno!

Inventam-se uns candieiros a azeite em Paris commodos para mesa de trabalho: e vendem-se tambem em qualquer estabelecimento que annuncia cadeiras de bambú commodas; Xavier Alcaçova pede ao seu correspondente e amigo para as enviar. As pelles de lobo da Russia, elle manda-as vir d'Hamburgo depois de tentar os mercados d'aquelle paiz por intermedio de Ribeiro Sanches, para com ellas forrar uma sobre-casaca e manter-se quente durante as noites frias d'hinverno; e da mesma Russia elle pede para Petersburgo o chá da china que para alli é exportado em caravanas atravez da Mandchuria.



Entrada da Bibliotheca Nacional — antigo Mosteiro de S. Francisco

Estes pequenos pedidos do Secretario da Academia d'Historia são intercalados nas suas cartas por não menos interessantes informações que elle presta sobre a abertura do Collegio dos Nobres, a creação dos Institutos, o valor dos professores e de referencias que elle faz aos ensaios que alguns medicos portuguezes estavam a fazer com a terra de Maíra sobre algumas pessôas cancerosas; e quando se representa em dezembro de 1768 em Lisbôa o Tartufo de Moliére acabado de traduzir em verso solto ou a Athalia de Racine em fevereiro de 1769, esses dois acontecimentos theatraes que interessavam as lettras não passam sem commentario.

A venda em Paris da bibliotheca *dos judeus* e que é comprado pelos dominicanos, Gonsalo Xavier refere-se a esse facto e conta que em Lisbôa os dominicanos de Portugal desconheciam a venda e que alguns livreiros de Lisbôa vendiam obras d'esta bibliotheca tendo-lhe sido offerecida a Politica de Gay por 25 moedas (a moeda no reinado da D. José valia 4 mil reis); e por occasião d'outra venda de livros celebre pertencentes a D. José Pessanha e comprados pelo Bispo de Lisbôa elle egualmente allude a elles com algumas das suas referencias breves e concisas que tornam as suas cartas tão peculiares.

Essa correspondencia é regularissima com Ribeiro Sanches e quer elle esteja no Tojal, em Bellas, em St.º Amaro, em Torres, em Collares ou em Lisbôa, quando a sahida do navio se annuncia para Rouen ou para o Havre, Gonsalo Xavier redige a sua costumada missiva ao seu amigo de Paris.

Em 1770 Ribeiro Sanches pretende vender a sua bibliotheca que contem manuscriptos diversos, bellos e curiosos exemplares e que era conhecida tão bem em Portugal como em França. A sua vontade é deixal-a ao paiz, e Martinho de Mello e Castro mostra-se desejoso de a adquirir. Xavier Alcaçova e o cirurgião João da Matta eram os dois intermediarios do negocio, e o primeiro em Maio de 1870 escreve a Ribeiro Sanches a pedir-lhe o catalogo que lhe é remettido em outubro d'esse anno com as condicções de venda que eram estas:

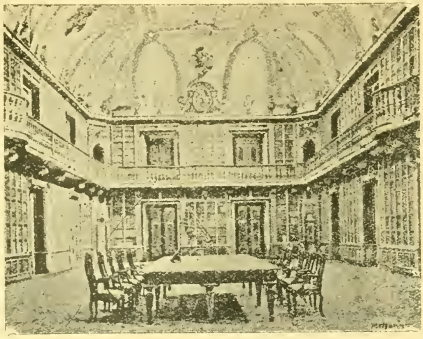
1.ª—Gosaria em vida dos seus livros e manuscriptos.

2.ª—Ou se lhe dariam 20 mil libras turnezas em tres pagamentos, ou se lhe instituiria uma renda vitalicia de 3 mil reis.

3.ª—Ribeiro Sanches ficaria obrigado a continuar a assignatura das publicações periodicas contidas no catalogo que tinha enviado.

4.ª—A não ter resposta até Janeiro de 1773, ficaria com liberdade para buscar outra solução.

E dois annos depois, em 28 de junho de 1774, não tendo sido effectuada a venda ainda, elle renova a proposta com o valor augmentado de 3 mil libras turnezas, correspondentes a obras adquiridas, as quaes são da auctoria de 236 escriptores diversos (1) (a venda por meio da renda vitalicia era mantida nas mesmas condições).



Bibliotheca da Academia Real das Sciencias

Era a ultima vontade de Ribeiro Sanches deixar os seus livros ao seu paiz e o bibliophilo de Collares é quem trabalha por realisar esta aspiração do velho medico que é ao mesmo tempo um acto d'interesse nacional a que Xavier Alcaçova desejaria bem ligar o seu nome: seria mesmo um acto pessoal a representar na historia das bibliothecas publicas a dedicação d'um erudito dos fins do seculo XVIII. Infelizmente a venda nunca teve lugar e foi em Paris que ficaram as collecções preciosas de Ribeiro Sanches o amigo dedicado de Xavier Alcaçova cuja correspondencia, tão interessante para a historia da epocha, devido á amabilidade do Senhor Doutor Francisco de Mello Manoel Leite Arruda, é hoje aqui pela primeira vez publicada.

Endereço de carta para Paris

(1)—Carta de Ribeiro Sanches de 2 de setembro de 1772 lançada no jornal no Archivo da Bibliotheca da Eschola de Medicina de Paris.

Uma carta de Xavier Alcaçova para Ribeiro Sanches

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Com a noticia que V. Ex.ª me fez o favor de dar
Meu amigo e S.r Ill.mo Ribeiro Sanches o q.ll p.a de V. Ex.ª
vi logo m.to sendo p.a mim de g.de gosto poder extremar por este meio a o
meios, com V.M.ce e este sem embargo de mesmo acaso o tempo não
lacher de comunicarlhe huma not.a q. Eu não sirvo independente p.a q.
faço na sua amizad. e q. m.to me honra e lisongeia e q. estimo lhe me
reco

Sabori V.M.ce em tamo afortuna, me giuis orte de morer morto
me hum melhor semblante, e deixarme com sensid. esperos p.a
ra acabar os meus dias com socego; q. são todos os m.s ambiçoens d. h.
q. V.M.ce despelhar o meu requim m.to conforme mandamos avisa em huns
refrescos bons da Goroa, p. me honrec m.to por q. foras sempre da fara
de meus Ill.mos, entre os quais conto o d. D. Pedro de Alcaçova B.ta dos
Sanches, cuja cara represento, ainda q. pessoalmente
Ele hue Alcaçova
me mos de Compo Alegre, as Saboaticas de Odiuenço e Sevorter hue
bolla. Os rendim.tos destes objetos são m.to pouco consideravelis, e não po-
dem nunca augumentar o meu bien-estre; mas, a circumstancia de
ter vida nestes bens, me deixa, o Doreito a m.tos anos defahido, o que
os todos esperaõ se me não possem negar. Sendo isto asim um huo
de ja crecido, pode V.M.ce bem ver hume de facto o de Alluscom po
pulares, satisfeitos todos os meus encargos, consego a q. independencia
com aquel todos isó rios centos anos. Tam.m algum ant. em meus
livros, não havendo molestias dolorosos, com q. eso pudesse hoje

fortunas, e ficou satisfeita, ao mesmo tempo, e pois o a
dor bom Orinepes quaesquer outros dous, q. podem fazer, mesmo q. isto
assim seja he preciso, q. tenha o seu premio, o seu effeito esta dis-
posição.

Elle tem o seguinte infinito trab. material, q. tem seis indis-
pensaveis de estilo, correndo, tribunaes, buscando documentos, e esperando
as sempre tardas resoluções, ainda nas mais pequenas, e insignificantes
negocios. Ha dous dias q. aqui estou fechado em casa, e hontem
tive duas ou tres horas bem acusa de mi. Cab. buscando em
Chancellarias, q. quis ver tenho aqui algumas na Sala da Academia,
e me pergunto hum trab. indivisivel na Torre do tombo, buscando
os despachos de meus Bisos, q. por elles regulas, a natureza dutes bens,
q. me confirmarão porem assim he preciso não podendo fazer isto
de outra dos. e procuradores no nosso Bem sempre negligentes. Emfim
dou tudo por bem empregado, porq. a esperança sempre he benefica da
Deus de nos; como se dissimulão mts. disparates, o trabalho

Ex. Viscongeirme só me fica o motivo de q. tendo mi.
pretend. só a meu desp. bispo de Villa Boaça. He certo q. tenho lá
amigos estimo, e respeito he o Bacarda, e estou certo q. elle não
solicitou, com q. officio esta graça; porq. a delicadeza de sua consci-
encia, não lhe permite interesse p. outro como tudo he de Justiça,
não deixarei de pedir o cumprimento da Ordenação o meu requerimento. Bri-
tes, q. nem se quer me escreveu p. me dar esta not. e mandou a
decreto aos ad. o hum oficial delle he q. me participou.

Em satisfação deste benef. tenho feito em. mercês aos
amigos do Bispado, e muito com elle, o caso mais raro q. depois

ior, q. nunca me veio ao pensam.to em podia vir; e foi, francamente, algum reparo na Obra Censoria p.a a imprensa; entrei em q. materia na Bibliica. Confesso alem q. sahi do meu livro, dizendo ao Brasileiro tudo q.to merecia por em.da assim m.to. Lembrando-lhe as mudanças, as inducções, e absurdos q. deixaria errar, e me quizessem crismar como se dava fallar aos Principes, que estivessem seguros, q. eu não mudava, nem hum só pensam.to e q. assim alhevia de ler na presença de S. Ant.o m.to satisfeito, tendo a approvação do cont.o m.to distinto; e q. alem q. me pediam como de o costume, havia de responder q. a Minha ma não queria tornar chado pesar. Isto falhe q.e talhe, e hoje vejo fica errado. Q.do lhe remetor, apontarei as expressões q. lhe parecerão ser menos politicas. Exceto q. tudo isto nasce, da agua repra-crepo q. tivera entre eu e a Rainha, q. se traduzio em Francez, dizendo-se lhe lera noticia da Ordemacia, mentira, indigno, indiscreto, sei só p.a o Reynado passado, mas com o vergonhoso pensam.to de louvar a Regalia como facta. Lerem estão com medo, e tudo lhes parece escrupuloso. Mas q. não defaz frado, aperta um macaco sem estudo de boa lima, nem camarada de gente capaz.

O amorpo passo de o ler he q. falta agora, q. não ou qual he mais certo. Ella falta de criaçaõ de falar em Publico, he de maior consequencia p.a estes occasiões, e nesta onde sai as p.as pessoas do Reyno, quem sabe aperte, o receio de não agradar, a desconfiança de o Rei; Enfim tudo he de assustar. E este papel tem sido mais contra q. Podia, tendo o 3.o em p.a dois tuinas na pesta critica q. apparecia Alheia a moracção, porq. ord.a idea era de pintar o Reynado passado não com todo o horror q. elle merecia, p.a q. afundo do painel [illegible]

[illegible] melhor em virtudes da Bagarika, cujas virtudes p. conquistar com seu governo, e no ano. estava respeito, digo, satisfeito com ele motivo, mas motivaria me p. ele [illegible] p. se a p. [illegible] [illegible] [illegible]

Saude—Meu Amigo e Snr. Dor. Antonio Ribeiro Sanches, o correio ,passado recebi a sua carta, e me não foi possivel agradecer-lha logo como sempre desejo pelo grande gosto que faço da sua comunicação, mas sobrevierão-me algumas occupaçoens que me embaraçarão. Estimo sempre a repetição do seu favor, e esta amisade com que me trata, bem merecida da grande estimação que faço della, mas para que fosse completa a minha satisfação seria preciso a certeza da sua bôa saude ou que ao menos n'este tempo critico, fosse sem tanto sofrimento. As grandes chuvas e tempestades, que aqui se experimentão depois de hum mes, sem cessar nos traz bem abatidos, e aos que padecemos queichas de nervos bem debilitados. Mas eu tudo dou por bem empregado, com tanto que os defluxos no peito se não façam lembrados, porque são de muito má consequencia.

Quizera hoje dizer-lhe alguma cousa a respeito daquele negocio em que se me pede hua certa declaração; mas ainda o reservo para ocasiao de mais socego, e que esteja bem informado do que paço a respeito da minha consciencia, isto hé não prejudicando a 3.ª. O meu coração hé cheyo de humanidade e preocupaçoens não me cegão; mas ha certos motivos que embaração toda a pessoa; de qualquer estado ou religião que seja, com tanto que tenha perfeita noção do justo, e do injusto.

Livros—Estimarei muito que o Navio com os livros não tenha ainda partido, porque as tempestades tem produzido grandes naufragios néstas costas, e por toda a parte. Alguns navios estão aqui a partir para esses, e outros portos, há hum mes, sem terem nem hum só dia, de o poderem intentar. A perda de livros seria para mim a mais sensivel de todas, porque elles são a minha paichão, e tudo o que pode fazer mais agradavel a minha vida.

O Celebre Pino que aqui se acha vae imprimir varias obras, entre as quaes há hum Theatro da Eloquencia, e há hum tratado de Rhetorica, ouvi que lançado e mosturado com bastantes puerlidades, hua Arte Poetica, a tradução do Oedipo de Sofocles, tradução da tradução ainda que elle o não declare, e hum poema a El-Rey de Inglaterra na ocasião da Guerra: Com que os nossos engenhos dispertão do seu letargo, e as muzas são as primeiras que rompem o silencio. Mas ainda mal que estas pequenas faiscas não denotão senão fogo, apagado, quasi reduzidas a cinzas.

O que V. Mce. me diz a respeito da inscripção da urna e medalhas, hé cousa que tenho lido em gazetas, mas que não sei que aqui aparece-ce. Em alguas partes tem se descoberto varias medalhas, mas isto toma logo outro caminho e se reduzem a moeda corrente ou algum curioso as esconda. A Academia Real não tem hoje mais que hum.....
(lacunas devido a rasgar do papel).....

Consideraçoens de maior pezo, levão todo o tempo, e fazem menos atendiveis os gemidos litterarios. He necessario esperar melhor ocasião de as fazer renascer, mas não me parece que esta gloria me seja reservada.

Os jornaes Encyclopédiques de que faço bom conceito me tem vindo muito troncados, e necessito de mandar a V. Mce. hua memoria dos cadernos que me faltão para completa-los, e pedir-lhe ao mesmo tempo (observace)? para minha conta deste anno por deante, e igualmente pelo da jurisprudencia, e gazeta salutaria, tudo da mesma officina e me vá remetendo tudo a seu tempo conforme for sahindo; pois tenho grande gosto de ler a mayor parte das reflexoens daquela erudita sociedade donde a critica hé quasi sempre acompanhada de decencia; e daquele tem que devia praticar entre todos os homens sabios, e o unico que pode ser util ao adeantamento das sciencias.

A' sahida á luz da grande obra da Encyclopedia seguirão aqui os mesmos Ministros de França? bravissimamente mas hé verdade que estas promeças se vão retardando todos os dias. E parece-me que se deve desejar aquele deposito das sciencias donde se conserve ao menos o que se sabe, pois segundo a ordem dos

tempos paçados vamos paçando os limites do verdadeiro saber; e esta epoca não se pode nem se deve desprezar.

Aqui tenho já hum numero suficiente dos livros.

. . . . . perto o tratado do *Beau*, que V. Mce. tem metido entre os que me remeteo; e o Dictionaire de Dispilly des *Gaules* onde o extracto o fas sumamente estimavel: Daquele genero hé o melhor Diccionario que tem sahido á lus, e quero saber o seu preço que sendo moderado lhe peço me mande porque hé livro de ter, e folhear pela sua vastidão, e utilidade. Nas gazetas tenho visto outro de Filosofia, e outros que vem queimados pela mão do Carrasco, e igualmente em Hollandes; destes não fica sendo equivoco o seu merecimento. Suponho que são mais indecentes do que temerarios, ou hua cousa e outra; a ambição de ganhar alguns vintens era o que produzio esses horrores, porque os homens sabios não hé aquele o modo com que querem instruir os seus semelhantes.

Expedições—O Chicolate estará prompto com brevidade se podér ser hirá nestes navios que estão promptos a partir, o que não duvido segundo o sistema que tem tomado o Inverno. Dos doentes dos Caneros não sei ha dias, tão bem por conta de chuvas, e nevoas que não deixão sahir fora. De tudo darei conta a V. Mce., o que peço logo é com a sciencia dos tempos que me falta, e prevenir-se com elles sempre antecipadamente. Perdoe tanto enfado e dê-me sempre o gosto de obedecer-lhe.

Deos goarde a V. Mce., muitos anos. Lisbôa, 15 de Setembro de 1764.

- La Canne a siége percée ne L'oubliéz pas.

Amigo obrigado Venerador

Gonçalo Xavier de Alcaçova.

Saude—Meu Amigo e Snr. Dr. Antonio Ribeiro Sanches, o correio paçado recebi huma carta sua depois de ter feito a minha sendo-me preciso anticipala; e agora respondo a ella entre os rochedos desta serra; não com o socego costumado, porque o outono, a tem povoado demasiadamente e isto sempre hé á custa de tranquilidade pedindo a civilidade e a occasião que agente não parece satiro; mas sempre furto este bocado de tempo, para segurar a V. Mce., me aflige o principio da sua carta, e tanto mais que hé o pouco que V. Mce., se explica, ao mesmo tempo que mostra a opreção do seu animo. A amizade que protesto a V. Mce. não pode ser nunca indiferente, e quando se assusta, sempre hé imaginando mais do que na realidade pode ser. Se posso servir a V. Mce. de algua couza, farmeía mayor injuria de poupar-me; mas se lhe sou inutil, e não posso remedia-lo, hé atenção, hé favor ocultar-me o que o mortefica.

Estimarei que na sua saude não experimente nenhuma novidade e que ella possa resistir ao que experimenta o espirito. A minha nesta vida muito agitada se conserva sem novo incidente que me assuste: e assim vou enchendo o termo prescripto, innutil para mim e para todos. Mas o teatro em que reprezento, não me permittio fazer outro papel.

Livros—No que respeita aos livros de De Réal parece-me que V. Mce., deve esperar se conclua toda a obra, e mandar-me o que falta para completar o que tenho cedido, e hum exemplar completo, e que venha encadernado, e que quero que esta seja a juro, do tempo que me tem privado de a ler. Os mais livros virão ao nes o tempo, que sendo poucos hé crueldade gastar tempo, e deligencias na sua remeça. Tão bem lhe quero aqui rogar que não lhe dando discomodo queira informar-se de algum amigo intelligente, se huas canas *a siege pour la Campagne et les spetacles*, que fáz Mer Reynard au louvre, são comodas; e de bom serviço e não sendo de muito preço, athé duas moedas, 60, 80 livres, lhe peço me mande hua, que quem anda tanto tempo no campo, achando hua invenção comoda deve aproveitar-se della: e se o dito *mechanicism*, as costuma fazer servindo

tão bem para outra comodidade ás vezes mais precisa e essencial, e sendo comoda e de bom uso, esta seria mais essencial e a peço com mais efficacia: e ainda que V. Mce., a pague por mais alguma cousa não importa, com tanto que elle se encarregue de a fazer mais forte, e mais segura do que costumão ser tidas as obras de Menuiserie de France, que não tem nenhua duração. Peço-lhe isto com algum apetite, porque acontece muitas vezes ter grande discomodo falta d'este socorro, principalmente a dos outros de saude delicada.

Terra de Mafra—Muito admirádo me deicha o que V. Mce. me diz a respeito da descoberta da terra para a cura dos cancros. Deos queira permittir que o fim da experiencia corresponda a tão admiraveis aparencias; e que o Ceo tivesse reservado a hum homem ocioso, a descoberta de hum tão grande beneficio para a humanidade. Eu lhe mandei pedir huma pouca da tal terra, e elle me prometteu, pedindo tempo para a sua preparação e segurando-me que o segredo o não divulgaria por algumas rezoens, que eu aprovo; e me contento que elle me queira mandár alguma para que faça em meu particular alguma experiencia, parecendo-me que todo o tempo que se demora o seu uzo hé hum crime cometido contra a humanidade. Queira V. Mce., mandar-me dizer o methodo que uza na sua aplicação, que me quero governar por elle, e fazer este bem aos homens, já que a fortuna me não permitio de lhe poder fazer outro.

Livros e consideraçoens philosophicas—Não falo a V. Mce., em livros porque agora não vejo couza que mereça reflexão:—somente o Espirito dos Monarcas Filosofos gostei, porque hé escrito por homem de juizo, ainda que em estilo cadençado. Sempre gosto de ver o que pençarão alguns Reys que forão filosofos, ainda que muitas vezes fação como os pregadores, que falão bem, e obrão o contrario do que dizem. As maximas da humanidade de verdadeira gloria, e de virtude que elles publicão, se todos as praticassem; não seria o mundo hum Theatro de miserias. Eu não sei se pode dizer que os máos Reys são o motivo dos crimes dos vasalos. O exemplo dos bons, a recompença e o merecimento e a virtude e castigo dos máos, e a conservação de todos, salvando-os da indigencia, seria o mayor e mais proprio para a felicidade e salvação dos povos. Mas não hé para a humanidade esta bem aventurança. O seu destino é sofrer, e as recompensas são para depois.

Amanham saberei se tenho ou não carta de V. Mce., sempre a espero com o mayor gosto, e agora não sem cuidado pelo que esta me tem posto. Deos permita que V. Mce., me possa segurar fica em mais socego. Dé-me o gosto de servi-lo que nisto tenho a mayor satisfação. Deos goarde a V. Mce., muitos anos. Colares em 17 de Setembro de 1764.

Amigo e Obrigado Venerador

Gonçalo Xavier de Alcaçova

Saude—Meu Amigo e Sr. Dor. Antonio dos Sanches Ribeiro, não tive carta de V. Mce., ha dous correios e nestes ainda não o sei, porque principio esta antes de ter esse dezengano. O Principal soldado me dis que V. Mce., não passa bem, e esta noticia me hé summamente desagradavel pelo interece que tenho na sua saude, e na sua conservação. Estimarei que V. Mce., me possa segurar paça com algum alivio, e que a entrada do outono, lhe não seja tão nociva. Eu no meu retiro me tenho conservado sem repetição de molestias, e me sinto muito mais forte e robusto, soffrendo a fadiga e o trabalho sem grande incomodo, e athé os mesmos flatos, sem tanta actividade. Aquela vida hé muito propria para procurar estes beneficios e não posso nem devo larga-la. De mais o socego do espirito, e a menidade daquela serra, são circunstancias muito essenciaes para que o corpo se conserve livre de queichas. Com esta supozição, torno para lá quinta-feira e emquánto não enchatarem por lá me demorarei. Os ministros estrangeiros, e hoje muitas peçoas nacionaes, já ali vão buscar hum socorro contra os gran-

des calores; e hoje já hé como moda, o hir a Cintra; de sorte que neste mes, e no paçado, tem sido infinita a companhia e fazem sua sociedade o que fáz muito mais agradavel o sitio.

Ali me devirto com os meus livros com a agricultura e com a factura de huma pequena cazinha, mas comoda, donde espero paçar muita parte desses dias que terei de vida com o animo socegado, moralisando sem paichão e conhecendo verdadeiramente as loucuras dos homens, para não invejar nem o que elles chamão fortuna, nem querer nenhuma ao preço que elles a provem.

Terra de Mafra—Aqui chegou agora o Dr. Tamagnini, e me contou o que tinha paçado com o rapás de Mafra a respeito da terra para os cancros, e achou demasiado misterio em huma cousa que a não merecia, antes publicada para beneficio da humanidade. Porque a comunicação delle, não obriga a dizer o Segredo, mas sim hé a favor do seu Autor, repetirem-se experiencias que lhe sejão favoraveis. Elle lhe prometeu que eu havia de ser o primeiro e que servisse, hé certo que o meu empenho tão bem era a favor delle mesmo querendo examinar as virtudes daquela terra, para com o bom sucesso della, dar-lhe o seu devido valor. Se eu chegar a Mafra, hei de falar-lhe e ouvir delle (no caso que se queira dizer) que circunstancias que misteriosamente ocultou a Tamagnini. A favor das suas meditaçoens pelo que respeita ao abrigo da longitude, tão bem quizera saber por donde caminhou, e que methodo tem seguido. Mas segundo o que ouço do seu modo de pençar, não espero tirar delle couza que me satisfaça por conta destas descobertas. Tão bem não mostrou os marmores de que sei tem feito aquisição, não merecendo este ponto nenhua reserva. Emfim elle tem o seu methodo de pensar, e nesta materia cada qual tem a liberdade de seguir o que pedir o genio.

Sei que tenho carta no Norte no correio mas o moço por hum descuido, me não trouxe, e já agora a não poderei conseguir se não a oras de a não poder acuzar nesta carta, para o correio que vem a farei com mais socego nas alturas daqnela serra, e me alegro antecipadamente porque espero achar nas suas noticias a certeza de que paça com mais alivio, porque V. Mce., assim o diz a Tamagnini na carta que agora me acaba de ler.

Livros—Livros não aparecem que sejão dignos de que se perca o tempo na sua leitura. A Encyclopedia, não acaba de sahir á lus; nem as esperanças, de que apareça, e consolando-nos com os amigos velhos muito capazes de se empregarem as horas e dias na sua meditação. E na verdade que as vezes me vem ao pençamento certas reflexões; que ainda com ellas descubra a mayor parte nem por isso as creyo destituidas de fundamento e vem a ser que os limites da sabedoria humana são muito apertados. Chega-se hum certo ponto, pois lá tudo hé confusão, ou paradoxos. E insensivelmente se achão os homens no tão prezumidos, que se perdem em ideias sufisticas, ou outra vez reduzidos a primeira ignorancia. Entendo que hoje pedia a prudencia que se contentassem os homens com o que sabem sem pretender descobrir novos inventos. E só a arte de serem melhores, hé que devião praticar e persuadir. Ser sabios, e serem máos, hé a mayor injuria para a verdadeira sciencia.

Curiosidades—Fiz a V. Mce., hua comição ha dous correios de hua invenção de cadeira de comodidade em hum bordão, que publicou hum celebre maquinista de El-Rey ao Louvre, espero que me procure, e me remeta na primeira ocasião, porque tenho idea de que poderá ser muito comoda, e pode ser que com ella se acrescente o invento couza melhor pela quela razão de que *facilis est inecenti &.*

Se V. Mce., quer algua cousa em que o sirva não poupe a minha vontade que bem sabe com quanto gosto desejo testemunhár-lhe a minha sincera e fiel amizade. Deos goarde a V. Mce., muitos annos. Lisbôa, Santo Amaro, 9 de Outubro de 1764.

Amigo e Obrigado Venerador
Gonçalo Xavier de Alcaçova

Saude—Meu Amigo e Snr. Dr. Antonio Ribeiro Sanches, recebi o correio paçado duas cartas suas, hua retardada, e outra correspondente a elle, em que vinha a incluza que V. Mce. teve a bondade de me remeter, e tão bem as noticias que intereçavão a minha curiosidade e de algum modo o meu credito. De tudo lhe dou a V. Mce., sinceros agradecimentos protestando-lhe que a minha amisade lhe merece todos estes esforços; e que nella faz grande impreção a certeza de que paça menos oprimido das suas molestias, o que me deve o mayor cuidado e interece.

Ainda que em Cintra este correio me vejo tão embaraçado, e distrahido, que lhe não posso escrever como pede a minha vontade mas para a sémana que espero ficar só, e não terei embaraço que me prive deste gosto. Hum outono delicioso, huma vida activa, e agitada me conservão com grande alivio, e aproveitando-me deste beneticio da Providencia, logrando-me quanto posso da vida. Isto hé livre de paixoens, d'embaraços, de intereces, e aliando o melhor que me hé pocivel, o rustico do campo, com as boas maximas da filosofia; para o que o bom velho Horacio não concorre mediocremente. Tão bem tenho aplicado a leitura dos Corpos Politicos, que V. Mce. me remeteu do que vou fazendo bom conceito: Ainda que aquilo seja governar o mundo em seco; sempre fáz honra a humanidade as maximas que ali se ensinão, e que não deicha de ser util a historia politica do Mundo, donde os mesmos abusos, desimulados com esta ou com aquela aparencia, forão sempre os arbitros dos Imperios e da pobre humanidade.

Informações—Peço a Mce., me queira remeter a inclusa asie adresse, e sempre que souber algua cousa a respeito desta pessoa, não se descuidar de participar-me.

O que me pede a favor das Leis do Brazil pelo que respeita a liberdade ou captiveiro dos Indios, bem o poderei satisfazer se acaso não fizerem deficuldade. Comunicar o que há a esse respeito se não for em detail ao menos em groso lhe direi o que ha na materia.

As encomendas que lhe tenho feito não esqueção, e noticias literarias as que houver? A terra de Mafra estimarei produza o effeito que se deseja.

Aqui não se divulga, não sei a razão.

Fico para servir a V. Mce., como devo a quem Deos goarde muitos annos. Cintra em 15 de Outubro de 1764.

Amigo e obrigado Venerador

Gonçalo Xavier de Alcaçova

Saude—Meu Amigo e Snr. Dr. Antonio Ribeiro Sanches, o correio paçado escrevi a V. Mce., destas serras com bastante preça, porque a companhia que havia nestes visinhanças, me, fazião perder toda a tranquilidade e athé quasi toda a minha filosofia, de que tiro tão continuos, e repetidos socorros; mas ás vezes não são menos uteis para o corpo, e para o espirito, aquelas desipaçoens, em que só se intereça a pobre humanidade. E como a saude por ora se conserva sem accidente de cuidado não deichava de intereçar-me aquele viver como o comum das gentes, sem dár grande ocupação ao meu descurço. Mas agora que já fiquei só, ainda que por poucos dias, porque domingo me retiro de todo para a Cidade quero empregar algum tempo no gostoso exercicio desta correspondencia, segurando com ella a grande estimação que faço do seu favor, e o desejo que tenho de lhe dár todas as provas mais evidentes de que o sei merecer. A sua saude hé concequencia desta confição, me ser do mayor interece, e que o Inverno lhe conserva sem nenhum accidente de cuidado. A minha não há duvida está muito mais fortificada com a vida activa que tenho feito estes ultimos seis mezes; mas sempre a Primavera me deve algum susto, porque em duas sucessivas tenho experimenta-

do aqueles difluxos de tão má qualidade e que ameaçavão funestas concequencias Mas armádo de conformidade espero os decretos da Providencia.

Na minha ultima carta remeti a V. Mce., a resposta da que, por sua via me tinhão encaminhado, e nella pedia hua adresse, para lhe não dár o incomodo onerozo de se encarregár das que me forem precisas escrever a mesma peçoa; mas para enviar-mas as que mandarem de lá, nisto não tenho escrupulo, que se sirvão do seu sobrescrito, para virem mais seguras.

Na sua carta de 10 de Setembro me fala V. Mce., sobre as quarentenas no tempo da peste, repugnando a esta cautella que todas as Naçoens abraçarão para evitar os males contagiosos. Peço-lhe me declare melhor o seu pensamento e se se persuade ser innutil esta precaução. O que parece contra toda a experiencia, pois se tem observado que basta huma só peçoa infectada daquele veneno, para devastar huma Cidade e que todos os gevem infectados do mesmo mal. Sobre esta materia nunca li nada em correio, e tudo a favor das precauções que hoie se tomão a este respeito atribuindo-se-lhe, o ter-se livrado a mayor parte da Europa deste mál huns poucos de annos. Emfim quero ouvir as suas rezoens a este respeito e saber quáes são os Auctores Inglezes que criticão este costume de todas as Nações.

Livros e curiosidades—Já avizei a V. Mce., que esperava pela obra inteira de Lã Real, para que então me remetesse os livros que me tem destinado. Mas não esqueça o Espirito das Leis da Edição em quarto com todas as obras do seu Autor. As de Voltaire edição de Genebra, tenho, menos alguns dos ultimos volumes que me faltão, e procurarei ver se acho aqui; a sua edição de Corneille, quero, e encadernada; e deste modo todos os que poderem vir, porque aqui sei ha suficientes reliadores, mas não tem carneiros capazes e são prohibidas as suas introduçoens. As memorias sobre a educação publica por Guyton, parece-me será bom mas remeta, e tudo mais que lhe tenho recomendado e n que então aquelas ultimas Tragedias avulsas de Voltaire e papeis curiosos em que tem enrequecido a republica dos homens de juizo, e de bom gosto, mas não dos verdadeiros sabios. A cadeira em bordão, não esqueça tão bem e hua resma daquele papel muito fino, que hé quasi transparente, e serve para meter entre os estoíos e embalagens conforme outra semelhante que V. Mce., me mandou há tempos.

A Porçolana da descoberta de Mer de Lavraguain que conheci muito bem e não mostrava naquele tempo seria homem de aplicação já vi anunciada nas gazetas, e no caso que se venda particularmente e o seu custo não seja exorbitante, quer ver hua amostra della como hua tigela com sua tampa e prato; ou huma escrivaninha para senhor ou qualquer outra bagatella semelhante sendo posivel.

Tenho lido com gosto a obra dos *Corpos Politicos* achando nela hum homem sensé, que decorre excelentemente e coherente. Critica de quando em quando o espirito das leis mas não hé homem de *Génie* nem tem o talento de seu autor. He livro de ter, e meditar, e que fáz honra ao seculo, espero que o 2.° volume me confirme no mesmo pensamento.

Sinto o que lhe ouço a favor da Encyclopedia, quando esperava em os correios a noticia da sua publicação. Desejo que Diderot se restitua da sua molestia, e que tenhamos o gosto de ver completa hua obra, que sem embargo de muitos deffeitos hé de tão grande utilidade. Não se esqueça V. Mce., nunca de me avizar tudo o que souber de novo a este respeito.

As obras de La Fontaine da bella edição não era para pedir que as comprasse, que avriguava o seu preço; mas sim, porque a peçoa que aqui as tinha; poderia haver ocasião em que as largasse por preço mais acomodado. O Arcebispo de Evora, Regedor das Justiças, aqui as comprou a hum livreiro por 600 reis veja V. Mce., que ganho.

Não acrescento mais esta carta para a não fazer mais volumoza; acabo-a se-

gurando a V. Mce., a minha fiel amizade e o gosto que tenho de servi-lo e dar-lhe gosto. Deos goarde a V. Mce., muitos annos. Colares 22 de 8bro de 1764.

Amigo e Obrigado Venerador

Gonçalo Xavier de Alcaçova

P. S. Já tenho a terra de Mafra. Deos permita que se confirmam as suas esperanças. XAVIER.

Com a obra inteira da livraria Real não esqueção os volumes que faltão para completar a que aqui me mandou, que são quatro volumes, segundo a minha memoria. XAVIER.

Saude—Meu Amigo e Snr. Dr. Antonio Ribeiro Sanches, há dous correios que não tenho o gosto de segurar a V. Mce., o grande interece, que me devem as suas noticias mas não se parsuada ser effeito de algum esquecimento mas sim falta de tempo, e liberdade estando no Campo com o Cardeal Patriarcha e donde os muitos prezentes, que ordinariamente não estimão se não empregar o tempo na mais innutil ociosidade não permitem a ninguem, outra liberdade: Mas hoje pela manham em que o muito frio os prende preguiçosos na cama, me aproveito de alguns instantes, para lhe testemunhar a minha fiel memoria, e o desejo que tenho da certeza de que paça livre de molestia, e sem tanto trabalho como me representava na sua ultima carta. O meu cuidado se augmenta em hua sezão para V. Mce., pouco favoravel; e se tiver sido como por cá precedida de hua terrivel seca, e agora do mais intenso frio, ainda mais devo inquietar-me. Eu tenho paçado sem acidente de concequencia, sempre me lembrão os dois grandes difluxos, que nas passadas duas sucessivas Primaveras me tem acometido o peito, e que em idade já crescida, não é bem de recear; mas como o verão, e o outono me não tem sido contrarios, vou vivendo, e não me inquietando com ideas tristes, e funestas, que não servem de alivio para os males futuros nem os remedeão.

Terra de Mafra—Estimo muito que a terra de Mafra vá produzindo aquele effeito que prometia, e se o seu inteiro complemento for como se supoem, he grande beneficio para a pobre humanidade. Eu a tenho tão bem aplicado a huma mulher que houve já dia em que a derão por morta, e o cirurgião que a trata, me aviza vay com grande alivio. Como asiste em Cintra não tenho podido examinar os progressos da cura, mas na semana que vem heide lá chegar, para por mim mesmo julgar da efficacia do remedio. Achou-se-lhe carne esponjoza e me mandarão perguntar se lhe porião alguma pedra infernal segurando ao mesmo tempo que a chaga estava diminuta, e bem asombrada. Ella he em hum peito. Tamagnini tão bem a está aplicando a huma chaga interna no utero, e tão bem acha novidade na queicha, e observa que tãobem produz o effeito do laudano, provocando o sono, dormindo com este remedio a doente o que não conseguia sem aquele socorro. Mas o que hé mais para admirar, hé na ordem da Providencia o que são as cousas do mundo. Ouço que José Joaquim de Barros poderá sahir da triste esphera a que se acha reduzido por esta descoberta; quando toda a sua instrucção e merecimento o fazião esquecido. Queira Deos que esta vóz se verifique, porque me deu grande lastima ver perdido hum homem que pode ser tão util a sua Patria, e donde são tão raros os que tem as suas circunstancias. Tamagnini lhe escreveo que o Ministro de França lhe pedira com o mayor empenho 24 arrates da dita terra, e os queria pagar por todo o preço. Na indigencia em que está aquele pobre homem, não hé pequeno beneficio este presente que o Ceo lhe descobrio.

Curiosidades e livros—Espero as suas noticias com o seu parecer a respeito das cadeiras *á Canne*, e que daqui por diante se possão embarcar com os livros, e o mais que V. Mce., me tem reservado. Tão bem fico dando ordem ao Chicolate

para que em havendo ocasião possa remeter-se: e creyo que sendo como o outro hé o que basta.

Vierão-me de Olanda a continuação do Jornal Encyclopédique, e aqui são os livros que se podem ver. Sempre me parecem bem, e como a minha paixão por livros, hé quasi «Maniographiie», ainda conhecendo o estado das letras sempre acho livros que me agradão, e donde sem serem originaes tem couzas que merecem conservar-se? A proposito de hum que achei, ahi impreço, sobre algumas obras de Plutarco pelo Abbé Lamber, lhe peço; e tão bem se aparece-ce a tradução inteira de Amiot, e não fosse muito cara, hé livro de ter, e donde o merecimento nunca será disputado. Os mais que me parecem bem, farei deligencia por estes livreiros para ver se os encontro, quando não recorrerei a V. Mce., para que tenha o trabalho de remeter-mos.

Se V. Mce., sabe alguma couza de novo a respeito da Encyclopedia queira comunicar-mo, e tudo o mais que a este respeito pode intereçar-me. As letras são todo o meu gosto, e não hé na idea de ser sabio, conhecendo quanto este titulo hé dificil, a adquirir, e a incerteza que tem todos os conhecimentos humanos: Mas sim porque me occupa agradavelmente ver a variedade dos juizos dos homens, e as razoens com que cada hum prova ou a sua paixão; ou a sua preocupação. E em muito me agradão pensamentos cheyos de luzes, que não só deleitão mas instruem, e persuadem.

Não me esqueço da recomendação sobre aqueles pontos a respeito da nossa America. Em chegando a Lisbôa darei toda a satisfação que for possivel, e alem de instruções particulares verei se tão bem posso justifica-las com documentos que sei bem donde parão, mas não sei se mos confiarão. A deligencia hade ser como de quem quer servir.

Peço a V. Mce., duas caixinhas de agoa de mileia e se os carmos já não são os que vendem, seja feita pelo Boticario que se persuadir hé mais capás de a fazer com perfeição.

Não posso passar daqui acabou-se o tempo da liberdade mas nunca a vontade de lhe testemunhar a minha fiel e sincera amisade nem o desejo que tenho de lhe dar gosto, e serviço. Deos goarde a V. Mce., muitos annos. Tojal em 12 de 9bro de 1764.

De V. Mce., Amigo Obrigado Venerador

Gonçalo Xavier Alcaçova

Do 12 & 15 Xbro 1764

Saude—Meu Amigo e Snr. Dr. Antonio Ribeiro Sanches, ainda que não tivesse o gosto de receber neste correio o favor das suas letras, que tão bem me tinha chegado no paçado, sempre fazia tenção de me entreter algum tempo neste gostoso exercicio, em que tanto se interessa, a minha sincera amisade mas sinto ver que V. Mce., paça com impreçoens fortes do Inverno, e que as suas fluxões o obrigão a martirisar-se; espero que com isto se remede e todo o danno, e possa atissar o seu fogo sem ao menos dores, que o atormentem. Eu mais repetição tenho tido de algumas palpitaçoens, que emquanto me não afligem, mas como pação, e não ficão resquicios que pareçam de consequencia, não faço caso dellas, e vou o mesmo train ordinario da minha vida, fazendo com que o espirito se não altere, e que as paixoens não me dominem. Innutil para mim, innutil para os outros me vejo já engolfar nesse vasto oceano da eternidade esquecido, e ignorado, como esses milhoens dos meus semelhantes que me tem precedido. Esta idea poderia morteficar a minha vaidade se por minha culpa deichasse de procurar-me hum nome, mas como este o não quereria senão como bemfeitor da humanidade este como não posso merece-lo, consolo-me de me ver como os mais confundido no geral esquecimento.

Terra de Mafra—O primeiro descobridor da terra de Mafra, a justo titulo se poderá salvar deste comum Naufragio: algumas experiencias vão prometendo hum admiravel sucesso com a dita terra; e como o provimento que se remeteo a V. Mce., já terá chegado, com elle se repetirão, e se poderá fazer mais seguro juizo da sua virtude. O cancro que eu estou tratando, isto hé remeteúdo a terra para que se uze, se acha diminuto de mais de dois terços; e hum tumor que a tinha debaixo do braço desfeito metade; mas hum caroso muito duro, está mais rebelde; isto hé não fazendo uzo do remedio se não exteriormente. Agora com o conselho de Tamagnini vou mandár-lhe fazer uzo interior, e espero que este caso não seja dos que deponha menos a favor do dito remedio. O mesmo Tamagnini me disse tinha escrito a V. Mce., o que lhe sucedia com hum no uterus, que elle tratava, e os raros effeitos que tinha produzido. Agora a rogos meos deve hir ao Convento da Roza fazer experiencia em hum cancro horroroso em hum peito, em caso deploravel, donde a morte parece innivitavel e proxima. Já escrevi a V. Mce., o que sabia a respeito do descobridor desta terra, e que me persuadia que mudaria de semblante a sua fortuna: mas depois disso não ouvi falar mais nelle; só sei que hontem chegou o medico que El-Rey tem em Mafra, que vem tão bem falar a respeito da mesma terra, e pedir alguns socorros para poder fazer experiencias em forma das suas virtudes, o que não hé posivel a quem não tem meyos para sustentar pobres com aquele cuidado que pede semelhante observação. Emfim as aparencias, e proprios progressos desta descoberta parecem de suma consequencia, mas por ora não basta para que se divulgue como infalivel a sua virtude. Isto pede tempo, e grande numero de experiencias para que se pronuncie sem temor sobre o seu merecimento. Deos queira que a casualidade fizesse estes beneficios á pobre humanidade.

Livros e curiosidades—Espero os livros e encomendas; e o Chicolate na primeira embarcação poderá partir: Livros os que tenho achado no Jornal Encyclopédique, alguns tenho aqui descoberto, outros espero fazer deligencia e não mestificase sem ter todo o desengano. Mas o que lhe recomendo hé hua amostra de hum novo metal que imita a prata com aprovaçoens, e previlegios, e quero huma escrivaninha de meza e dous castisaes que me parece o preço não escandalisará, porque diz será 12 reis a libra. A fabrica hé, *Ches Mr. Ferand rue Notre Dame de Nazareth prés de L'hotél de Bouflers.* Se chegar esta carta a tempo estimarei que esta encomenda possa vir com as demais; quando não será na primeira ocasião: mas, *Lés siege a Cône,* espero venhão na primeira remessa.

O que V. Mce., me escreve a respeito do negocio mais serio, louvo o seu zelo, e respeito as suas maximas, cheyas da humanidade e de boa Religião, mas há outras consideraçoens que eu porei na sua presença no primeiro correio e não duvide que eu sou sensivel; e o meu coração se assim se não mostra hé porque as leis do Mundo quanto a minha liberdade e que ter hua serta reprezentação, hé ser escravo de certos costumes, donde se não podem transgredir os limites, sem consequencias tristes. Ponderaremos tudo com socego de animo, e bem inticionado, como sempre me prezo de obrár.

Informações—A vida agitada, não hé corrente com o genio, que pede socego, e prizão a casa, mas o corpo necessita daqueles movimentos que não tem duvida me tem sido de grande beneficio. Por este motivo não tenho respondido a V. Mce, coherentemente sobre as perguntas que me fáz a respeito dos Indios da America. Agora espero ter algum socego mais com que examine o historico a respeito do cativeiro e Liberdade, e tudo lhe mandarei na melhor forma posivel.

Entretanto lhe protesto a fiel amizade com que o destingo, e a boa vontade com que quero servilo, e dar-lhe gosto em tudo. Deos goarde a V. Mce., muitos anos. Caza de Santo Amaro 12 de Dezembro de 1764.

Amigo e Obrigado Venerador

(*Continua*) *Gonçalo Xavier de Alcaçova*

UMA FAMILIA HISTORICA

O CONDE DO BOTELHO

No extremo oriental de Villa Franca do Campo ergue-se uma casa de construcção relativamente moderna, mas ostentando na sua frontaria um brasão d'armas, que um cultor de heraldica dirá á primeira vista pertencer a alguem da nobre estirpe dos Botelhos.

Quem, no dia 22 de abril de 1919, passava por essa casa, não podia deixar de notar que n'ella se dava alguma cousa de anormal; e se entrasse, sentiria o espirito assaltado por tristes cogitações.

Pelo atrio, pela escadaria, pelos corredores, por toda a parte, reinava o silencio, um silencio morno e agourento, que confrangia dolorosamente o coração. E' que em um quarto, que tinha o que quer que era da austera simplicidade da cella de um frade, agonisava um homem, que sempre desdenhara as pompas vãs, a que lhe davam incontestavel direito a sua opulencia e gerarchia, e que sempre vivera isolado do mundo, mas cercado da aureola do prestigio social e por isso exercendo grande influencia moral na terra, que fôra outr'ora a capital da Ilha de San Miguel, a residencia dos antigos donatarios.

O moribundo enfraquecia visivelmente, até que a morte, cortando-lhe o ultimo fio da vida, o reduziu a um cadaver. Deixando o involucro mortal, a alma evolou-se para os páramos da eternidade e mais de um ascendente illustre veiu alli receber, na communhão dos espiritos, este seu directo representante.

Quem era afinal o homem, que expirou na tarde do dia 22 de abril de 1919, na casa brasonada do extremo oriental de Villa Franca do Campo?

*

Estava-se na primeira metade do seculo XV, o seculo dos grandes descobrimentos e das grandes explorações maritimas. O ardor da fé e o amor da gloria, ateados pelo mysterio das lendas geographicas e pelo pictoresco das narrativas imaginosas, lançaram os portuguezes numa senda de aventuras, de que resultou a grandiosa odyssêa dos tempos modernos.

O Cabo de Sagres tornara-se o centro de uma actividade febril. Foi na sua penedia, rociada de salsa espuma, que o Infante D. Henrique fizera o seu poiso de aguia para perscrutar não só a vastidão movediça do Atlantico mas ainda o espaço tenebroso, que ficava muitissimo além dos ultimos horizontes.

Sahiam as caravélas com os pannos enfunados pelo vento da esperança. Umas voltavam a trazer alviçaras; outras ficavam sepultadas nas profundezas do abysmo ou desfeitas contra cachopos traiçoeiros ou contra os alcantis das costas, onde apenas se obrigavam aves sanguinarias á espreita de cadaveres boiando á tona d'agua.

Mas o filho do Mestre de Aviz e de Philipa de Lencastre nunca desfallecia. A valentia do seu animo era como a da sua espada temperada nas duras refrégas contra os mouros na tomada de Ceuta.

Corriam vagas noticias de ilhas espalhadas pelo Atlantico; os portulanos desenhavam-nas com nomes mysteriosos e confusos. Para verificar até que ponto eram verdadeiros certos rumores era necessario que as naus descobridoras deixassem a costa africana, caminho até então seguido, e se aventurassem ao mar alto. O Infante confiou esta magna empresa a Fr. Gonçalo Velho, Commendador de Almourol. Acceitou o intrepido navegador tão honrosa quão ardua incumbencia, singrou para o occidente, cruzou os mares e, certificando-se da existencia de ilhas, voltou á patria a dar a bôa nova ao Infante, que lhe premiou os serviços com as donatarias de Santa Maria e de San Miguel.

Em breve appareceram cartas regias concedendo franquias e isenções aos que viessem povoar estes rochedos lavicos, ora osculados ora açoutados pelas vagas oceanicas.

Povoada a Ilha de Santa Maria, impunha-se a colonização de San Miguel, que lhe ficava fronteira. O seu tamanho, o fausto e vigor do seu arvoredo, a amenidade do seu clima, a fertilidade do seu solo deviam influir em animos irrequietos e avidos de aventuras. Por sua parte não descurava o Infante este assumpto e tratou de enviar varios fidalgos de sua casa. Entre os primeiros enviados veiu Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, filho de Pedro Botelho, commendador-mór de Christo.

Diz o chronista que era Gonçalo Váz «abalisado fidalgo, invicto, favorecido entre outros fidalgos na casa do Infante Dom Henrique (1)».

Gonçalo Vaz Botelho gosava de muita auctoridade entre os seus companheiros.

Foi cognominado o Grande, não só pela sua avantajada estatura mas tambem pela sua nobre condição, e teve cinco filhos, sendo o primeiro Nuno Gonçalves Botelho, o terceiro Gonçalo Vaz Andrinho, o Moço, e o quarto João Gonçalves.

Diz o Dr. Gaspar Fructuoso:—«Nuno Gonçalves, primeiro filho de Gonçalo Vaz, o Grande, foi o primeiro homem que nasceu n'esta ilha, de que sua mãe vinha pejada:—casou com Catharina Rodrigues, mulher nobre, viveu no principio em Villa Franca, e depois em Rosto de Cão, por ter alli a melhor parte de sua fazenda: teve de sua mulher dois filhos, e tres filhas, muito honrados, ricos, graves e grandiosos; o primeiro, Jorge Nunes Botelho, foi casado com Margarida de Travassos, filha de Gonçalo Velho Cabral, da qual houve o primeiro filho Nuno Gonçalves Botelho, que foi juiz de Residuo n'esta ilha muitos annos, e casou com dispensa com Isabel de Macedo, sua prima segunda...

Solar do Conde de Botelho

«O terceiro filho de Gonçalo Vaz, o Grande, chamado Gonçalo Vaz, o Moço, e tambem Gonçalo Vaz Andrilho, foi casado com uma filha de Pedro Cordeiro, tabellião das notas de Villa Franca, e de toda a ilha, um dos primeiros homens que veiu a ella, da qual houve estes filhos—O primeiro d'elles chamou-se Gaspar Gonçalves, ao qual matou um touro, sendo solteiro.

O segundo, André Gonçalves de Sampaio, o mais rico homem que houve n'esta terra em seu tempo, e por isso lhe chamavam o Congro, que dizem ser o maior peixe do mar dos que se comem, o qual casou com Guiomar de Teves, filha de João de Teves, almoxarife d'esta ilha, que morava em Villa Franca (2)...»

João Gonçalves, quarto filho de Gonçallo Vaz Botelho, o Grande, teve, entre outros filhos, João d'Arruda da Costa, «morador em Villa Franca, homem muito principal e rico n'esta ilha (3)...»

Como a arvore que, transplantada de um para outro paiz, consegue fixar as

(1)—Gaspar Fructuoso—Saudades da Terra, Liv. IV, cap. IV.
(2)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. IV.
(3)—Idem, Idem.

raizes no novo solo e rica de seiva cresce e desenvolve-se, e[illegible]do verdes ramarias e cobrindo-se de fructos opimos; assim Gonçalo Va[illegible]lho, vindo de Portugal a estabelecer-se na terra virgem de San Miguel, res[illegible] a plenos pulmões em uma atmosphera ricamente oxygenada, foi o tron[illegible] uma progenie illustre, que perdura ainda hoje, passados quasi cinco seculo[illegible]

*

A epocha era então de profundos sentimentos religiosos. As fragrancias da crença christã saturavam o ambiente, aromatizando os tempos cavalheirosos da conquista e da colonização. Os portuguezes, que vieram povoar a Ilha de San Miguel, seus filhos e netos, emquanto arroteavam este rochedo asperrimo coberto de humus feracissimo, cultivaram tambem no terreno generoso de seus corações as sublimes virtudes do Christianismo.

Não ha nega-lo. Os portuguezes, que nos primeiros tempos da colonização vieram á formosa Ilha de San Miguel, não só a arrotearam, não só a enxamearam de povoações; juntamente com a semente, que dá o pão compensador, espalharam, a mãos largas, pelo solo ainda virgem, a fé de Christo, a palavra do Evangelho, que é a semente preciosa de que desabrocham todas as virtudes. Formaram por isso uma população forte e vigorosa, energica e sadia, animada pelo Ideal puro e sagrado da religião.

Por toda a parte os antigos michaelenses, esses avós de honrada memoria, deixaram vestigios da sua fé, monumentos da sua piedade, padrões da grandesa e generosidade do seu animo emprehendedor. Confinados n'uma ilha de ambito acanhado, eram vastos os horizontes, em que se expandia a sua imaginação illuminada pelo sol da crença catholica.

Convento de St.ª André—O Palratorio

Não ha recanto da Ilha que não fale d'esses valentes, cuja vida decorreu serena e tranquilla, entre a oração e o trabalho, ao abrigo de leis justas e paternaes.

Levantaram ermidas, ora nos cimos dos montes, como sentinellas vigilantes, ora no racesso dos valles como refugios de paz e de meditação, ora nas cristas das rochas, á beira mar, como estrellas, que guiavam os navegantes em tempos em que o progresso não tinha inventado os pharoes, e ainda hoje os animam em momentos de afflicção, quando as vagas agitadas por ventos impetuosos pretendem submergir os frageis bateis em que estão postas as esperançns das esposas e dos filhinhos. Ergueram egrejas para a celebração dos mysterios divinos; construiram conventos e mosteiros, onde os homens do sacrificio e da abnegação conservavam sempre acesa a lampa da civilização e as virgens oravam em arroubos mysticos. Fundaram confrarias, que alimentavam o culto e soccorriam os indigentes, e Misericordias, que tinham por fim pôr em pratica o Sermão da Montanha, cujas palavras brotaram, como de fonte inexhaurivel, do coração compassivo do Homem-Deus. Construiram gafarias para leprosos e hos-

pitaes, onde os pobres encontram cura para ás suas enfermidades ou allivio para as dôres, que os torturam.

Foram assim os antigos michaelenses esses antepassados de abençoada memoria. Grandes nos perigos e nas empresas, foram egualmente grandes nas demonstrações da sua fé, na exuberancia dos seus sentimentos piedosos.

Por isso viveram felizes e morreram tranquillos, legando um solo fertilissimo que tinham regado com o suor do seu trabalho e o thesouro das suas tradições religiosas, thesouro que é a mais preciosa herança de maiores.

Instituiu o Infante D. Henrique o templo principal de Villa-franca do Campo, que outra cousa não querem dizer estas palavras do seu testamento:—«Ordenei e estabeleci a Igreja de San Miguel na Ilha de Sam Miguel». Na verdade, era ao Grão-Mestre da Ordem de Christo que competia tomar a iniciativa da fundação de uma egreja, que devia ser a matriz de todas as outras.

No entanto, foi Ruy Gonçalves da Camara que, tendo em 1474 comprado a donataria da Ilha de San Miguel e fixado residencia em Villa Franca do Campo, executou a vontade e as ordens do Infante de Sagres, pois que foi elle que construiu o templo da invocação do Archanjo, como peremptoriamente affirmam Fr. Agostinho de Monte Alverne nas suas *Chronicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores* e Francisco Affonso de Chaves e Mello na sua *Margarita Animada*. Não se pode admittir que a obra de Ruy Gonçalves da Camara fosse uma reedificação ou uma ampliação, porque, suppondo que o povoamento da Ilha começou logo depois da colonização de Santa Maria e que immediatamente se construiu a egreja de San Miguel, desde então até á morte de Ruy Gonçalves da Camara, occorrida em 1497, foi limitado o espaço de tempo que decorreu, para se tornar justificavel uma reedificação; nem o augmento da população foi tal que exigisse uma ampliação. Ainda a 10 de março de 1474, na carta de confirmação da compra da donataria da Ilha de San Miguel, dizia Dona Beatriz ser esta "muito mal aproveitada e pouco povoada (1)».

E' facto que, em carta de 12 de fevereiro de 1471, antes de Ruy Gonçalves haver comprado a donataria, a mesma D. Beatriz apresentou Estevam Vaz para vigario da Ilha de San Miguel; mas n'esse documento (2), bem como em outro identico, com data de 4 de maio de 1473, apresentando Fr. Gonçalo Moniz (3), não se fala em egreja alguma e pelo conteudo de um e de outro vê-se que se trata apenas de padres em quem o Vigario de Thomar delegaria a sua jurisdicção.

Effectivamente o papa Callisto III, na sua bulla *Inter caetera*, de 13 de março de 1456, concedeu á Ordem de Christo a jurisdicção ordinaria nas terras de álem-már, que ficavam sendo *nullius dioecesis* e determinou que essa jurisdicção seria exercida pelo Prior-mór. Assim os habitantes de San Miguel, como os das restantes ilhas dos Açores, estiveram por muito tempo sujeitos ao poder espiritual do Prior de Thomar, que então governava a Ordem com o titulo de Vigario (4).

No dominio do temporal governava-a, como seu cabeça, o Grão-Mestre, seguindo-se-lhe immediatamente o Commendador-mór.

Foi pois D. Henrique que fundou ou instituiu a primitiva Egreja de San Miguel e que ordenou a sua construcção e foi Ruy Gonçalves da Camara, terceiro donatario da Ilha, quem a edificou, cumprindo assim, embora um pouco tardiamente, a vontade e as ordens do Grão-Mestre da Ordem de Christo. E é racional que assim succedesse, pois que os dois primeiros donatarios, não residindo em Villa Franca, não podiam occupar-se de tal obra.

A' instituição do Infante de Sagres associou-se Gonçalo Vaz Botelho, fundando na primitiva Matriz de San Miguel uma capella da invocação de Santo André. Assim o declarou Nuno Gonçalves Botelho, seu bisneto, filho de Jorge Nu-

(1)—Archivo dos Açores, vol. I, pag. 103.
(2)—Archivo dos Açores, vol. III, pag. 9.
(3)—Idem, idem, pag. 10.
(4)—Fortunato de Almeida—*Historia da Egreja em Portugal*, vol. III, parte I, pag. 43 e 563.

nes Botelho e neto do Escudeiro Nuno Gonçalves Botelho, em uma petição que dirigiu a Prospero de Santa Cruz, Nuncio em Lisbôa e Legado *a latere* do Papa Pio IV, como se deduz de um documento inedito datado de 5 de junho de 1561. E' d'esse documento, assignado pelo referido nuncio, o seguinte trecho, que vae em vernaculo:

- «Da parte de Nuno Conçalves Botelho, leigo, morador na cidade de Ponta Delgada da Ilha de San Miguel, Diocese d'Angra, foi-nos apresentada uma petição em que dizia: que antigamente Nuno Gonçalves, seu avô, deixara em testamento umas terras para com os fructos e rendimentos d'ellas se dizer uma missa todas as semanas e o restante se gastar na fabrica e alfaias de uma capella de Santo André que o pae do testador fundara na Igreja Matriz de Villa Franca do Campo (1)...»

Ora o testador é Nuno Gonçalves Botelho, Escudeiro, e o fundador da capella é o pae Gonçalo Vaz Botelho, o Grande. O mesmo testador em seu testamento feito aos 13 de outubro de 1504 nas casas da sua morada em Rosto de Cão e aberto em Villa Franca aos 21 do mesmo mez e anno, diz que quer ser enterrado na Egreja de San Miguel "na capella de seu pae (2)».

Egreja de St.º André

Mas, se Gonçalo Vaz Botelho instituiu ou fundou esta capella, não a construiu. Construiram-na seus filhos João Gonçalves e Gonçalo Vaz Andrinho, como diz o filho d'este ultimo, André Gonçalves de Sampaio, em seu testamento feito em 30 d'agosto de 1552 (3).

Effectivamente não foi o primogenito de Gonçalo Vaz Botelho, o Escudeiro Nuno Gonçalves, que fez a capella de Santo André; ou, se, a principiou, não a acabou, como se deduz das seguintes palavras de seu testamento:—«Vinte mil reis se despendam na obra e fazimento da Capella que elle tem em San Miguel que ficou de seu pae que Deus haja (4)...»

O terramoto de 1522 destruiu a formosa egreja de San Miguel e consequentemente a Capella fundada por Gonçalo Vaz Botelho e construida por seus filhos; mas a religiosidade d'estes homens perpetuou-se atravez dos tempos, transmitindo-se de geração em geração, como honrosa tradição de familia.

Assim, após a grande catastrophe, que espalhou a consternação por todas as ilhas do Archipélago, André Gonçalves de Sampaio edificou uma nova capella de Santo André, onde enterrou o pae, a mãe, os irmãos e irmãs (5), no local onde antes se erguia o magnifico templo do Archanjo San Miguel.

Para junto d'esta capella vieram, em 1533, onze freiras e sete noviças, que viviam na Caloura, d'onde se retiraram com receio d'alguma invasão de corsarios.

(1)—Papeis do Archivo do Conde do Botelho.
(2)—Idem.
(3)—Urbano de Mendonça Dias—A Vila—Vol. II, pag. 21.
(4)—Papeis do Archivo do Conde do Botelho.
(5)—Urbano de Mendonça Dias—A Vila, Vol, II, pag. 22.

Assim nasceu a necessidade da construcção de um mosteiro, para o qual deu terreno e dinheiro João d'Arruda da Costa, primo co-irmão de André Gonçalves de Sampaio e pae de duas das referidas freiras, as madres Maria da Trindade e Isabel do Espirito Santo. Ficou a ermida servindo de capella-mór á egreja do convento, o corpo da qual foi construido em 1530 a expensas de João d'Arruda da Costa para ficar meeiro no direito de sepultura, como realmente ficou, por cedencia de André Gonçalves de Sampaio em contracto do mesmo anno (1).

Diz o dr. Ernesto do Canto, profundo investigador da historia açoriana:

—«Algumas provas ha na *Chronica* de Mont'Alverne de que havia ideia de constituir padroado para o convento.

«A primeira é um breve de 16 de Julho de 1533, dirigido a André Gonçalves de Sampaio—o Congro e seus primos Diogo Nunes Botelho e Jorge Nunes Botelho pelo Nuncio de Portugal, Legado *a latere* do Papa Clemente VII, retirando o mosteiro da obediencia aos claustraes e passando-o para a dos observantes. N'este breve allude-se a certas lettras apostolicas onde se dava licença ao Congro e seus primos para fundarem um mosteiro com o *jus patronatus*.

«A segunda é outro breve de 24 de Janeiro de 1534 expedido pelo *Cardeal presbytero dos quatro santos coroados* aos mesmos individuos supra referidos e tambem a João d'Arruda e Amador da Costa em que se faz a mesma referencia. (Ambos os breves estão reproduzidos em Mont'Alverne).

«Apparece em terceiro logar o testamento de Diogo Nunes Botelho e de sua mulher Isabel Tavares, approvado em 15 de Fevereiro de 1589 e aberto em 2 de Fevereiro de 1545, onde os testadores declaram haver obtido uma Bulla, concedendo a feitura o mosteiro de St.º André e poderem n'elle entrar suas filhas com o dote de 3 moios de trigo e mandavam fosse entregue ao mosteiro, onde era freira professa sua filha Maria de S. João (2)».

Amador da Costa, acima referido, era filho de João d'Arruda da Costa e por consequencia neto de João Gonçalves Botelho (3).

Vê-se, pois, que o grandioso mosteiro de Santo André de Villa Franca do Campo, do qual ainda restam uma pequena parte a que o povo chamava e chama *palratorio*, e a egreja, é obra dos netos de Gonçalo Vaz Botelho, devendo por isso ser considerado como um monumento da fé religiosa d'esta illustre familia.

Mas estes homens, que quasi encheram a sua epocha em San Miguel, não se distinguiram apenas pelos seus sentimentos piedosos; distinguiram-se tambem e muito pelos serviços que generosamente prestaram á Patria no campo das armas.

Jorge Nunes Botelho esteve em Tanger e Azilla (4), em 1510 e 1511, sendo-lhe concedido brasão d'armas por carta regia de 20 de fevereiro de 1533. Eis uma parte desta carta:

—«Dom João por graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné e da conquista, navegação, commercio da Euthiopia, Arabia, Persia e da India, a quantos esta minha carta virem faço saber que Jorge Nunes Botelho, morador na Ilha de S. Miguel, me fez petição como elle descendia por linha directa masculina da geração e linhagem dos Botelhos que n'estes reinos são fidalgos de cotta d'armas, e que as suas armas lhe pertencem de direito pedindo-me por mercê que por memoria dos seus antepassados e elle gosar e usar da honra das armas que pelos merecimentos dos serviços ganharam e lhes foram dadas e assim dos previlegios, honras, graças e mercês, que por direito, por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas ar-

(1) —Ernesto do Canto—*Noticia sobre as Egrejas, Ermidas e Altares da Ilha de S. Miguel em O Preto no Branco*, Anno I, numero 18, pag. 71.

(2)—Ernesto do Canto—*Noticia sobre as Egrejas, Ermidas e Altares da Ilha de S. Miguel em o Preto no Branco*, Anno I, numero 18, pag. 71.

(3)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. V.

(4)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. LXVIII.

mas que estão registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos que tem Portugal meu principal rei d'armas, a qual petição vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas, a qual foi tirada pelo licenciado Christovam Esteves de Espargosa, do meu conselho e desembargador das minhas petições do Paço, e por Belchior Lourenço, escrivão em minha côrte, pela qual se prova elle supplicante descender por linha directa e masculina da dita geração dos Botelhos como filho legitimo que é de Nuno Gonçalves Botelho e neto de Gonçalo Vaz Botelho e bisneto de pedro Botelho, commendador-mór que foi de Christo, que foi fidalgo muito honrado e de muito merecimento e assim elle supplicante vive á lei de fidalgo, pelo que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar em minha carta com seu brasão, Elmo e Timbre, como aqui são devisadas e registadas nos livros do dito Portugal meu rei d'armas, as quaes são as seguintes, a saber: *o campo de ouro e quatro bandas de vermelho, e por differença uma flôr do liz de prata, elmo de prata aberto e guarnecido de ouro, paquife dourado e de vermelho, e por timbre um meio leão d'ouro bandado de vermelho* (1)...»

Em outras cartas de brasões d'armas se allude á nobreza da illustre familia dos Botelhos, como se pode ver nas que vem publicadas a paginas 439 e 441 do volume X do Archivo dos Açores e que são respectivamente de Antonio Botelho de S. Payo (1747) e do licenciado André Gonçalves de Sampaio (1645).

Um filho de Jorge Nunes Botelho, chamado Manuel Botelho Cabral, combateu na India, prestando relevantes serviços por ocasião do cerco que em 1571 fez o Poderoso Hidalcam á cidade e ilha de Gôa com cento e cincoenta mil homens de peleja, entre os quaes trinta e seis mil de cavallo e sete centos elefantes quasi todos armados. Accrescenta o Dr. Gaspar Fructuoso:

Brasão d'Armas de Jorge Nunes Botelho

—«N'este tempo houve outro cerco em uma cidade, sessenta leguas de Gôa, chamada Chaul, onde foi em pessoa o Issa-Maluco, poderoso Rey confederado com o sobredito Hidalcam, com outra tanta gente e elefantes, e tambem se levantou ao cabo de nove mezes, que se acabaram em Agosto de 71, indo desbaratado com perda de trinta mil homens dos seus; e dos nossos morreram 400 de 1.500 que defendiam a cidade e seus muros. N'este conflicto e cerco de Gôa, gastou Manoel Botelho Cabral tanto dinheiro com a gente da sua estancia, em todo o tempo que durou o cerco, dando-lhe de comer á sua custa, sustentando dous cavallos na guerra, estando a India muito cara...

Este gasto tem o sobredito Manoel Botelho Cabral por bem empregado, pelo gosto que recebia em o fazer, e pelas honras que ganhava nos assaltos, combates e batalhas, em que se achou, ganhando a todos, assim nas mesas e iguarias que

(1)—Papeis do Archivo do Conde do Botelho.

dava, como nas dianteiras da guerra o cargo que agora tem na India, de grande authoridade e jurisdicção (1)...».

Diz mais o chronista michaelense:

—«Outro filho tem Jorge Nunes Botelho chamado André Botelho Cabral, de maxima, magnifica e grandiosa condição, muito prudente e esforçado cavalleiro, valente soldado digno de grandes cargos, se os quaes não tivera, se sahira d'esta ilha a outras partes do reino ou fora d'elle; mora na cidade de Ponta Delgada, nas graves e formosas pousadas de seu pae, o qual pelas obras que fez e esforço que mostrou contra os francezes, na defesa d'esta ilha, recebeu de sua Magestade um habito de Christo, com boa tença (2)».

Os netos de Jorge Nunes Botelho não deslustraram a valentia de seu avô e de seus tios. Dois d'elles, filhos de Nuno Gonçalves Botelho, André Botelho e Fernando de Macedo, o Esquerdo, militaram, o primeiro na India de Castella, o segundo na India de Portugal (3).

Pedro da Costa, filho de João Gonçalves e irmão de João d'Arruda da Costa, foi valente e dedicado, chegando a deitar-se ao mar para sustentar Arzilla e teve um filho, chamado Henrique da Costa, esforçado cavalleiro, que perdeu a vista, quando em campo corria contra os mouros (4).

Diz ainda o dr. Gaspar Fructuoso:

—«Teve mais Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, um filho por nome Antam Gonçalves Botelho, que foi o segundo homem que nasceu n'esta ilha, o qual casou e houve uma filha chamada Beatriz Gonçalvas Botelho, que casou com Pedro de Novaes (5)...

«Pedro de Novaes houve de sua mulher os filhos seguintes: O primeiro André Novaes, que d'esta ilha se foi na era de mil quinhentos e quarenta, no principio da guerra que o imperador Carlos V teve com el-rei de França; e tanto que o dito André Novaes chegou á Italia, logo foi reconhecido por homem fidalgo e parente dos Novaes de Castella, como era; e em companhia de André Doria, o velho, o fizeram capitão de cinco Galés; e na guerra onde andava, muito abalisado e favorecido, acabou seus dias em serviço do imperador. Tiveram Pedro de Novaes e sua mulher, Beatriz Gonçalves Botelho, outro filho que chamavam Francisco de Novaes, que casou na Ilha da Madeira com Joanna Ferreira de Drumond, que procede de dona Bella, mulher de el-rei da Escocia: foi uma pessoa muito principal da cidade do Funchal e da governança da dita ilha, de quem procederam filhos, alguns dos quaes andam na India, no serviço de el-rei» (6).

Ainda hoje, passados mais de tres seculos, se sente um fremito de enthusiasmo, quando se considera que estes michaelenses tão galhardamente cortavam os mares em frageis naus, trocando o remanso da sua ilha pelos perigos e aventuras da guerra em longinquos paizes, d'onde em regra voltavam coroados de loiros e enriquecidos de regias mercês!

*

Emquanto alguns membros da illustre familia dos Botelhos corriam risonhos ás terras de álem-mar para com as armas na mão honrarem o Portugal das grandezas epicas, outros arroteavam a Ilha de San Miguel, desbravavam este rochedo asperrimo coberto de emmaranhado arvoredo, por entre o qual a urze esfarellava as suas roxas florescencias.

Jorge Nunes Botelho, filho de Diogo Nunes Botelho e sobrinho de Jorge Nunes Botelho, a quem D. João III concedeu o brasão d'armas, deixou nome assignalado na chronica agricola de San Miguel.

---

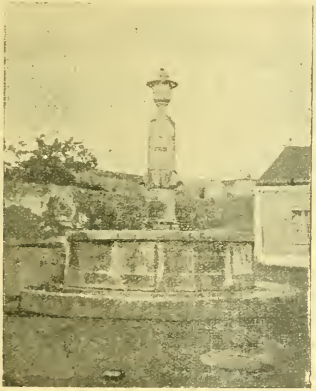
(1)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. IV.
(2)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. IV.
(3)—Idem, idem.
(4)—Idem, idem.
(5)—Idem, idem.
(6)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. XVIII.

Diz o Dr. Gaspar Fructuoso:— «Vive este Jorge Nunes com grande concerto em sua casa, mais que muitos dos moradores da ilha conservando, accrescentando e não diminuindo tudo o que de seu pae lhe ficou; na sua fazenda tem um rico pomar, que somente de larangeiras tem cento e sete, fóra outras muitas fructeiras» (1).

Um distincto agronomo michaelense, tão prematuramente roubado pela morte ao serviço da sua terra, baseando-se na narrativa do Dr. Gaspar Fructuoso, refere-se nos seguintes termos ás explorações agricolas intelligentemente dirigidas pelo filho de Diogo Nunes Botelho:

—«Do que diz o notavel historiador michaelense, vê-se como n'aquelles tempos, em que a vida de certo era muito mais facil do que hoje, já se desenhava nitidamente a tendencia para a polycultura, o que constitue um dos caracteristicos do actual regimen cultural.

«D'entre varios factos apontados destaca-se, pelo interesse historico que offerece, a referencia a um pomar de 107 larangeiras qua fazia parte da grande propriedade de que nos occupamos, que deveria ter existido por 1580; por isso que aprece ter marcado o inicio da cultura de tão preciosa planta na ilha, que mais tarde, foi origem de uma das fontes da sua maior riqueza,



Ruinas das casas de Jorge Nunes Botelho

(vistas do Chafariz do Largo do Poço)

«No dizer do Dr. Fructuoso era tal a abundancia de laranja e outras fructas que se colhiam do referido pomar, que o seu proprietario, não só tinha a sua casa fornecida á farta, como tambem abastecia o mercado de Ponta Delgada, além da grande quantidade de agua de flôr de laranja, que tambem vendia.

«Entre muitas outras culturas prestava a maior attenção á do pastel, Isactis tinctoria L., que tinha desenvolvido em larga escala, possuindo grandes engenhos para moer, não só o de sua producção, como tambem o dos vizinhos.

«Nos terrenos pedregosos, vulgarmente denominados de Biscoito, cultivava grandes extensões de vinhas e não descurava a creação de gados, para o que tinha tambem terrenos de relva.

«A cultura do linho tambem se achava largamente desenvolvida, empregando um grande tanque para o macerar.

«Tinha o seu granel sempre farto de trigo, que cultivava em grande escala, e na sua grande casa de moradia albergava não só a sua numerosa familia e criadagem, como tambem hospedava parentes e amigos, possuindo as dependencias correlativas necessarias para os animaes de serviço proprio, como para os dos visitantes.

«Para abastecer de agua a sua casa, e os de fora, possuia um grande poço, que tinha o nome de Poço de Diogo Nunes Botelho, seu pae.

«Pela situação dada pelo Dr. Gaspar Fructuoso á casa de moradia e respectivo poço, deprehende-se que as ruinas de um grande edificio que existe á entrada da Canada de João Leite, do lado esquerdo quem sobe, são as proprias da casa de moradia acima referida, bem como um poço que ainda existe n'uma pro-

(1)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. IV.

priedade, na mesma altura da Canada, mas do lado direito, é o proprio a que se refere a narrativa do Dr. Fructuoso (1)».

Estas ruinas merecem todo o respeito, pois são uma reliquia historica das passadas eras: são os restos d'uma casa, que foi o centro d'uma grande actividade agricola no seculo XVI e que albergou em 1582 o infeliz pretendente á coroa portugueza, D. Antonio Prior do Crato (2).

Mal sabia Jorge Nunes Botelho que o seu pomar era o prototypo das quintas, que mais tarde tanto contribuiram para a riqueza de San Miguel, e que um seu descendente fundaria uma companhia para a exportação da laranja! Que prazer lhe inundaria a alma, se pudesse vêr, em meados do seculo XIX, durante largos annos, os navios sairem dos portos de Ponta Delgada e de Villa Franca do Campo, levando em seus bojos para Inglaterra grandes carregamentos dos aureos pomos!

O americano Dr. Webster, que com tão pesadas cores fez o quadro da vida social e dos costumes dos morgados nos Açores no começo do seculo XIX (3), devia lembrar-se de que estes descendiam dos fidalgos, que no seculo XV deixaram a lança e o arnez para verem manobrar o arado, que abriu os sulcos, donde brotaram as searas, que primeiro loirejaram ao lado dos bosques verdejantes da flora indigena. O culto pela lavoira não podia deixar de radicar-se em familias insuladas no meio do Atlantico. Não admira portanto que os que os representavam no principio do seculo XIX preferissem o luar das eiras ao brilho dos salões, as alfaias agricolas ás decorações sumptuosas, o ar puro dos campos e a sombra das arvores ás reuniões esplendoras.

Senhora da Vida (Ermida e Casas)

*

Pintadas, embora com pallidas tintas, as feições caracteristicas dos filhos e netos de Gonçalo Vaz Botelho, a sua fé, o seu valor e a sua feição á terra a *alma-mater*, que se desentranha em fructos de abundancia—é tempo de reatar o fio genealogico.

Ao primogenito de Gonçalo Vaz, Nuno Gonçalves Botelho, o primeiro homem que nasceu em San Miguel; que foi escudeiro, casou com Catharina Rodrigues Coutinho e vinculou as terras da Senhora da Vida em Villa Franca do Campo, succedeu seu filho Jorge Nunes Botelho, casado com Margarida Travassos Cabral, filha de Gonçalo Velho Cabral e de Catharina Alvares de Benevides.

A Jorge Nunes Botelho succedeu, na administração do vinculo, seu filho Nuno Gonçalves Botelho, Juiz dos Residuos em San Miguel, casado com sua prima segunda, D. Isabel de Macedo, neta paterna do primeiro donatario da Ilha do Fayal, Jobs de Hutra.

(1)—José Canavarro de Faria e Maia—*Monographia da Freguezia Rural de S. Roque da Ilha de S. Miguel no Districto de Ponta Delgada.*

(2)—Gaspar Fructuoso—*Saudades da Terra*, Liv. IV, cap. CI.

(3)—J. W. Webster—*A Ilha de S. Miguel em 1821*, cap. II (*Archivo dos Açores*, vol. XIII).

A Nuno Gonçalves Botelho succedeu seu filho Fernão de Macedo, o Esquerdo, casado com D. Isabel de Mello, herdeira do vinculo instituido por seu irmão, o capitão Ignacio de Mello, e filha de Diogo de Mello.

A Fernão de Macedo succedeu, na administração dos vinculos, seu filho Fernão de Macedo Botelho, casado com D. Barbara d'Arruda, filha do capitão Sebastião d'Arruda da Costa.

A Fernão de Macedo Botelho succedeu Francisco d'Arruda Botelho, capitão-mór de Villa Franca, onde falleceu a 15 d'agosto de 1695, tendo sido casado com D. Maria Pacheco de Mello, filha do capitão Belchior Manuel da Costa. Francisco d'Arruda e D. Maria Pacheco fundaram a ermida da Senhora da Vida, segundo o seu testamento de 26 de fevereiro de 1695 (1).

A Francisco d'Arruda Botelho succedeu seu filho, o capitão Fernão de Macedo Botelho, que nasceu em 1670 em Villa Franca, onde casou a 17 de julho de 1690 com D. Theresa da Silveira Pacheco, filha do capitão Antonio Pacheco da Silveira.

A Fernão de Macedo Botelho sucedeu seu filho João Bento Botelho d'Arruda, capitão-mór de Villa Franca, casado com D. Maria Josepha da Camara Quental. Fernão de Macedo Botelho teve dois filhos padres, um dos quais, Francisco Antonio Pacheco de Macedo, Fidalgo da Casa Real e senhor de cinco terças de nomeação, fez a ermida da Senhora Mãe de Deus em Villa Franca do Campo, como declara em seu testamento approvado a 25 de outubro de 1762 existente na Bibliotheca Publica de Ponta Delgada. Falleceu a 27, dois dias depois.

A João Bento Botelho d'Arruda succedeu seu filho Manuel José Botelho de Gusmão, sargento-mór de Villa Franca, onde nasceu a 14 d'agosto de 1735.

Senhora Mãe de Deus (Ermida e Casas)

Herdou os vinculos de seu irmão, o capitão-mór Antonio José Botelho d'Arruda, que morreu solteiro. Casou na Sé d'Angra do Heroismo a 4 de Janeiro de 1755 com D. Anna Josepha Pacheco do Amaral, filha do alferes de Ponta Garça, Manuel Pacheco Camilha. Foi feito Moço Fidalgo em 27 de maio de 1777. Como a corrente que, no seu percurso, vae recebendo as aguas de outros rios, até lançar-se opulenta e caudalosa no seio do oceano; assim o vinculo feito nas terras da Senhora da Vida por Nuno Gonçalves Botelho chegou, engrossado de varios bens herdados, até Manuel José Botelho de Gusmão.

Succedeu-lhe José Bento Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, capitão-mór de Villa Franca, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real e coronel de milicias.

Nasceu a 28 de dezembro de 1766 e casou na Matriz de San Miguel a 29 de junho de 1783 com D. Thereza Claudina Botelho de Gusmão, filha de Joaquim José Botelho d'Arruda.

---

(1)—Ernesto do Canto—*Noticia sobre as Egrejas, Ermidas e Altares da Ilha de S. Miguel em O Preto no Branco, Anno III, Numero 108, pag. 10.*

A José Bento Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão succedeu seu filho Manoel José Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, coronel de milicias em Villa Franca, casado com D. Josepha Victoria Soares de Albergaria, filha de Antonio Soares de Sousa Ferreira Albergaria. Foi feito Fidalgo Cavalleiro da Casa Real por carta de D. Maria de 28 de outubro de 1843, referendada pelo prestigioso Duque da Terceira (1).

A Manuel José Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão succedeu seu filho Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, ultimo administrador dos vinculos e primeiro Visconde do Botelho.

Está-se já em pleno seculo XIX, quatro centos annos depois que ás praias da Ilha de San Miguel aportou Gonçalo Vaz Botelho, enviado a povoa-la pelo Infante D. Henrique, o grande vulto, que tão vigorosamente lançou o heroico Portugal na senda gloriosa dos descobrimentos maritimos.

*

Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, ou mais simplesmente o Morgado Nuno, como era vulgarmente conhecido, deixou nome assignalado na chronica do bem. A sua figura, aureolada por alevantados actos de benemerencia, permanece viva na memoria dos villa-franquenses.

Nasceu no dia 10 de setembro de 1813. Educado no seio da familia, que soube inocular-lhe na alma a seiva do sentimento religioso, foi sempre um caracter forte, que exemplificou a bondade e a honradez.

Como politico, militou na hostę progressista, um dos dois grandes partidos da Monarchia Constitucional. A nobreza do seu animo e a fidalguia do seu coração não se deixaram polluir pela onda lamacenta das paixões.

A sua alma temperada nas aguas limpidas da verdade nunca foi accessivel aos odios das rivalidades mesquinhas, aos caprichos das parcialidades ferrenhas e intolerantes. Professava o culto da dignidade humana e sabia muito bem que a consciencia não é artigo avariado, que se ponha em almoeda, e que não ha thesouros e favores que comprem a liberdade do voto.

A munificencia regia recompensou-lhe a dedicação á causa publica, agraciando-o com varias mercês honoficas. Foi feito Cavalleiro da Ordem de Christo por decreto de 21 de setembro de 1842; Fidalgo Cavalleiro da Casa Real por carta regia de 28 de dezembro de 1843; Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa por decreto de 14 de fevereiro de 1849; e finalmente Visconde do Botelho por decreto de 30 de março de 1873 (2).

O morgado Nuno acceitou quasi constrangido estas mercês, simplesmente porque contrariavam a sua modestia. Entre as virtudes, que lhe exornavam o coração, esta perfumou todos os actos da sua vida com delicadas fragrancias. Foi tão modesto que nunca pôs ao peito uma venera, uma insignia de Cavalleiro; nem jamais consentiu que lhe tirassem o retrato. Foi preciso que o sopro gelado da morte o derrubasse, para que o pincel do italiano Giorgio Marini o representasse n'uma tela.

Mas a virtude que o Morgado Nuno mais amou e que constituiu o seu maior titulo de gloria, attrahindo-lhe as bençãos da gratidão e as auras da popularidade foi a caridade.

Praticou-a o fidalgo villa-franquense sem exhibições balcfas, porque só presava a virtude, que marcha sem lisongeiras e clamorosas trombetas na vanguarda. Muitas das suas acções generosas só foram conhecidas depois da sua morte (3).

No seu tempo eram frequentes as crises de trabalho. Em geral, durante a estação invernosa, não tinham serviço os operarios, sóffrendo assim com as suas familias muitas privações. O Morgado Nuno comprazia-se então em dar-lhes que fa-

(1) — Papeis do Archivo do Conde do Botelho.

(2) — Papeis do Archivo do Conde do Botelho.

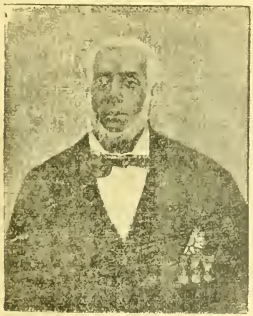
(3) — Antonio Ernesto Tavares d'Andrade — *Biographia do Excellentissimo Senhor Visconde do Botelho.*

zer. Construiu, em meados do seculo XIX, a casa da sua residencia em Villa Franca e outra egual no Livramento, na sua bella propriedade do Botelho, onde em em 1847 erigiu um Oratorio; reedificou em 1846 a ermida da Senhora da Vida e fez reparações em varios predios, ás vezes só com o fim de garantir a subsistencia aos que a ganham com o suor do rosto. Bem sabia o Morgado Nuno cue, como disse Castilho:—«Dar que fazer é mais e melhor que dar dinheiro: é a caridade das caridades».

Não lhe era indifferente o progresso da bôa terra de San Miguel. Para elle concorreu com o seu esforço, já cedendo, sem indemnização alguma, terrenos para abertura de estradas, já construindo pontes ou auxiliando a sua construcção, já protegendo as instituições artisticas e beneficentes. E para tanto não precisava ser rogado. Um exemplo entre muitos: acha-se consignado na acta da sessão do Municipio villa-franquense de 23 de dezembro de 1870:—«Foi presente á Camara um officio do Ex.mo Commendador Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, datado de 18 do corrente mez, no qual expõe reparar á sua custa, debaixo da sua responsabilidade, os estragos feitos na Ponte da Ribeira Secca de Baixo causados pela cheia que ultimamente houve. A Camara auctorisa os referidos reparos e agradece o philantropico offerecimento, dando parte desta deliberação ao mesmo Ex.mo Commendador».

Em 1863 fundou o Morgado Nuno em Villa Franca do Campo uma companhia exportadora de laranja, concorrendo poderosamente com esta iniciativa para o engrandecimeoto da sua terra natal pelo desenvolvimento de tão importante ramo de cultura de commercio.

De sentimentos arreigadamente religiosos, a sua piedade exteriorizava-se em actos concretos, que ainda hoje perduram na memoria do povo. Devotissimo do Senhor da Pedra, associava-se com enternecimento aos populares festejos que annualmente se realizam em Villa Franca em honra da veneranda imagem (1). Concorria generosamente para o culto catholico; offerecia donativos ás egrejas; todos os annos, em quinta-feira santa, vestia doze pobres, a quem esmolava e dava de jantar; promovia a celebração de pomposas festividades na egreja do extincto convento de Santo André, egreja que arrematou em 1861 e de que tomou posse por carta de D. Pedro V, de 10 de outubro do mesmo anno, mandando em seguida restaura-la e pintar os quadros que se acham no tecto, em substituição de outros do do seculo XVII, que é voz corrente terem sido tirados e levados para a Italia, onde foram vendidos, após a extincção das ordens religiosas em Portugal (2). Depois destas obras, foi a egreja de Santo André novamente aberta ao publico em 15 de outubro de 1863 (3).



Morgado Nuno (1.º Visconde do Botelho)

O primeiro Visconde do Botelho morreu no dia 13 de janeiro de 1879. Se a sua vida foi esmaltada de actos de civismo e perfumada de rasgos de caridade, a sua morte foi acompanhada das consolações da crença. Foi a morte de um justo, de um verdadeiro christão, de um authentico Cavalleiro de

(1)—*O Archivo Açoriano,* quinzenario de Ponta Delgada, Anno III, N.º 70 e 72, de 15 d'agosto e 15 de setembro de 1859.

(2)—Luiz Bernardo L. d'Athaide—*Notas sobre Arte,* pag. 127.

(3)—Antonio Ernesto Tavares d'Andrade — *Biographia do Excellentissimo Senhor Visconde do Botelho.*

Christo. Descreveu-a, em phrases de vigoroso colorido, o ilustrado orador, que proferiu o elogio funebre (1).

O Morgado Nuno não deixou testamento. Todo o bem que pôde fazer, quiz fazê-lo em vida. Parece que seguia a maxima de Newton, o genial descobridor da attracção universal:—"Dar por testamento não é dar».

* *

Fallecido o Morgado Nuno, ficou a representação da sua casa na pessoa de seu filho primogenito, José Bento Botelho de Gusmão, Commendador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo por decreto de 23 de outubro de 1872 e segundo Visconde do Botelho por decreto de 27 de março de 1879. Na carta regia de 24 d'abril d'este anno diz D. Luiz:

—"Faço saber aos que esta Minha Carta virem que, tendo sido conferido ao Visconde do Botelho Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho e Gusmão, Fidalgo Cavalleiro da Minha Real Casa, por Decreto de vinte e nove de maio do anno proximo passado de que se expediu o competente Alvará de Lembrança, a mercê de uma vida mais n'este Titulo para se verificar na pessoa de seu filho José Bento Botelho, Commendador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo; e sendo-me agora presente haver fallecido o mencionado Visconde: Hei por bem, tomando em consideração os merecimentos e qualidades que concorrem no dito José Bento Botelho de Gusmão, fazer-lhe mercê do titulo de Visconde do Botelho, em verificação de vida» (2).

O segundo Visconde do Botelho foi feito Conde por decreto de 16 de setembro de 1895. Na carta regia de 20 de Maio d'este anno diz D. Carlos:

—"Faço saber aos que esta Minha Carta virem que, attendendo aos merecimentos e qualidades que concorrem na pessoa do Visconde do Botelho, José Bento Botelho de Gusmão, proprietario na Ilha de São Miguel, e querendo Dar-lhe um novo testemunho de Consideração e apreço em que Tenho a sua pessoa: Hei por bem Fazer-lhe mercê de o Elevar á Grandeza d'estes Reinos com o Titulo de Conde do Botelho, em sua vida (3)».

Exerceu o cargo de Administrador do Concelho, para que foi nomeado por decreto de 4 de maio de 1869, fazendo reverter os seus vencimentos a favor do Municipio. Na acta da sessão de 11 de dezembro do mesmo anno lê-se:—"Mais foi presente outro officio do Sr. Administrador d'este Concelho, José Bento Botelho de Gusmão, sob o numero 293, de 4 do corrente mez, no qual expõe o seu desejo, quanto em si couber, de cooperar nos melhoramentos materiaes e moraes do mesmo Concelho; e offerece a gratificação que vencer no presente anno económico para ser applicada a qualquer melhoramento publico. A Camara congratula-se com os nobres sentimentos de Sua Senhoria e em nome do Municipio agradece a philantropica offerta que será applicada convenientemente».

Lê-se tambem na acta da sessão de 2 de março de 1871:—«Foi mais presente um officio do Senhor Administrador d'este Concelho de quatro de Fevereiro ultimo, em que faz constar a esta Camara que, havendo as estradas municipaes soffrido innumeraveis estragos com as aguas pluviaes e com especialidade a estrada de Ponta Garça, que em diversos pontos ameaça ruina pelo estrago de pontes e archetes construidos no verão passado; e porque conhecia os embaraços em que esta Camara se acha envolvida com o apuro de receita para fazer face á despesa com o aqueducto da agua potavel, não podendo por isso a Camara envolver-se em obras de maiores despesas; e desejando Sua Ex.ª cooperar com os meios ao seu

(1)—P.ᵉ Manoel José Pires—*Oração Funebre Recitada na Egreja Matriz de Villa Franca do Campo na Ilha de San Miguel no dia 14 de Janeiro de 1879 por Occasião das Exequias Solemnes Celebradas* Praesente Corpore *pela Alma do Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr. Visconde do Botelho, Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho Gusmão.*

(2)—Papeis do Archivo do Conde do Botelho.

(3)—Papeis do Archivo do Conde do Botelho.

alcance nos melhoramentos d'este Concelho, tinha o prazer de ceder em favor do cofre municipal o seu vencimento como Administrador d'este Concelho no actual anno economico, para ser applicado na reconstrucção da dita estrada. A Camara toma na mais seria consideração a acção generosa de Sua Ex.ª pelo que dá uma demonstração do quanto deseja beneficiar este municipio, empenhando-se pelos melhoramentos do Concelho. Accordam que se agradeça a Sua Ex.ª, fazendo-se-lhe constar que a sua offerta terá a applicação indicada».

Foi presidente da Camara Municipal de 1873 a 1874 e por varias vezes exerceu as funcções de Juiz substituto, cedendo os seus honorarios aos officiaes inferiores do juizo.

Desempenhou, durante vinte e quatro annos consecutivos, o cargo de Provedor da Santa Casa da Misericordia de Villa Franca do Campo, fazendo uma administração honesta e economica e conseguindo assim accumular um capital, que permittiu a algumas gerencias futuras realisarem melhoramentos importantes no Hospital.

O maior elogio que se pode fazer do Conde do Botelho é que nunca violou o sacrario das tradições da sua familia. Soube continua-las, honrando a memoria dos seus ascendentes. Religioso sem fingimento, nobre sem ostentação, gostava de passar os dias na obscuridade, no remansó da sua casa, campesina lembra bem a-A sua predilecção pela vida Nunes Botelho, que residia quelle seu antepassado, Jorge na exploração do solo. em Rosto de Cão occupado

As cartas, com que a munificencia regia o honrou, não lhe outorgaram a nobreza, pois que esta herdara-a elle de seus avós; mas, ainda assim, não as rasgou. Os pergaminhos da sua fidalguia estão sem macula, apenas tocados pela acção do tempo. Quando o throno plurisecular da Monarchia ruiu ao sopro da revolução de outubro de 1910, o Conde do Botelho ficou no seu posto d'honra, primoroso e leal como os antigos cavalleiros de quem descendia.

O Conde do Botelho

Tal o homem que succumbiu a pertinazes padecimentos na tarde de 22 de abril de 1919, n'essa tarde em que o sol tão somiticamente repartia a sua luz.

Era o duodecimo neto de Pedro Botelho, commendador-mór de Christo; o undecimo neto de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, que chefiou os primeiros povoadores enviados pelo immortal Infante D. Henrique á Ilha de San Miguel; o decimo neto de Nuno Gonçalves Botelho, o primeiro homem que nasceu n'esta formosa terra; o nono neto de Jorge Nunes Botelho, que batalhou em Tanger e Arzilla; emfim o filho de Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, o Morgado Nuno, que escreveu no coração do povo villa-franquense o mais lustroso titulo de gratidão e amizade.

Nascera em 18 de maio de 1847 o Conde do Botelho, lidimo rebento da colossal arvore, que tantas vergonteas e enxertias bracejara no uberrimo solo michaelense.

Padre Ernesto Ferreira

Novos Subsidios para a Ethnographia e para a Historia da Arte Portuguezas

VII

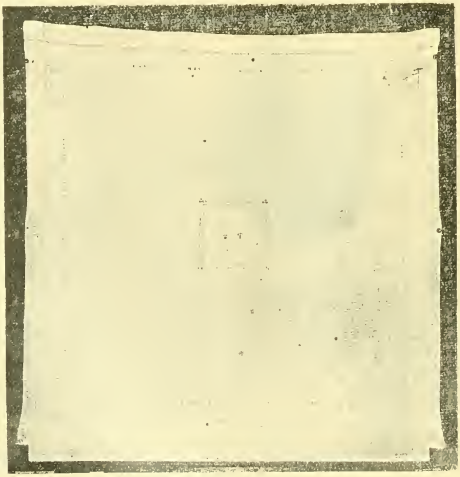
Os corações na arte popular

(Continuação do n.º II, Anno II)

O povo por via da arte que cultiva traduz sempre a sua sentimentalidade por forma muitas vezes interessante, não só pela ingenuidade da concepção, como pela simplicidade ornamental em que a materializa.

A saudade e o amor foram sempre themas carinhosamente tratados em suas lendas e novellas, em seus recortes, lavras e bordados.

O guardador de gado, no isolamento dos mattos, deixava por entre os rudes riscados das colheres e das roças abertos a navalha, um pouco da sua affectividade em impressionante sinceridade, tal como a tecedeira ao urdir as suas teias ou a rendeira ao filigranar as suas rendas, trilhando todos a a mesma senda de pura sentimentalidade.



Lenço Amoroso

As figurações symbolicas do amor surgiam com frequencia e muitas vezes apparecia o proprio coração —no qual o povo só sabe sentir— na phrase de Vieira Natividade, envolvido, em alguns casos, por declarações de amor, por juramentos de fidelidade e por disticos affectuosos, no intuito de causar uma mais viva emoção.

Ternuras, affectos, ciumes e saudades eram expressos pelo povo por meio da artes que cultivava, com aquella espontaneidade com que as palavras lhe afloravam ao labios *vindas só do coração*.

D'entre as producções artisticas d'este genero, muito communs em tempos antigos e já hoje raras, destacaremos duas que reproduzimos, —uma coberta de travesseiro de cama de casal e um lenço amoroso.

N'este, vêem-se ao centro os namorados ladeando dois corações, trespassados de settas e rematados por uma corôa, lendo-se em volta do quadrado central a quadra seguinte:

Os nossos dois corações
Por amor foram ligados
E (?) ão de ser unidos
So por amor soparados

e na orla do lenço — *Entes eu nunca te vira*
Nem em ti amor puzera
Penas não padeceria
Se eu de ti nunca soubera

Nos cantos do lenço apparecem ramos floridos entremeando os versos.

O amor symbolizado nos dois corações centraes era para a auctora do lenço *o rei dos amores*, razão porque os ornava com uma corôa.

A coberta de travesseira é feita em ponto de crivo e representa os dois corações unidos, estylizados, e flammejantes.

Coberta de travesseiro

E' a mesma idéa, o amor conjugal inalteravel, apaixonado e fiel, rodeado por cinco pequenos quadrados com cruzes centraes abertas, lembrando haver sido feita a união á face da egreja e perante Deus, n'um pacto indissoluvel, firmado por laços eternos.

São materializações de elevados sentimentos, guias fundamentaes de um são viver domestico, dentro da mais solida moral e reproduzidas por meio da linguagem artistica do povo, balbuciada, como elle diz, com o coração nas mãos.

VIII

O jogo do Bilro

E' assim chamado o jogo popular mais praticado em São Miguel.

Junto das logecas humildes da Aldeia o vendeiro astuto arma a liça: logo ao sahir da porta que dá para o quintal topâmos com o terreiro oblongo limitado ao fundo de uma e outra banda por forte estacaria de taboas grossas ou toscas costaneiras, estilhaçada quasi sempre pelo bater violento e continuo da pedra ou da bola.

Armado o jogo, está como vulgarmente se diz, armada também a fôrça aos camponezes afreguezados que durante as longas horas dos domingos e dos dias santificados arremessam habilmente a pedra ao bilro bebendo, quando vencedores, copázios de vinho previamente apostados.

E emquanto o bater surdo da bola na estacada desmantellada resoa monotono ou o estalido secco da pancada no bilro se faz ouvir, acompanhados da conta-

gem a meia voz dos jogadores, cuja reza é por vezes interrompida pelas expansões enthusiasticas e jubilosas dos expectadores interessados nas peripecias da contenda, o homemzinho da loja rejubila do artificioso estratagema, servindo lesto as medidas da popular bebida regional, fresca e quasi inoffensiva -*o vinho de cheiro.*

O aspecto do torneio, de caracter tão primitivo, tem o attractivo que sempre dimana da lucta que põe em jogo a força, a destreza e o golpe de vista.

A attenção absorve-se no desenrolar das partidas, a excitação e o enthusiasmo por vezes expandem em vozoaria, a musculatura fortalece-se em movimentações complexas, a vista educa-se nas difficeis pontarias, o cerebro sente-se obrigado a fazer a contagem por si só com a rapidez vertiginosa com que o bilro descreve as viradas pelo ar, sendo, consequentemente esquecidos os dedos para sommar; aprende-se a graduar a força que se imprime á bola pois que n'ella e no ponto em que se attinge o bilro vae toda a sciencia do jogo e finalmente ganham-se cigarros ou bebe-se vinho, o que é sempre summamente agradavel para a gente rustica.

Ao interesse proprio do jogo ha a juntar o pittoresco que em geral offerece o recinto: bancos toscos e mesas grosseiras ladeiam a liça, muitas vezes sob a sombra amena e confortavel da latada frondosa: depois um trecho de bella paizagem toda composta de thesouros de cor e de caprichos de desenho e finalmente a rematar o quadro, ou o recorte nitido dos montes verdes e avelludados, ou a faixa do oceano azul e movediça sob um ceu manchado de farrapos brancos.

Jogo do Bilro

E' n'esses dias de luz clara e sol intenso, em que o tempo norte dá agilidade á musculatura, alegria á alma e vivacidade ao espirito, que os camponezes, um pouco emancipados do torpor açoreano, mais bem dispostos se sentem para o jogo, supportando duras provas de força e de resistencia.

O jogo de que vamos tratar tem a caracterizal-o especialmente a nota predominante de monotonia, de força e de rudeza, bem archaicas, muito mais sensivel ao attentarmos na utilização da pedra polida pelo rolo do mar, tal como elle a abandonou apoz longa brunidura.

Uma vez fomos assistir a um d'esses torneios entre jogadores afamados e não mais esqueceremos o interessantissimo trecho com que deparámos, que, a ser reproduzido em tela, daria um soberbo documento ethnographico, palpitante de notas caracteristicas e cheio de detalhes do melhor cunho local.

Desde a paizagem ampla e magestosamente illuminada pela luz clara de um dia quente de junho, á construcção rustica da logeca, desde os tons frescos e vivos da ceramica indigena, cangirões e canecas brancas listradas de azul claro e de amarello alaranjado, jarras esguias de reminiscencia romanica, até aos typos, ás

physionomias bondosas e aos trajes populares, onde já não se exhibia, nem mesmo nos homens de edade, a carapuça de outros tempos, mas onde se via ainda o barrete de lã de garridas côres e de bordados archaicos, tudo se apresentava com um caracter regional nitidamente definido.

Vejamos agora no que consiste o jogo.

Em um recinto plano de cerca de vinte metros de extensão por tres ou quatro de largo, arredondado nas extremidades vedadas pelos mencionados anteparos de taboas ou costaneiras, armam-se os bilros sobre estacas enterradas que distam das pranchas do fundo da estacada cerca de quatro metros.

E' dentro d'este espaço que os bilros têm de virar.

Elles variam muito de dimensão, no emtanto os que mais vulgarmente se usam são construidos de madeira dura em esguio cone truncado, de dois palmos e meio de comprido com cerca de dez centimetros de diametro na base e de cinco na parte superior.

O Jogo consiste em, com pedras lisas e roladas, como já vimos, pelo mar, ou com bolas cylindricas de madeira de dezoito centimetros de comprido por doze de diametro, approximadamente, lisas e sem cavidades para os dedos, arremessadas pelo ar, derrubar o bilro attingindo-o na altura conveniente e por torma a fazel-o virar o maior numero de vezes possivel.

Um dos jogadores indicados pela sorte abre o jogo; sustem a bola ou a pedra na palma da mão, firma-a com as pontas dos dedos e leva-a depois á linha da vista para fazer a pontaria, collocando-se um pouco atraz ou ao lado do bilro contrario ao que pretende alvejar.

Feita a pontaria, o jogador pucha o braço, ganhando o impulso e depois atira a bola com toda a sua força, dando um ou dois passos para deante.

N'esse movimento para a frente o jogador toma attitude identica ao do discobolo dos gregos.

A bola segue então a sua rapida trajectoria attingindo o alvo quasi sempre.

Ella porém ou bate no chão antes de tocar o bilro, ou derruba-o directamente o que não é indifferente, pois que no primeiro caso a contagem é sempre de dois pontos, embora o bilro vire algumas vezes; ao passo que no segundo, conta-se meia virada por quatro pontos, uma completa por oito e assim por deante, doze, dezaseis, vinte, vinte e quatro pontos, alcançando-se um jogo logo que trinta pontos são obtidos, o que os jogadores afamados conseguem em alguns casos de uma só bolada.

Elles vão arremessando as pedras e não mais lhe tocam senão depois do ultimo ter jogado; então passam todos para o lado opposto, verificam quem tem o ponto, isto é, quem tem o direito a jogar para o bilro opposto em primeiro logar, o que é indicado pela bola que mais perto ficou do bilro.

Inicia-se então nova contagem, jogando em sentido contrario e assim por deante.

A bola que, como deixamos dito, dá o direito da prioridade. conta-se por um ponto e d'ahi o chamarem-na *bola do ponto* e o dizerem *ter o ponto.*

Os jogos seguem-se até ganhar-se a partida que na região occidental da Ilha é de quatro jogos e na oriental geralmente de tres; e só depois então de duas partidas ganhas—*a negra*—é que os vencedores se apossam da aposta feita.

E quando elles dizem que *vão pedir de beber ao melro;* referindo-se naturalmente ao vendeiro, o finorio, o espertalhão, o melro de bico amarello, que vae fazendo o seu negocio sem canceiras e gozando o espectaculo.

A bola deve ser atirada sempre descrevendo o braço uma curva por baixo, e nunca arremessada por sobre a cabeça.

Assim joga o bilro actualmente o povo d'esta Ilha, sport rustico de caracter tradicional, importado provavelmente no seculo XV pelos primeiros povoadores.

Entre as notas ethnographicas deixadas por Gaspar Fructuoso apparece a do *Jogo da bola;* a elle se refere ao tratar da casa de Jorge Nunes Botelho em Rosto de Cão, casa historica hoje quasi desapparecida, onde repousou D. Antonio Prior do Crato.

O *jogo da bola* do seculo XVI infelizmente não descripto pelo chronista, afigura-se-nos haver sido avoengo do actual *jogo do bilro.*

*

O derrubar bilros com bolas de madeira constitue uma forma de divertimento popular muito generalizada.

Numerosos são os jogos de bola usados em regiões diversas do globo, differençando-se já pela dimensão e pelo formato da bola, já pela maneira de a atirar e ainda pelo numero de bilros.

Assim desde a bola grande de 58 centimetros de volta com cava redonda para o pollegar e oblonga para os outros dedos dos vasconços e de Baden, até á de 42 centimetros de Santander, Torralavega e Reinosa a que se refere o professor Aranzadi, desde o jogo com 9 e 10 bilros usado no nordeste da Allemanha e da Hollanda, até ao simples par usado aqui, desde a forma de atirar a bola rolando pelo chão á allemã, até ao arremesso pelo ar como nas Asturias e n'esta ilha, este jogo apresenta modalidades interessantes dignas de estudo.

Jogo do Bilro

No jogo da Suissa que segundo o citado ethnographo se approxima do da Antiga Grecia, onde o arremesso era a pedra, encontramos a maior approximação com o nosso. Não nos tendo sido possivel obter informações detalhadas sobre o que se usa no Continente, sabendo apenas ser o nosso jogo ainda ha alguns annos desconhecido em algumas regiões como na de Coimbra; trazemos no emtanto a lume estes apontamentos a fim de mais facilmente se determinarem as suas parallelas com outros pontos do Paiz.

A haver sido importado pelos portuguezes do seculo XV, ter-se-hia mantido aqui, perdendo-se nas outras provincias com o decorrer do tempo?

Terá sido uma importação de origem estranha introduzida por francezes, flamengos ou espanhoes, elementos que concorreram ás povoações primitivas, que intervieram na constituição do povo açoreano e influiram na sua vida economica, industrial e agricola, interferindo consequentemente no seu fundo ethnographico?

Na descripção que deixamos feita, encontram-se portanto mais uns pequenos subsidios que poderão auxiliar este interessante problema.

Finalizando, esclareceremos mais ser a bola com cavidades para os dedos, segundo nos informaram pessoas de edade, assim como o bilro allemão, importações relativamente recentes e que nenhuma relação tem com a forma archaica e tradicional que deixamos revelada.

A pedra assim arremessada ao madeiro será uma reminiscencia viva d'essas epochas primitivas em que o homem, por esta forma, se devia exercitar, treinando-se para a caça e adquirindo destreza e força para a lucta contra os animaes ferozes e contra os seus proprios semelhantes.

IX

Esculptura de Simões d'Almeida

Na Bibliotheca de Ponta Delgada existe um busto em marmore sobre um plintho, representando o grande poeta michaelense Anthero de Quental esculpido por Simões d'Almeida.

Em 28 de Setembro de 1891 o presidente da Camara Municipal de Ponta Delgada, o Sr. Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, officiava ao Sr. Oliveira Martins, pedindo-lhe que escolhesse em Lisbôa artista que fizesse o busto de Anthero. Oliveira Martins acceitou o encargo como se vê do documento que se segue datado de 12 de outubro do mesmo anno.

"Recebido o officio de V. Ex.ª immediatamente tratei de pôr em execução as suas ordens.

D'entre os esculptores portuguezes pareceu-me que devia escolher o Sr. Simões d'Almeida, auctor da estatua do Duque da Terceira, dos bustos do Duque de Avila e de Fontes que estão na Camara dos Pares, de uma das estatuas e obelisco da Avenida da Liberdade, do D. Sebastião da Galeria da Ajuda e de muitas outrás obras dignas de maior elogio pelo seu merito artistico.

Ajustei por 450$000 reis o busto de marmore, tamanho natural, devendo o preço ser pago em trez prestações á medida que o trabalho for avançando.

N'as epochas correspondentes recorrerei ao Sr. Germano Serrão para este fim, conforme as instrucções do seu officio.

Como praso de conclusão, o esculptor fixou-o em quatro ou cinco mezes. Ao preço do busto accrescerá o plintho ou socco respectivo, caso V. Ex.ª assim ordene que se faça.

O preço indicado, diz-me o esculptor ser o mesmo dos bustos que tem feito para a Camara dos Pares. Ambos elles, especialmente o do Duque d'Avila são excellentes, chegando este a poder considerar-se uma obra prima

Isto me dá a confiança de que, movido ainda mais pela sympathia do retratado, o artista produzirá obra digna d'ambos.

Busto de Anthero de Quental

Pela minha parte já forneci os varios retratos que possuia e acompanharei a execução do trabalho com aquelle cuidado que me impõe a honrosissima commissão em que me investiram mas que eu espontaneamente teria, ainda quando senão me desse tal motivo, levado pela saudade pungente d'esse que foi para mim mais que amigo quasi irmão».

X

Siglas e assignaturas de alguns artistas e artifices

A serie de siglas e assignaturas que abaixo registamos por nós desenhadas e decalcadas (1) deviam ter sido publicadas no primeiro apanhado de notas que reunimos em volume acompanhando as noticias e dados biographicos de alguns

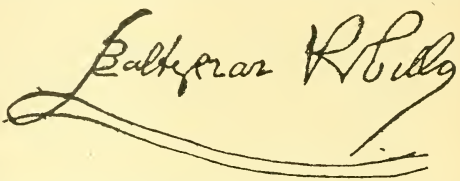
(1) — E' sempre muito difficil dar por este processo uma reproducção rigorosamente exacta, comtudo estamos convencidos de que se algumas deficiencias houver não terão importancia para o caso de uma identificação.

artistas e artifices; não tinhamos porém ainda n'essa occasião este trabalho devidamente organisado e só agora lhe podemos dar publicidade.

Apesar de ser muito modesto o nosso patrimonio artistico, julgamos no emtanto, alguma utilidade poder resultar do conhecimento d'essas assignaturas para o effeito de identificação que porventura seja necessario fazer-se.

SECULO XVI

Assignatura de Balthazar Rebello Barbosa—pintor de imaginaria e oleo; d'elle temos noticias entre 1600 e 1621; vid. Notas Sobre Arte 1.ª parte a pag. 103. Auctor dos papeis pintados para ornamentação do Sepulcro da Santa Casa de Ponta Delgada em 1611.

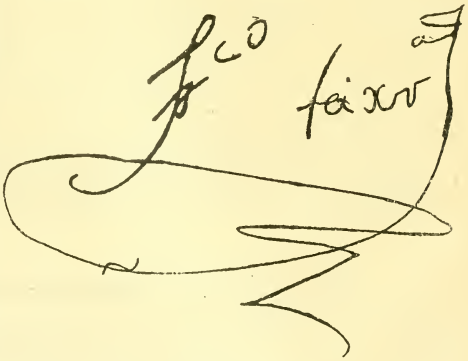


Colhida no registo de admissão para irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em um maço de diversos livros sob o titulo de Livro da Irmandade a pag. 89. Este registo não tem data mas deve ser dos primeiros mezes de 1604.

SECULO XVI

Assignatura de Francisco Teixeira, imaginario.

Parece-nos terem existido dois artistas imaginarios com este nome, vid. Notas sobre Arte 1.ª parte a paginas 26 e 27.



Esta assignatura foi encontrada no Livro da Irmandade da Santa Casa de Ponta Delgada, livro existente no seu archivo.

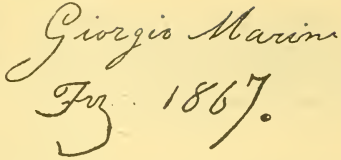
Não tem capas apparecendo apenas a pagina 3 os seguintes dizezeres—Livro da Irmandade. A folhas 46, está o registo de admissão d'este artista para Irmão da Misericordia com data de maio ou junho de 1591.

SECULO XIX

Assignatura do pintor Italiano Giorgio Marini encontrada em um retrato de familia que possuimos.

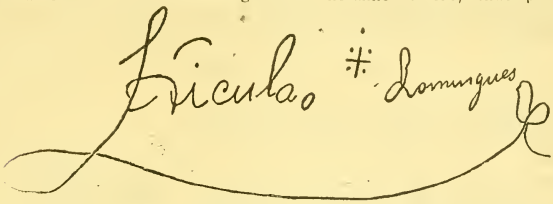
Auctor de numerosos retratos, paineis religiosos e paizagens, permaneceu n'esta Ilha no terceiro quartel do seculo passado.

Vid. Livro citado a paginas 143 e 144.



SECULO XVII

Assignatura do imaginario Nicolau Domingues, artista nascido pelos ultimor annos do seculo XVI e fallecido em 1660; auctor de diversos retabulos, vid. Livro citado a pag. 31 e 32. Esta assignatura foi achada no livro dos assentos dos Irmãos da Santa Casa de Ponta Delgada feito no anno de 1621, sendo provedor



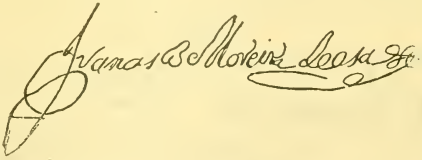
Jacome Leite de Vasconcellos e escrivão Antonio Sanches e que na primeira pagna diz—Livro da Irmandade Antiga—a paginas 64 encontra-se o registo de admissão do artista para irmão e n'ella a assignatura referida.

SECULO XVII

Assignatura de Manuel Romeiro, artista imaginario; que encontramos em recibos de importancias pagas pela Santa Casa de Ponta Delgada pela obra do retabulo e tribuna da capella da Misericordia: no livro da Conta Corrente da mesma de 1700 a paginas 102 verso.

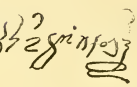
SECULO XVIII

Assignatura de Francisco Moreira de Sá, pintor decorador, encontrada no livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1700, pag. 103 em recibo passado, ao ser pago de dezaseis mil reis pela decoração do throno do Camarim.



SECULO XVIII

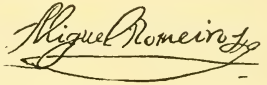
Assignatura do pintor decorador Manuel Fernandes, que se encontra a paginas 96 verso do livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1703, em um recibo passado ao ser pago do trabalho de decoração do retabulo da Egrêja.



SECULO XVII

Assignatura de Miguel Romeiro, artista imaginario, um dos mais afamados artistas de seiscentos, auctor de diversos retabulos.

Vid. Livro citado a paginas 33 — 34 — 35 e 36.



Esta assignatura encontra-se no livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1706 a paginas 112 em um recibo da importancia d: 29$128 reis e mais 58$660 de concertos na tribuna e feitio do retabulo de dois altares collateraes.

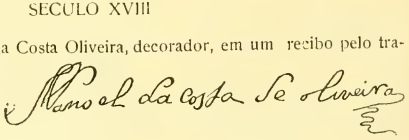
SECULO XVII e XVIII

Assignatura de Amaro de Freitas, pintor decorador, trabalhou em diversos templos entre elles o de Santo André de Villa Franca de 1697 a 1699 de collaboração com um artista flamengo.

Esta assignatura existe no Livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1710 a paginas 102 em um recibo pelo trabalho de decoração do retabulo da capella da Egreja e do nicho do altar do Espirito Santo do que recebeu 56$480.

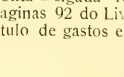
SECULO XVIII

Assignatura de Manoel da Costa Oliveira, decorador, em um recibo pelo trabalho e materiaes para decoração e douradura de dois retabulos collateraes da Egreja da Santa Casa de Ponta Delgada registado a paginas 92 do Livro da Conta Corrente da Misericordia do anno de 1714 sob o titulo de gastos extraordinarios.



SECULO XVIII

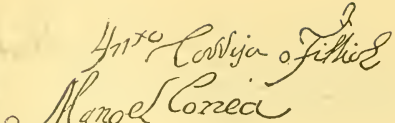
Assignatura do oleiro João de Souza, que apparece no Livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1710. a paginas 103.



Trata se de pagamentos a dois mestres, um Mathias Pereira, pedreiro, e outro João de Souza, oleiro, por trabalho e fornecimento de materiaes para obras no corpo da Egreja. Terá este oleiro fabricado azulejo?

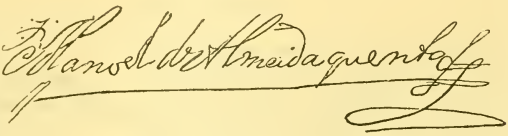
SECULO XVIII

Assignaturas dos entalhadores Manuel e Antonio Correia, em um recibo por trabalhos feitos em um passo construido no Adro da Egreja e na sacristia da Santa Casa de Ponta Delgada, registado no Livro da Conta Corrente da Santa Casa do anno de 1728 a paginas 80.



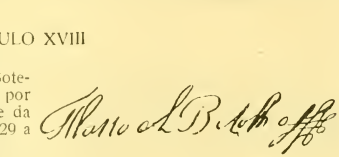
SECULO XVIII

Assignatura do ourives Manuel d'Almeida Quental no Livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada des 1729 a pagina 158.



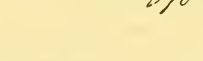
SECULO XVIII

Assignatura do pintor Manuel Botelho que decorou e pintou um passo por 15$000 reis; Livro da Conta Corrente da Santa Casa de Ponta Delgada de 1729 a paginas 158 verso.



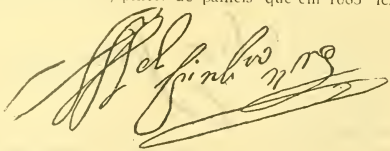
SECULO XVII

Assignatura de Manuel Fernandes, dourador, que dourou o sacrario da Santa Casa de Ponta Delgada por 16$000 reis; Livro da Conta Corrente da mesma Santa Casa do anno de 1681 a paginas 86.



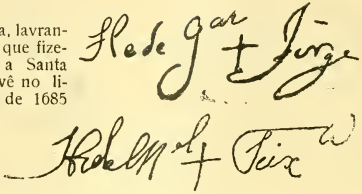
SECULO XVIII

Assignatura de Manuel Pinheiro Moreira, pintor de paineis que em 1685 fez um accrescentamento e illuminou o painel do altar mór da Misericordia de Ponta Delgada, por 12$000 reis. Assigna o recibo d'esta importancia registado no livro da Conta Corrente da Misericordia dos annos de 1684 a 1687, e de 1717, 1723 e 1726 todas no mesmo livro de capas muito deterioradas a paginas 110.



SECULO XVIII

Gaspar Jorge e Manuel Teixeira, lavrantes de pedra de Villa Franca, que fizeram portas, columnas etc., para a Santa Casa de Ponta Delgada o que se vê no livro da Conta Corrente da mesma de 1685 a paginas 109 por 30$000 reis.



SECULO XVIII?

Assignatura de Pedro Lopes, entalhador, que trabalhou na capella e frontispicio do arco da egreja da Santa Casa de Ponta Delgada, ajustando a obra por 200$000 reis e um moio de trigo.

Assigna o respectivo recibo no livro da Conta Corrente da mesma Santa Casa do anno de 1717 a paginas 50.

SECULO XVIII

Assignatura que firma um pequeno quadro a crayon que pertencia á collecção do Sr. Antonio Borges da Camara Medeiros, medindo 0, 15 por 0,20 approximadamente, representa um lago com montes ao fundo e no primeiro plano duas figuras n'um barco atracado, onde se vêem barricas etc.

Não conhecemos este nomo talvez francez.

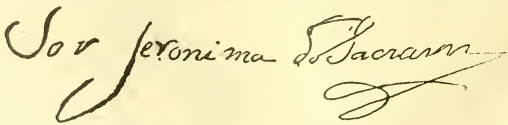
SECULO XVII

Jeronima do Sacramento, Freira do convento de Santo André de Ponta Delgada, artista de valor na manufactura de flores artificiaes.

Vid. Livro citado a paginas 82 e 83.

Esta assignatura encontra-se no livro da Conta Corrente da Misericordia de Ponta Delgada em um recibo da importancia de 14$800 reis pela encommenda de quarenta e oito ramalhetes para ornamentação da tribuna e retabulo nas endoenças.

Anno de 1704 a paginas 98.



SECULO XVIII

Assignatura de João Fen.co, lavrante de pedra, que lavrou as armas da Santa Casa de Ponta Delgada em pedra vinda da Ilha Terceira e fez outros trabalhos recebendo 47$190. Assim o respectivo recibo, registado a paginas 162 do livro da Conta Corrente da Santa Casa de 1765—1767.

SECULO XVIII

Pedro Machado que apparece sob a denominação de esculptor, deve ter sido o auctor dos armarios da Sacristia de Santo André.

Ainda hoje visiveis — Livro citado—a paginas 41.

Assigna o assento de irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 9 de Fevereiro de 1721, o que se vê no Livro da Irmandade da mesma, sendo Provedor o Capitão Gaspar de Medeiros de Souza a paginas 138.

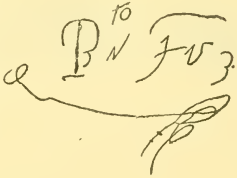
SECULO XVIII

Assignatura de Manuel da Costa Oliveira, pintor, admittido como irmão da St.a Casa de P. Delgada em 5 de Fevereiro de 1719. Livro da Irmandade da mesma,

sendo provedor o Capitão Gaspar de Medeiros de Souza, a paginas 136.

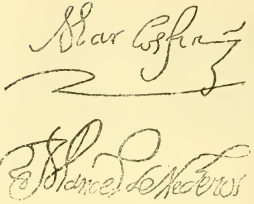
SECULO XVIII

Assignatura e sigla de Bartholomeu Fernandes—azulador—que suppomos ser o oleiro que pintava a côr azul nas louças—sendo assim, temos n'este nome um pintor de ceramica, foi feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 28 de Março de 1677. Livro da Irmandade da mesma 1654—1727.



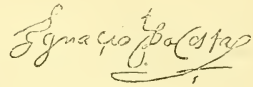
SECULO XVII

Assignaturas dos serralheiros — Marcos Fernandes e Manuel de Medeiros, admittidos em 1663 para irmãos da Santa Casa de Ponta Delgada Livro da Irmandade da mesma 1654—1727.



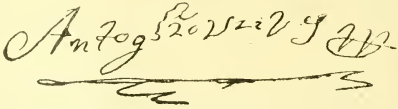
SECULO XVII

Assignatura de Ignacio da Costa, oleiro, acceite por irmão da Santa Casa em 28 de março de 1677, no mesmo Livro da Irmandade a paginas 115.



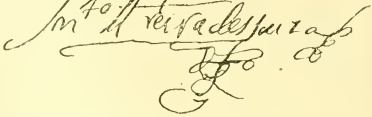
SECULO XVII?

Antonio Gonçalves, ourives, assignou o assento de irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 10 de Fevereiro de 1692, citado Livro a paginas 121.



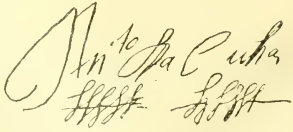
SECULO XVIII

Antonio Moreira de Souza, ourives, foi admittido para irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 24 de Janeiro de 1704 — citado Livro a paginas 128 verso.



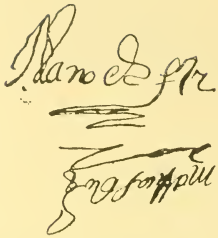
SECULO XVIII

Assignatura e siglas do ourives Antonio da Cunha, admittido por irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 24 de Fevereiro de 1717, citado Livro a paginas 135.



SECULO XVII

Mathias Roiz, serralheiro, e Manuel Fernandes, dourador, feitos irmãos da Santa Casa de Ponta Delgada em 9 de Fevereiro de 1676—citado livro a paginas 115.

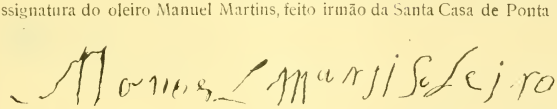


SECULO XVIII

Miguel Machado, marceneiro, feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 1 de Fevereiro de 1722; citado Livro a paginas 138.

SECULO XVII

Assignatura do oleiro Manuel Martins, feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 20 de janeiro de 1693—citado Livro a paginas 122.

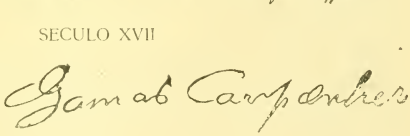


SECULO XVIII

Assignatura do oleiro Manuel de Mello, feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 9 de Fevereiro de 1721, citado livro a paginas 138.

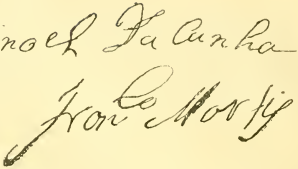
SECULO XVII

Assignatura do ourives Thomaz Carpinteiro, feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 15 de Fevereiro de 1675, citado livro a paginas 114.



SECULO XVIII

Assignaturas dos dois esculptores Manuel da Cunha e Francisco Martins, feitos irmãos da Santa Casa de Ponta Delgada em 24 de janeiro de 1723—citado livro a paginas 139.

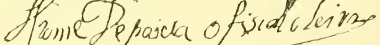


SECULO XVIII

Assignaturas de tres entalhadores—Manuel d'Andrade, André de Fontes e Ignacio Martins Pimentel, feitos irmãos da Santa Casa de Ponta Delgada em 28 de janeiro de 1725, citado livro a paginas 140 verso.

SECULO XVIII

Thomé de Paiva, oleiro, sua assignatura ao ser feito irmão da Misericordia de P. Delgada em 9 de Fevereiro de 1716, citado livro a pag. 134 verso.



SECULO XVIII

Assignatura do pintor Manuel Botelho de Sampayo, feito irmão da Santa Casa de Ponta Delgada em 10 de Fevereiro de 1726, citado livro a paginas 141.

Não despertando a maior parte d'estas assignaturas um interesse immediato, poderão comtudo ser auxiliares apreciaveis na discriminação da auctoria e data de productos artisticos que os amadores de cousas d'arte encontrem.

Já temos visto, por exemplo, alguns modelos (raros) de ceramica com os signaes da manufactura indigena, firmados com assignaturas em abreviatura que só com o auxilio do fac-simile d'estas poderão ser devidamente identificados e approximadamente marcada a epocha da sua composição.

Na primeira parte das Notas sobre Arte, encontram-se informações mais detalhadas dos artistas cujas assignaturas agóra reproduzimos.

Luís Bernardo L. d'Athaide

CHRONICA FINANCEIRA

O Crédito

E' certo que o capital de ha muito trabalha a ir procurar aos mais fundos reconditos do paiz a transacção. Os limitados recursos dos fundos das administrações dos bens das confrarias e irmandades e de algum capitalista particular foram com as leis republicanas extendidas ás Caixas Economicas postaes nas aldeias e os grandes bancos das Capitaes diffundem as suas agencias pelas capitaes dos Districtos concorrendo com as Emprezas locaes.

A 20 de junho em Assembléa Geral foi decidido pela Companhia do Banco Michaelense a não cedencia da gerencia da casa bancaria ao Banco Ultramarino com séde em Lisbôa que lhe propuzera o trespasse da firma pelo preço das acções na praça de Ponta Delgada, no momento, que eram de cem mil reis, ou fossem 50 por cento de lucros ao valor inicial da acção que fôra de cincoenta mil reis por occasião da organisação bancaria.

Este facto mostra bem que o capital das grandes praças se ramifica a prestar os seus concursos áquelles que necessitam dos seus beneficios nas Cidades de Provincia e mesmo nas sédes dos Concelhos

Evidentemente essa acção e iniciativas d'esta ordem são de caracter a drenar o capital rural para as capitaes do paiz e não soffre duvida economica que essa drenagem que é uma emigração de dinheiro não é o regimen ideal nas finanças ruraes. Pode em certos casos ser uma necessidade financeira para o capitalista, mas não é a fonte economica d'onde corre a jorro toda a civilização d'uma localidade. E' certo que a organisação bancaria não escolhe o desconto ao emprestimo ou ao deposito, mas o banco é um estabelecimento que attrahe o capital sobretudo nas tendencias da capitalização divulgada por toda a parte, e a producção é o verdadeiro elemento de civilização, e para ella é preciso adquirir capital para o empregar em ramos d'actividade e nunca empregar capital para auferir juros regularmente.

A actividade da Assembléa Geral do Banco Michaelense é por isso mesmo louvavel combatendo a proposta do Banco Ultramarino n'uma acção administrativa para a capitalização e para o auferimento regular de juros.

O emprestimo foi durante longos annos n'esta terra uma operação d'administração particular sem estarem organisados os estabelecimentos bancarios; o juro de oito a dez por cento desceu em meados do seculo XIX para 6 e desde então manteve-se elevado até aos annos passados em que a guerra tolhendo a compra e portanto a sahida de capital para o extrangeiro, muitas despezas no paiz e muitos emprehendimentos e explorações, accumulou-se e perdeu muito do seu valor descendo para 4 por cento.

Em fevereiro de 1848 José do Canto propoz á Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense a creação dentro dos socios, d'um banco rural, com o fim de dar auxilio financeiro aos agricultores. O seu plano era creal-o com as metades em dinheiro e a outra metade em propriedade pertencente aos socios da Sociedade, fazendo emprestimos a meio por cento ao mez com hypothecas de propriedade, generos arrecadados ou penhores preciosos; contrahindo tambem emprestimos a 5 por cento; creando emissão de lettras; formando um pessoal limitado a um restricto numero de empregados e superintendido por um directorio composto por accionistas.

José do Canto escrupuloso nas preoccupações de vida social e economica, d'uma moral austéra, delicado nos seus planos, prodigo nas suas acções, imbuido d'iniciativa para emprezas d'interesse nacional a que dedicava uma egual attenção

á que dispensava nas organisações particulares do seu interesse proprio, José do Canto tinha um plano d'alcance social com o estabelecimento do Banco Rural: facilitar o crédito, guerreando a usura, e tornando regulamento aberto a todas as actividades o capital. Ainda em 52 tornou José do Canto a insistir na sua idéa apresentando outro projecto de Banco Hypothecario n'uma orientação puramente associativa de crédito chamando á collaboração todas as pessôas que quizessem entregar capitaes pelos quaes receberiam 5 por cento do juro ou contrahir emprestimos não inferiores a sommas de 50 mil reis com obrigatoriedade de amortisações semestraes de 1 por cento para despeza d'administração do banco e mais 1 °|o até 6°|o livremente para amortisação da divida. Aqui a organisação é profusamente regulamentada constando a sua constituição de 201 artigos apertando quer as condições de depositar quer as condições de sahidas de capitaes, prevendo-lhe uma existencia legal e por isso dando-lhe o seu estatuto nos termos definitivos. (Foi publicado no Agricultor Michaelense de fevereiro de 1852).

José Tavares Carreiro

A falta de bancos difficulta as transacções com o extrangeiro, o recurso dos armadores e commerciantes da praça vinha sempre satisfazer com quanto o commerciante insular estava mais restringido, limitado entre meia duzia de consignatarios que recebiam as mercadorias d'exportação e em troca remettiam os objectos ou materiaes d'uso e consumo aqui, bem correu o intercambio com o extrangeiro, mas depois que a multiplicidade das coisas importadas pelo ilheu augmentou, difficultando o trabalho do agente e aggravando a compra e a expedição das mercadorias, a instituição bancaria começava a fazer sentir a necessidade dos seus serviços facilitando a compra de dinheiro extrangeiro ou transporte de valores nacionaes ao mesmo tempo que estabelecia abertamente e com regularidade todas as operações de depositos, descontos e emprestimos.

O Senhor Visconde de Faria e Maia elaborou então o seu livro de propaganda «Os Bancos e circulação fiduciaria» em 1887 que é um modelo de clareza e de bôas doutrinas, expondo os serviços das Instituições com a abertura dos creditos n'uma terra aonde as explorações agrarias tinham fatalmente que se iniciar nos terrenos incultos, fazia a historia das organisações bancarias da Inglaterra e da França, criticava os systemas com os exemplos surgidos pelo decorrer dos tempos, e entrando no regimen das finanças portuguezas elle atacava as theorias de Oliveira Martins e a organisação dada ao banco de Portugal desde o seu inicio em 1846 e no decorrer das reformas que soffrera até 1887.

O Visconde de Faria e Maia tendo exercido as funcções de Secretario Geral do Districto e Governador Civil, tendo sentido na administração publica os defeitos do centralismo politico nos mais pequenos actos administrativos, combatia a organisação preferencial de Banco Emissor ao Banco de Portugal cujo privilegio viera dar logar a tolerancias d'administração justificadas na organisação partidaria e inicial de politica do tempo que não só aggravaram o regimen financeiro do paiz como comprometteram os serviços da Instituição. A emissão de notas, o Visconde de Faria e Maia queria-a extendida a qualquer Sociedade legal e mesmo tolerada a qualquer individualidade que se responsabilisasse em propriedade ou em valores pelas importancias das notas emittidas á circulação combatendo mesmo o exemplo de certas organisações provinciaes dado por Oliveira Martins para a organisação bancaria belga aonde um banco nacional era secundado nas differentes

ocalidades provinciaes por agencias em que os capitalistas reunidos em sociedade estabelecem a taxa do juro e se responsabilisavam pelos emprestimos, elle inclinava-se para o systema americano aonde os bancos eram formados com estatutos proprios n'um regimen liberal e independente podendo usar de faculdades emissoras.

Funccionava desde 1867 a caixa economica fundada pela Sociedade de Soccorros mas os seus serviços que começaram por limitar os depositos a 400 mil reis dando 6 por cento de juro ao anno não possuiam alem do capital de 1.500.000 rs. que poderia ser elevado a 4 contos, sendo as acções para constituirem esse capital no valor de 10 mil rs. cada uma distribuidas pelos socios. Depois em 1876 na reforma dos Estatutos cuja assembléa que os approvou reuniu-se em 4 de dezembro n'uma das aulas do Lyceu da Graça pelas 11 horas do dia sob a presidencia do Dr. Antonio Alberto Pinheiro Barros, que foi reeleito para o cargo, ficou constituindo o capital da caixa o fundo puramente da Sociedade que era de 7 contos, podendo comtudo subir a 12 emittindo-se novas acções de 10 mil reis cada uma.

Francisco Xavier Pinto

O capital em 1895 era de 42 contos, o que demonstra bem os progressos da Associação. Comtudo se a Caixa reunira os socios e se começára a extender os seus beneficios á população da Cidade não era comtudo, se bem que a Sociedade de Soccorros era uma Sociedade prospera, a instituição bancaria desejavel para prover ás necessidades dos negociantes, se os agentes, os exportadores, a gente que commerciava com o extrangeiro e os consignatarios de navios e os armadores eram ainda os banqueiros particulares que procediam a todas as operações de trocas e saques necessarios.

Mesmo assim a Caixa Economicada Associação de Soccorros desenvolveu-se e constituia-se n'um banco, sendo a sua acção como Soccorros prestar a todos os associados auxilios da medicina e pharmacia durante a doença, e pecuniarios aos invalidos, sendo tambem subsidiados os funeraes, pensionadas as viuvas e dotadas as filhas dos socios logo que esses socios não possuissem rendimento, reforma ou pensão superior a 25 mil reis mensaes. (Estatutos de 22 de março de 1898).

Estava o capital então em 52 contos, mas as funcções bancarias eram sobretudo de caracter a servir á collocação do pequeno capital, ao emprego do pé de meia do operario, do serviçal ou do empregado de commercio, sendo os grandes emprestimos contrahidos ainda nos particulares.

Os bancos e os cambistas

Era facto que desde 1876 fora estabelecida a agencia do Banco de Lisbôa e Açôres em Ponta Delgada e o Snr. Francisco Xavier Pinto teve os negocios do Banco de Portugal muito antes da installação da sua succursal na Cidade desde quando passaram as arrecadações de thesouraria a serem depositadas n'aquella casa de credito e esperarem a opportunidade dos pagamentos das folhas ministeriaes aos funccionarios do Estado dos differentes Ministerios e despezas gastas na administração publica do Districto. Mas os creditos não foram as transacções d'estas casas; poucos depositos, e o resto saques, alguns cambios e compra e venda de cheques; os serviços ao Estado sendo mantidos pelo Banco de Portugal até à actualidade, com regularidade.

Mais tarde o Banco Ultramarino tambem tinha aqui um correspondente; mas estando então desenvolvida a acção bancaria no pé em que hoje se apresenta e offerece os seus serviços, representou um papel bem apagado. Pelo outro lado as operações de credito mantido pelos proprietarios chegaram a attingir n'uma só administração particular talvez uma media de cinquenta contos annuaes.

A emigração de 1880 na sua nova phase desenvolvendo-se primeiro para as Ilhas Awahii concentrada depois por conveniencias operarias no continente americano aonde o emigrante encontrava mais regalias e melhores interesses desenvolvendo-se progressivamente todos os annos, deu logar á necessidade de trocas e o progresso das carreiras de navegação transatlantica allemãs e inglezas trazendo annualmente a Ponta Delgada milhares de Turistes em transito, impuzeram a necessidade do estabelecimento d'uma agencia de cambios n'um local central da Cidade. Foi o Senhor Augusto da Silva Moreira que n'um Escriptorio estabelecido á praça Velha (actual Republica) abriu o negocio financeiro ao publico com crescentes vantagens que acompanharam os dois movimentos sociaes—emigração e turismo. A casa de cambio com as suas tabellas acompanhando as fluctuações cambiaes das duas bolsas de Lisbôa e Porto offerecia a garantia da regularidade que as casas de commercio que proporcionavam as mesmas trocas de moeda não offereciam. A affluencia de dinheiro que se expande pelo commercio, o progresso d'esse mesmo commercio, os lucros positivos adquiridos nas industrias das culturas d'ananazes determinam a evolução do capital mais empregado e menos reunido para a exploração financeira.

O vapor Canopic da Companhia White Star Line que leva emigrantes para os Estados Unidos

São as ramificações d'actividade utilizadas que derivam a sua acção para o trabalho e para o goso correlativamente, antes preoccupada na reunião do capital difficilmente e com exito duvidoso empregado em explorações pouco definidas. A influencia do capitalista na engrenagem social é retirar o seu capital para seguros emprehendimentos que a nova actividade abre á sua iniciativa; desappareceram as explorações morosas, o capital fugiu dos campos para a Cidade; os capitalistas reunem-se para a acção em commum aonde os creditos se abrem á finança deixando a agricultura, a quem os Syndicatos Agricolas abrem os cofres nas regiões rusticas; e na Cidade funcciona o banco e a caixa economica vivendo largamente das operações financeiras, recebendo mais depositos que fornecendo capital sob emprestimo.

Em 1913 os movimentos do Banco Michaelense e da Caixa Economica foram os seguintes, como se constata nos balanços que reproduzimos:

CAIXA ECONOMICA

Activo — 1913		*Passivo — 1918*	
Caixa	134.243.86	Depositos	1.608.949.34
Lettras	563.159.90	Fundos	222.538.10
Penhores	16.313.90		1.831.487.44
Hypothecas	1.018.824.42		
Contas correntes	96.906.91		
Mobiliario	2.038.45		
	1.831.487.44		

Hoje as import.as d'esta casa verificam-se nas operações executadas em 1918.

CAIXA ECONOMICA EM 1918

Activo		*Passivo*	
Caixa	36.372.41	Fundos	239.764.400
Lettras	898.596.51	Depositos	2.367.675.63
Penhores	4.470.08		2.607.439.63
Hypothecas	1.120.274.40		
Contas correntes	544.516.23		
Mobiliario	3.210.00		
	2.607.439.63		

BANCO MICHAELENSE 1913

Activo		*Passivo*	
Accionistas	138.000$00	Capital	230.000.00
Caixa	24.795$17,7	Contas diversas	852.44
Carteira commercial	201.769$57,7	Correspondencias em contas correntes	9.728.06,8
Contas diversas	2.980$94,5	Credores por valores depositados	6.000.00
Contas de crédito garantidas	35.271$78,7	Depositos á ordem e a prova	273.546.14,6
Correspondencias em conta corrente	55.001$06,5	Fundos de reserva	3.121.88,3
Dep.to n'outros bancos	13.052$40	Ganhos e perdas	6.103.66,7
Emprestimos	50.897$08		529.352$20,4
Agencia de seguros moveis e utensilios	1.584$17,3		
Valores depositados	6.000$00		
	529.352$20,4		

BANCO MICHAELENSE 1918

Activo		*Passivo*	
Accionistas	115.000$00	Caixa d'apresentações	887$97
Caixa	222.644$39,5	Capital	230.000$00
Carteira commercial	336.975$95	Contas diversas	2.905$77,5
Contas diversas	69.351$80,5	Correspondencias em contas correntes	62.003$58
Contas de credito garantidas	162.544$30,5		
A transpostar	906.516$45,5	A transportar	295.797$32,5

Transporte	906.516$45,5	Transporte	205.707$32,5
Correspondencias em conta corrente	10.039$02,5	Credores por valor depositado	3.000$00
Dep.to n'outros bancos	934.744$94	Dividendos	95$00
Emp.tmos caucionados	123.002$28	Depositos	1.670.907$82,5
Emprestimos sobre penhores	5.914$82	Fundo de reserva	7.456$40,5
Moveis e utensilios e valores depositados	3.000$00	Ganhos e perdas	6.372$60
	1.984.492$21,5		1.984.492$21,5

No decorrer do anno outra casa bancaria vem juntar a sua acção ás casas estabelecidas nos mesmos moldes e orientação: é a Casa Raposo, Amaral e Comt.ª uma firma cujas tradições seriam uma garantia de successo só por si se os meritos do Snr. Raposo d'Amaral não estivessem patentes á sociedade pelos multiplos serviços que lhe têm prestado já em administração publica já na direcção da politica progressista.

O valor da Moeda

Foi n'esta bôa gestação das prosperas finanças michaelenses que surgiu a guerra de 1914 1918 que, impedindo a navegação, fechando os portos, dando lugar a medidas prohibitivas d'importações, paralysou o nosso commercio externo e em breve a industria do ananaz soffria as consequencias fataes d'essa paralysia e cerca de dois mil e duzentos contos com cerca de 2 mil contos mais de interesses dependentes são retirados da vida economica do Districto. A Sociedade Corretora de fructa, outra Sociedade formada com intuitos creditaes para proporcionar o augmento industrial da cultura e auxiliar os cultivadores na exportação por meio do gremio ou auxilio commum, ainda se debateu em iniciativas de exportação tentando a navegação á vela para o transporte de carga, mas succumbiu nas difficuldades que se desenrolavam á maneira que as conveniencias dos governos acaparavam o trafico maritimo e que a acção guerreira dos submarinos allemães crescia d'intensidade. O capital então accumula-se outra vez e a especulação commercial desenvolve-se cumulativamente com o gosto já devido ao encarecimento dos objectos e generos de consumo e com a ociosidade dos primeiros tempos de grande parte de classes da sociedade.

Edifício aonde se vae installar o Banco Ultramarino

Os americanos entraram em guerra em Abril de 1917 e para a policia do Atlantico e garantia do commercio entre a Europa e a America estabeleceram a Base Naval de Ponta Delgada.

Os fornecimentos de viveres augmentaram e algumas explorações no commercio e producção de viveres e comestiveis se estabeleceram.

O capital agrupa-se ahi, emprega-se no commercio da Cidade que se desenvolve e traduz-se em juro garantido e alto; afflue o dinheiro americano cujas trocas dão lugar ao desenvolvimento do commer-

cio dos cambiaes; mas então é que, como as aguas abertas por um dique ao juntarem-se as correntes reunidas d'um rio a outra ribeira se revolucionam ao embate, assim a chegada do dinheiro americano produz desnivelamento nas correntes chrematisticas da Cidade.

O preço do dollar estava a 2 escudos fracos (1.60 centavos fortes) fazendo-se por esse preço as trocas quando no dia 29 de Maio de 1918 recebe-se a noticia que essa moeda que já nos dias anteriores tinha descido levemente de preço nos cambistas da Capital descera na vespera para 1$50 cent., (1$20 cent. fortes). A balburdia que o facto causou é notavel e tanto mais extraordinaria que o preço era cotação de Lisbôa e que a praça de Ponta Delgada devia ser estranha ao facto.

O dinheiro americano não estava de facto depreciado porque a subida d'elle duplicara pouco tempo ao romper-se a guerra vindo contra as leis economicas da offerta e da procura, somente obedecendo aos interesses da especulação monetaria e elevando o potencial do comprador em detrimento do valor dos productos vendidos.

Aqui a critica ainda é pouco severa com a censura que lhe dirijo! Nada explica a tolerancia que existe na sociedade portugueza quanto á alteração do valor das moedas que já no reinado de D. Fernando era combatida por todas as classes commerciantes do paiz. E se n'esse tempo ella era toleravel porque representava uma forma d'imposto revertendo em beneficio da Corôa e indirectamente no paiz e portanto na collectividade, agora ella é o reflexo dos caprichos do negociante não tendo justificação, antes sendo organisada com o intuito de beneficiar com os negocios do Estado referentes á divida externa cujos juros são pagos em dinheiro extrangeiro.

O Banco de Portugal e ao lado o escriptorio do Senhor Augusto da Silva Moreira

São essas alterações de cambios que duplicam o valor dos pagamentos do encargo do Estado junto dos credores extrangeiros quando se trata d'um caso como o succedido com os dollars quando estabelecida a base naval em Ponta Delgada em maio de 1918; o gravame que qualquer elevação de preço de moeda inflige não é só aquelle porque augmenta o valor, é ainda o abatimento que imprime á mercadoria e sobretudo é a desvalorização do producto nacional e da moeda nacional.

A troca da moeda é um serviço remuneravel como é a venda ou a producção de qualquer artigo ou genero, ou qualquer serviço d'escriptorio; e como tal devia merecer a attenção das Bolsas das differentes praças e das Associações Commerciaes e Corporações administrativas que imprimem ao commercio de oiro bases seguras acataveis por todos os cambistas, e tranquillizadoras para todos aquelles que precisam para o seu commercio de dinheiro extrangeiro.

A lição de 28 de Maio é possivel que influa n'esse sentido e accelere a fundação d'uma bolsa de commercio na Praça de Ponta Delgada que nos daria a garantia d'uma regularidade de cambios necessaria á economia publica.

A conservação do agio do ouro internacional impõe-se ao progresso de todos os paizes e estabelecel-o com a regularidade do preço, quer na venda quer na compra, para remuneração de serviços, é caminhar para a obra de civilização que

é o desenvolvimento d'industrias, o augmento de empregos, e a execução do trabalho productor. E como em todo o commercio das riquezas de consumo é necessario a estabilidade do preço de venda, a historia do commercio dos cereaes está a servir d'exemplo a esta demonstração economica. Quando a regularidade é mantida, quando são conservadas as normas de vida entre o consumidor, o commerciante e o agricultor, as coisas passam-se pelo melhor; porém se a avidez inflamma a vaidade do commerciante, se o productor teima em levantar o preço aos cereaes para auferir desmedidos interesses, então os clamores saltam de todos os lados, a miseria ameaça a população e finalmente a revolta estala com o desanimo e a impotencia das massas. E o que acontece com os commerciantes dá-se com os cambistas!

Ha um seculo que os michaelenses exportam laranja e ananazes que chegaram a subir ao valor do milhar de contos annualmente e é tanto mais extraordinaria esta exportação (500 mil malotes e 1.500.000 frutos) que ella equilibrava a balança commercial, pois que os valores das importações annuaes não eram superiores, mas mesmo que fossem, não equivaliam os productos da intensa exportação a outro tanto numerario de moeda extrangeira que era remettida para fóra para pagamento de compras? Seria; mas os agios influiam em nosso desfavor e os ganhos ficavam-se nos trocos muitas vezes e perdiam-se 20 e 30 por cento quando não subia a 50 e 60.

Augusto da Silva Moreira

A acção exercida pelas Camaras Municipaes nos seculos anteriores ao seculo XIX, quando os almotacés tinham por missão fiscalisar as decisões das vereações quanto ao preço dos generos, da obra e dos cereaes, é a hoje seguida pelas auctoridades districtaes para os cereaes em occasiões de crise; deve ser a conservada por meio de accordos internacionaes que se venham a estabelecer para fixar os descontos aos trocos de dinheiro por egual, entre os organismos financeiros de todos os paizes. O abuso é de longa data e elle aggrava em primeiro lugar os interesses do Estado annualmente obrigado a pagamentos em oiro para o extrangeiro para satisfacção dos compromissos da divida externa, todo o commerciante que troca o dinheiro portuguez pelo extrangeiro para pagamento de mercadorias na praça extrangeira, e emfim o comprador, isto é a grande massa da população que produzindo mercadorias já de preço não elevado as vê reduzidas a metade do valor pelo encarecimento de mercadorias extrangeiras.

É um facto que a organisação financeira do Banco Ultramarino estabelecendo agencias em Londres e Paris, facilitando o intercambio monetario entre o extrangeiro e Portugal, trará a regularização nos preços das moedas; mas seja como fôr é nas Camaras Legislativas que a questão deve ser debatida a fim que seja votada a defeza do Estado e é na imprensa das praças mais interessadas, as praças importadoras.

Emquanto o Banco Ultramarino fundava a sua agencia em Ponta Delgada, o seu antigo agente, a quem durante annos estiveram entregues os negocios da Casa bancaria, falleceu. Não era elle que estava encarregado de extender aqui os interesses da Agencia, já entregues a dois intelligentes e habeis gerentes de capitaes conhecedores do meio e scientes das difficuldades de semelhantes missões, mas el-

le era competentissimo e teria certamente assumido o encargo, se os seus multiplos affazeres o não retivessem preso a outras responsabilidades irreconciliaveis. José Tavares Carreiro tinha a agencia d'uma companhia de navegação franceza, a Cyprien Fabre, com carreira regular para os Estados Unidos da America do Norte, que depois da guerra augmentou o numero dos transatlanticos, e era consul d'Italia, que, depois que os transatlanticos de Lloid Sabbaudo da Companhia Nacional e ainda de outra param regularmente no porto e abastecem-se de carvão, multiplicara os affazeres de Chancellaria por uma forma notavel. Bastam estas attribuições para encherem a vida de qualquer cidadão activo, mas o Consul d'Italia nas horas vagas ainda tinha tempo para se occupar d'algumas administrações particulares, não descurando a arte pela qual tinha uma verdadeira inclinação desde novo. A convivencia com o Barão da Fonte Bella influiu certamente para a fortificação dos talentos natos pois que Fonte Bella era um colleccionador d'objectos d'arte e raridades, um pintor espontaneo, desenhando a primor; e o Snr. Tavares Carreiro, um cultor do Bello, exercitou os dotes naturaes escrevendo por forma raramente egualada, e nunca excedida, pelos illuminuristas da renascença e da edade media, quando a Imprensa era uma industria morta ou difficil, apesar d'esses artistas de paciencia viverem em claustros a maior parte das vezes entregues a poucas occupações. Egualar um typo era para elle obra simples e as suas lettras eram sempre, mesmo na correspondencia diaria, um modelo d'harmonia e perfeição, em traços certos, firmes, eguaes, calligraphicamente os mais uniformes possivel. Quando o professor Godinho aqui esteve, o Senhor Tavares Carreiro tomou lições, mas o professor viu logo que não tinha alli um disciplo mas sim um artista muito pessoal, inegualavel no seu genero e capaz de exceder os mais bellos modelos da arte de calligraphia. De resto, qualquer obra de paciencia quer fosse de talha ou cinzel, tendo elle tempo e execução, era um divertimento apenas e as difficuldades venciam-se rapidamente. A sua enorme habilidade em negocios, a grande pratica de contabilidade, os conhecimentos de finanças que possuia, dedicados aos interesses do Banco Ultramarino seriam de beneficos resultados não só para a Instituição como para a sociedade; as suas attenções presas na agencia da carreira de navegação franceza e no consulado d'Italia foram a primeira barreira que o separaram do Banco, a fatalidade do seu fallecimento era a irremediavel e definitiva que se oppunha a semelhante missão.

Não eram estreitas as suas relações de negocios com os extrangeiros, mas elle tinha-os e elles poderiam-no ter levado a negociações convenientes sobre as trocas de moedas; os actuaes agentes que venceram a crise á testa dos negocios do Banco Michaelense não estão comtudo nos casos de offerecerem qualquer esperança n'esta missão, pois que em tudo dependentes dos negocios da séde da organisação bancaria soffrem as influencias de Lisbôa e é de lá que o mal vem.

Dizer que a lei da offerta e da procura influe nas fluctuações monetarias serias é commetter um erro, pois que desde que os compromissos foram tomados entre o governo portuguez e os credores externos, a exportação portugueza para o extrangeiro augmentou immenso, o que equivale a dizer que tambem a entrada d'esse dinheiro augmentou correlativamente. Hintze Ribeiro nas suas experiencias financeiras nas Camaras, quer como representante dos povos quer como ministro, teve sempre o escrupulo de não tocar nos valores da moeda, considerando-os um negocio particular em que não seria justo ingerir-se com imposições officiaes; varias vezes citou os antecedentes historicos citando o reinado de D. Fernando e o de outros reis que, quando as exigencias da Corôa e da Nação assim o exigiam como uma forma d'imposto, arrecadavam os dinheiros, fundiam os metaes e tornavam-nos a cunhar com outro valor inferior; e se elle relatou que os commerciantes se oppuzeram varias vezes a semelhantes praticas que os attingiam nos seus interesses pessoaes de industriaes, commerciantes ou agricultores, nunca disse que o Estado agóra tornado particular em face dos usos e costumes tinha ainda mais direito de reclamar e de se oppor ao lesamento dos seus intererses, ao passo que to-

da a sociedade portugueza é egualmente attingida e impõe-se-lhe o dever de o proclamar tambem.

Era uma comprehensão das coisas, partilhada pelo seu collega do partido opposto, José Luciano de Castro, mas a sua integridade jamais attingida em negocios publicos e sobretudo financeiros não se enalteceu por esta pratica não intervencionista.

Os homens publicos d'hoje não parecem prender-se aos grandes problemas dos quaes este faz parte para a regeneração economica do paiz; mas nos trabalhos d'exploração das minas, no aproveitamento do tempo e do trabalho nas repartições e obras do Estado, na producção industrial e na resolução do problema financeiro está todo o futuro de Portugal.

Dizer que a entrada da moeda por meio da emigração é uma riqueza nacional é proferir a mais falsa affirmação que jámais tem sido affirmada, porque o dinheiro que vem dos emigrantes não compensa o dinheiro que o seu proprio trabalho alcança na Patria e a rodagem que se perde com o seu consumo progressivo, sobretudo no decorrer de alguns annos, quando a descendencia representaria uma geração de novos productores e consumidores. Bom seria que o estabelecimento d'uteis industrias fosse preconisado, pois que ellas absorveriam muitas actividades.

Esta sim que é a bôa doutrina harmonisando-se com os principios moraes d'economia nacional e politica; não ha muita população já para a grande actividade industrial que se está abrindo e os misteres auxiliares e empregos caseiros vão sendo gravemente affectados. Os transtornos que a limitação por falta de braços inflige aos varios misteres e officios são enormes e a economia publica soffre e o augmento das riquezas tambem. Estão estabelecidas as communicações com os Estados Unidos da America do Norte e é natural que a Empreza da White Star Line faça o que já fez a Cyprien Fabre, augmente o numero d'unidades n'esta carreira; as facilidades estão outra vez abertas aos emigrantes apesar de na America quasi fecharem os portos á gente européa que alli affluia em procura de trabalho, por leis especiaes. As populações ruraes estão a ser procuradas não só para o trabalho dos campos aonde se tem pago salarios na Cidade a 2$000 reis com prejuizos importantes para o cultivador que não vende os seus generos por preço correspondente, mas tambem para toda a variedade d'industrias e officios vendo-se constantemente patrões e chefes d'officina azafamados com trabalho a que não podem dar expediente, e são moços d'encardernadores, de entalhadores, de marceneiros, de ferreiros e fundidores etc., etc., que faltam e que só com difficuldade e com muito tempo se encontram.

Toda essa gente representa não só o trabalho que produz como o consumo que faz e o dinheiro que possam mandar ás familias d'America nunca compensa os beneficios que aqui deixarão d'exercer collaborando no desenvolvimento e progresso do trabalho e da riqueza publica, apesar do seu dinheiro valer aqui ao agio presente o dobro do valor do dinheiro portuguez.

E' preciso ter presente que o dinheiro representa os valores do trabalho e da producção e quando elle estiver fóra desta missão, o que acontece quando os agios sobem, deixou de ter a funcção social para que foi creado e sendo uma anomalia é egualmente um prejuizo. Se alguem me viesse dizer que tinha adquirido um automovel a fim de consumir gazolina americana, eu diria que a pessôa estava doida e á borda do crime: os automoveis não servem para consumir gazolina e da emigração não resulta utilidade e não é certamente o dinheiro que do paiz immigrador é enviado para o paiz emigrante pelos expatriados da patria, que a origina.

Agóra está levantada a base naval americana que aqui se estabeleceu em Janeiro de 1918. Os americanos que se abasteciam aqui das carnes, generos comestiveis verdes, fructas e que alem d'isso para o pessoal da Base e para conveniencia dos serviços adquiriram por arrendamento varias habitações e locaes, encontrando no espirito dos fornecedores e dos arrendatarios dos domicilios ainda que a

vontade de prestar serviços uma bitola de preços remuneradores para a occasião, produziram uma alta que foi verdadeiramente nefasta para um grande numero de classes que vivem regularmente d'honorarios certos e que nunca se deveria ter dado se o criterio da defeza dos interesses collectivos estivesse mais solidamente actuando na vida social. Os ordenados dos empregados publicos subiram, subiu toda a tabella dos preços dos generos e das coisas, o que já deveria ter acontecido antes da guerra, mas quando o dinheiro americano que gastava toda essa gente que passava por Ponta Delgada valia o dobro do dinheiro por que os michaelenses auferiam as suas mercadorias com a aggravante de serem todos os misteres e serviços na America muito mais caros do que os nossos, comprehende-se todo o desequilibrio economico que se deu, e a que já atraz fizemos referencia, e, facto extraordinario, quando se manifestou a descida do preço do dollar inexplicavel e só justificavel aos interesses dos cambistas, o Almirante da Base, que era então o Snr. Dunn, com toda a razão defendeu os interesses dos marinheiros americanos prohibindo-os de sahir de bordo emquanto não fosse restituido o preço do dollar ao que era umas horas antes, o que de facto aconteceu dois ou trez dias depois, com a intervenção da Associação Commercial, como já relatei atraz.

Aqui regista-se com bastante pesar a falta de solidariedade que houve por parte da finança, não de solidariedade financeira que essa houve entre os michaelenses e os cambistas de Lisbôa para a defeza dos interesses communs, mas de solidariedade collectiva e social, aquella que serve de pauta aos negocios publicos e que se submette aos principios civicos que se agrupam em volta da causa nacional.

Agora que tudo se normalisa ao redor do commercio, aos financeiros de Ponta Delgada está indicada a missão da regularidade dos cambios e dos agios, isto é, mesmo o seu desapparecimento, se possivel fôr, reconhecendo-se só o premio pelo qual a remuneração do serviço de trocas está garantida.

A Caixa Economica da Associação de Socorros Mutuos de Ponta Delgada

José Claudio de Sousa & C.ª

Estabelecimento de Quinquilharias, Papelaria, Livraria, Louças e Vidros

Representantes da IMPRENSA NACIONAL—Lisboa, da **Manufacture Française d'Armes**, Saint Etiene—França, da **Tinturaria Cambournac**—Lisboa e da importante casa ingleza **Knowles & Foster**—Londres.

Endereço telegraphico—OIDUALC—Pontadelgada

Codigos usados RIBEIRO e A. B. C. 5.ª edição — **CAIXA DO CORREIO n.º 18**

7 Rua Antonio José d'Ameida—9 (Vulgo Rua Nova da Matriz) Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

EUARISTO FERREIRA TRAVASSOS

Papelaria, Livraria e Artigos de Novidade

Papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros

Novidades literarias

Artigos para escriptorio

Postaes e albuns com vistas da ilha, assim como rendas e varios trabalhos manuaes de industria local

Lado Norte da Matriz N.º 23

Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

Livraria Editora Andrade

Angra do Heroismo

Edita obras de fundo recebendo propostas de autores insulares e continentaes

PUBLICAÇÕES RECENTES

Os Açores de Portugal—A Guerra—Portugal no Século XVI—A Crise do Ideal na Arte O Poeta Povo—Esboços.

Agente em Ponta Delgada

FORTUNATO SOARES DE MELO

PAPELARIA AMBAR

DE ERNESTO SOARES DE FREITAS

COMISSARIADO DA POLVORA

Nesta casa encontra-se sempre á venda um variado sortido em papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros, livros em branco, pastas e mais objectos para escriptorios, tintas para aguarelas em bonitos estojos, tela e tintas d'oleo, pinceis e mais artigos para pintura, cuvreiras, pasta e pós dentrificos, sabonetes, oculos, galões dourados para oficiaes, romancee, livros de ensino primario, secundario e normal, diccionarios, etc, etc.

Oficina d'encadernação perfeito acabamento, bom gosto e pontualidade.

Artigos para caça

◄ Bilhetes postaes illustrados ►

ARMAZENS COGUMBREIRO

Esquinas das Ruas Manuel Ignacio Corrêa e Machado dos Santos

MODAS

Confecções para senhoras e creanças

Lãs e sedas nacionaes e estrangeiras

Chapeus, guarda-soes e bengalas

Louças e vidros

ARTIGOS DE RETOERZIRO

Calçado do melhor que se fabrica no paiz pelos ultimos modêlos

Variedade em artigos de aluminio e ferro esmaltado

MEIAS, PEUGAS, CAMISOLAS E OUTROS ARTIGOS DE MALHA

ARTIGOS PARA BRINDES

Tecidos para reposteiros, passadeiras, etc,

COGUMBREIRO & C.ª

PONTA DELGADA, SAM MIGUEL-AÇORES

Fabrica Atlantida

Andrade & Mello

MARCA REGIST.

Manipulação de Licores, Cognacs e Xaropes pelo sistema mais moderno e aperfeiçoado

Alguns typos de licores : Triplice Atlantida—Abaditine—Abade—Curação d'Hollanda—Anizete d'Hollanda—Menthe Glacial (verde)—Creme de Cacau e Baunilha Aniz Christalisado (escarchado) etc. etc.

Não temem confrontos nos preços nem em qualidades

Fabricantes do excelente xarope **TUTTI FRUTTI.**
O melhor entre os melhores.

Deposito e escriptorio : Rua Almirante Reis

Ponta Delgada—S. Miguel—AÇORES

INDICE

PAG.

MONOGRAFIA DE SANTA LUZIA DO LOGAR DAS FETEIRAS—por Antonio José Lopes da Luz 345

NOTAS E ESTATISTICA DA ILHA DE S. MIGUEL—por Francisco Borges da Silva 374

GONSALO XAVIER D'ALCAÇOVA CARNEIRO E CARTAS DA SUA CORRESPONDENCIA PARTICULAR COM ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES 382

UMA FAMILIA HISTORICA—O CONDE DO BOTELHO—pelo P.e Ernesto Ferreira 411

NOVOS SUBSIDIOS PARA A ETHNOGRAPHIA E PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUEZAS—por Luís Bernardo L. d'Athaide 426

CHRONICA FINANCEIRA 441